



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

JOSÉ CLEBER LEANDRO DUARTE

**A ESCRITA COMO EXERCÍCIO ESPIRITUAL: uma leitura sobre o Marco Aurélio  
de Pierre Hadot**

RECIFE  
2023

JOSÉ CLEBER LEANDRO DUARTE

**A ESCRITA COMO EXERCÍCIO ESPIRITUAL: uma leitura sobre o Marco Aurélio  
de Pierre Hadot**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de Concentração: Filosofia

Orientador: Prof.º Marcos Antonio da Silva Filho

Coorientador: Prof.º Bernardo Guadalupe dos Santos Lins Brandão

RECIFE  
2023

Catálogo na Fonte  
Bibliotecário: Rodrigo Leopoldino Cavalcanti I, CRB4-1855

D812e Duarte, José Cléber Leandro.  
Escrita como exercício espiritual : uma leitura sobre o Marco Aurélio de Pierre Hadot / José Cléber Leandro Duarte. – 2023.  
87 f. : 30 cm.

Orientador : Marcos Antonio da Silva Filho.  
Coorientador : Bernardo Lins Brandão.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Recife, 2023.

Inclui referências.

1. Filosofia antiga. 2. Filosofia como modo de vida. 3. Exercício espiritual. 4. Estóicos. 5. Escrita. I. Silva Filho, Marcos Antonio da (Orientador). II. Brandão, Bernardo Lins (Coorientador). III. Título.

100 CDD (22.ed.)

UFPE (BCFCH2023-145)

JOSÉ CLEBER LEANDRO DUARTE

**A ESCRITA COMO EXERCÍCIO ESPIRITUAL: uma leitura sobre o Marco Aurélio  
de Pierre Hadot**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Filosofia.

Aprovada em: 13/06/2023

Área de concentração: Filosofia

BANCA EXAMINADORA

---

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr. Marcos Antonio da Silva Filho  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

---

Coorientador: Prof<sup>o</sup> Dr. Bernardo Guadalupe dos Santos Lins Brandão  
UNIVERSIDA FEDERAL DE MINAS GERAIS

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Marcus Reis Pinheiros  
Universidade Federal Fluminense

---

Examinador externo: Prof<sup>o</sup>. Dr. Aldo Lopes Dinucci  
Universidade Federal de Sergipe

Dedico à minha mãe Maria do Carmo.

À mestra Ângela Fernandes Baía que foi professora e orientadora de graduação em Psicologia. Obrigado pela amizade e por contribuir na minha formação como psicólogo e agora pesquisador.

Obrigado aos meus amigos platônicos Marcílio Bezerra e Marciano Romualdo, o epicurista Capeleiro Maia. Sem o apoio de vocês eu não estaria escrevendo uma dissertação sobre o que mais gosto de estudar. Todos me representam muito bem à Filosofia Antiga.

Ao professor Bernardo Brandão. Sua boa forma de comunicação foi fundamental. Obrigado pela generosidade.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao professor Bernardo Brandão (UFMG). Obrigado por aceitar me orientar.

A professora Loraine Oliveira (UFPE), por me acolher em suas aulas como aluno ouvinte, pela amizade, por me apresentar a Filosofia Antiga e o Pierre Hadot.

Ao professor Marcus Pinheiro, por me permitir participar de algumas aulas on-line na UFF, compreender melhor a filosofia como modo de vida, e por examinar meu trabalho.

Ao professor Aldo Dinucci da (UFS) por aceitar examinar meu trabalho.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo explorar a interpretação de Pierre Hadot sobre as *Meditações* de Marco Aurélio, apresentando a escrita como um Exercício Espiritual. A escrita não é apenas uma forma de registrar pensamentos, mas sim uma prática que transforma a personalidade do escritor. Ao escrever, o Imperador exercitava a arte de persuadir a si mesmo, evocando os dogmas fundamentais do estoicismo e, conseqüentemente, transformando suas representações e ações. Neste trabalho, exploramos as perspectivas intelectuais e morais da filosofia como uma Maneira de Viver, conforme interpretada por Pierre Hadot, e como a escrita pode ser uma ferramenta poderosa para a metamorfose do eu.

**Palavras-chave:** filosofia antiga; filosofia como modo de vida; exercício espiritual; estoicismo; escrita;

## **ABSTRACT**

This work aims to explore Pierre Hadot's interpretation of the Meditations of Marcus Aurelius, revealing how writing is an essential tool, a spiritual exercise. Writing is not just a way of recording thoughts, but rather a practice that transforms the writer's personality. In writing, the emperor exercised the art of persuading himself, evoking the fundamental dogmas of Stoicism and consequently transforming its representations and actions. In this work, we explore the intellectual and moral perspectives of philosophy as a way of living, as interpreted by Pierre Hadot, and how writing can be a powerful tool for the metamorphosis of the self.

**Keywords:** ancient philosophy; philosophy as a way of life; spiritual exercise; writing; stoicism;

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>A DEFINIÇÃO DE FILOSOFIA E DOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS?</b> .....	<b>16</b>
2.1	SOBRE A EXPRESSÃO EXERCICES SPIRITUELS .....	16
2.2	A FILOSOFIA ANTIGA É UMA MANEIRA DE VIVER .....	21
2.3	APRENDER A VIVER .....	25
2.4	APRENDER A DIALOGAR.....	28
2.5	O EXERCÍCIO DO ASSENTIMENTO, DO DESEJO E DA AÇÃO .....	30
2.6	APRENDER A MORRER.....	33
2.7	APRENDER A LER .....	37
<b>3</b>	<b>A ESCRITA COMO UM EXERCÍCIO ESPIRITUAL</b> .....	<b>40</b>
3.1	A FORMAÇÃO FILOSÓFICA DO IMPERADOR.....	40
3.2	SOBRE COMPREENDER UM TEXTO DA ANTIGUIDADE.....	44
3.3	HYPOMNEMATA? .....	50
3.4	A ESCRITA COMO EXERCÍCIO INTELLECTUAL E MORAL.....	55
<b>4</b>	<b>AS LEIS QUE REGEM AS <i>MEDITAÇÕES</i></b> .....	<b>61</b>
4.1	UM FILÓSOFO PESSIMISTA? .....	61
4.2	O ESQUEMA TERNÁRIO DE EPICTETO NAS SETENÇAS AURELIANAS .....	65
4.3	MARCO AURÉLIO E A ARTE DE ANTECIPAR DESGRAÇAS .....	69
4.4	A EDUCAÇÃO FILOSÓFICA E O LUGAR DO FILÓSOFO NO MUNDO.....	75
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>82</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>83</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo investigar a maneira como Marco Aurélio utilizou a escrita como um meio para guiar-se em direção à sabedoria, além de analisar a relação da prática da escrita com a filosofia Antiga. Nesse sentido, a escrita é considerada não apenas uma atividade teórica, mas um Exercício Espiritual. Tal investigação busca compreender como a escrita pode ser uma ferramenta poderosa para melhor desenvolver aspectos intelectuais e morais do ser, modificando a personalidade de quem a exerce.

A conhecida obra *Meditações* de Marco Aurélio foi publicada como um livro filosófico após sua morte, tendo em seu título escrito em grego: *Tá eis Eautón*, que significa *A Mim Mesmo*. A escrita de Marco Aurélio tem um estilo peculiar, pois trata-se de um gênero literário característico do século I d.C., que consiste na prática da expressão de pensamentos por meio de sentenças redigidas à mão, sem pretensões de ser publicadas, sendo nada mais que um tipo de caderno de notas pessoais. Trata-se de um guia mnêmico (*hypomnemata*) composto por máximas, muitas delas repetitivas, as quais são configuradas por leis rigorosas que orientaram o filósofo a se relacionar com o mundo, a tomar juízo das suas representações e ações.

Como veremos, eminentes historiadores e filósofos, de diversas tradições, como, Jaime Brunna (1989), Pierre Hadot (1985), Giovanni Reale (2015), Michel Foucault (2006) e Pierre Grimal (2018), sustentam a ideia de que Marco Aurélio não escreveu interessado em publicar uma obra filosófica, nem registrar algo sobre sua vida pessoal. Na realidade, as *hypomnemata*, metaforicamente falando, foram escritas para serem mortas. Então, se as *Meditações* não se constituem como uma obra filosófica – No sentido de uma obra confeccionada para transmitir informações teóricas, muito menos autobiográfica – Poderíamos então refletir sobre os motivos que tornariam Marco Aurélio um filósofo.

Neste trabalho, apresento que ele recorreu a escrita como um meio de orientação espiritual e, através dela, viveu exercitando sua alma, buscando transformar e formar sua interioridade, revivendo os dogmas do estoicismo de modo que impregnassem à própria personalidade. Essas *Meditações* expressadas à punho foram um modo de continuar incorporando na sua alma às doutrinas do pórtico, doutrinas estas que o colocou no lugar de um dos principais representantes do estoicismo do período imperial. Sendo assim, a compreensão dos pensamentos aurelianos como um Exercício Espiritual designa que o filósofo buscou tornar as doutrinas estoicas vivas dentro de si. Através do ato de escrever, ele se exercitava

filosoficamente examinando sua consciência e retornando a si mesmo através do que escrevia; com isto visava libertar o ego de alienações do corpo e do mundo, transformando o seu ser.

De antemão, deixo claro que não há nessa pesquisa um estudo ou explanação sobre conceitos filosóficos cunhados por Marco Aurélio. Aqui, o que será estudado está diretamente ligado à sua escrita como prática filosófica. Acredito que a chave interpretativa da filosofia Antiga oferecida por Pierre Hadot parece a melhor justificação teórica para explicar a adesão da escrita do Imperador romano, mesmo sem qualquer pretensão de publicação ulterior. Na visão de Pierre Hadot a filosofia na época não era congênere apenas de um fenômeno puramente teórico, mas prático. Nessa época, a escrita era uma ferramenta valiosa para aprimorar aspectos intelectuais e morais. Em suma, a decisão do estoico Marco Aurélio se funda na concepção de que escrever serviria como um meio de “exercitar a alma”. O que torna o exercício da escrita um exercício espiritual?

A escrita, a meditação, a atenção no momento presente, entre outras práticas, foram exercícios por meio dos quais os filósofos antigos buscavam viver e reviver as doutrinas de suas escolas filosóficas. O termo *Aske̅sis tes Psykhes* remete-se a exercitar a alma por meio de sabedorias e práticas que visam conduzir à vida boa. O conjunto de exercícios espirituais integravam à filosofia Antiga e o estoicismo se utilizava vastamente dessa arte de viver. Como evidência disso, Pierre Hadot lança mão de duas listas de exercícios conservados graças a Fílon de Alexandria<sup>1</sup>. Essa lista oferece um panorama terapêutico que diz respeito aos Exercícios Espirituais que Pierre Hadot enriquece sua tese. Ao ler o filósofo francês, podemos perceber os exercícios de abstinências, nas ascetes presentes no pitagorismo, neoplatonismo e de forma mais radical no modo de vida dos padres da Antiguidade, como Evágrio Pôntico.

Nas obras de Pierre Hadot, a escrita como exercício espiritual é um tema presente em diversos textos, porém o filósofo não se dedica extensivamente sobre ele. Na obra *La Citadelle Intérieure* Pierre Hadot (1992) apresenta os conteúdos das *Meditações* como um exercício espiritual. Em duas valiosas sessões, a saber, “*Les Pensées Comme Exercices Spirituels*” e “*L’écriture Comme Exercice Spirituel*” dedica algumas poucas, porém valiosas páginas ao que tomo como tema de minha pesquisa. Ou seja, ele trata do exercício da escrita, mas não de forma detalhada, pois o interesse dos seus trabalhos sobre filosofia é mais abrangente. Por exemplo, identificar as características definidoras da filosofia Antiga por meios das práticas dos diversos exercícios espirituais presentes nas escolas filosóficas.

---

<sup>1</sup> “No entanto, graças a Fílon de Alexandria, possuímos duas listas de exercícios. Elas não coincidem totalmente, mas têm o mérito de nos dar um panorama bastante completo de uma terapêutica filosófica de inspiração estoico-platônica.” (Cf. HADOT, 2014a, p.25). O autor menciona a referência: *Filo, Quis rerum div. Heres, \*253*.

É por intermédio de Pierre Hadot que os exercícios espirituais se tornam claros para se compreender a filosofia no mundo Antigo. Ele menciona, por exemplo, o modo pelo qual os filósofos epicuristas exerciam a valoração veemente do instante presente a cada momento. A forma de como os neoplatônicos se abstinham de alimentos de origem animal, com intuito de purificar o corpo. Que para os estoicos, um dos modos de viver era se submeter as determinações do cosmos, da lei Universal. Ou seja, diversos foram os discursos e modos filosóficos e de se viver a filosofia Antiga, além de viver se exercitando intelectualmente, o filósofo se exercitaria moralmente. O filósofo Antigo era, por assim dizer, um atleta da alma. Para ele fazer filosofia não consistia apenas em se limitar a fazer teorias sobre a realidade, mais que isso, era agir conforme os ensinamentos doutrinários exercitando sua alma.

A expressão *Exercices Spirituels* é inspirada nos *Exercitia Spiritualia* de Santo Inácio de Loyola, sendo oriunda de culturas greco-romanas. Não obstante, Pierre Hadot havia escolhido “Exercícios Morais”, refletiu que era muito redutível, doravante escolheu “Exercícios Intelectuais”, mas não ficou satisfeito até perceber que Exercícios Espirituais integram esses dois aspectos mencionados. Exercícios Espirituais são exercícios que englobam as partes intelectuais e morais da personalidade, e que visam promover uma metamorfose do ser. Portanto, Pierre Hadot leva a compreender a filosofia como uma conversão e orientação espiritual. O sentido do termo “espiritual” envolve aspectos intelectuais (atenção, memória, pensamento, linguagem etc.) e aspectos morais da alma (ser corajoso, prudente, justo etc.). O próprio Pierre Hadot assume que a expressão pode confundir o leitor contemporâneo, visto que a palavra *espirituel* é um conceito carregado de sentidos, principalmente religiosos, veremos o porquê.

Como mencionado o termo grego *askesis* é usado para designar exercícios tanto do corpo quanto da alma. No que concerne à alma foram praticados por filósofos que buscaram dominar os prazeres pulsionais, exercitando para dominar ou desprezar as paixões do corpo. Pierre Hadot destaca que isso fica explícito na busca do cínico Diógenes pela independência da alma sobre o corpo físico e social. Isso implica em uma ascese contínua, uma luta consigo mesmo para se adaptar as inconstâncias da natureza. Para o filósofo francês, grande parte das escolas filosóficas entendiam que, realizando essa prática, a alma não se contaminando com as afecções do corpo, ela teria liberdade de repousar sobre si mesma. Assim, Pierre Hadot argumenta que para o cinismo a filosofia é simplesmente um estado de vida.

Pierre Hadot compreende o papel histórico da filosofia Antiga de maneira muito diferente da atividade acadêmica e universitária. Ele relata que através das leituras de Wittgenstein experienciou uma reviravolta nas suas concepções filosóficas, obtendo assim

novas perspectivas diante do seu trabalho como historiador em filosofia Antiga. Através dos conteúdos da obra *Investigações Filosóficas*, ele notou como tais práticas são atividades que recorrem em grande parte à ordem discursiva, mas que visam modificar a maneira de ver e viver no mundo. A partir disso a compreensão de Pierre Hadot sobre filosofia Antiga passa a ser interpretada como um conjunto efetivo de ações, sendo uma Maneira de Viver. Portanto, da filosofia socrático-platônica ao monasticismo, este modelo de compreender a filosofia se faz presente.

Os Exercícios Espirituais exigem esforço cognitivo e voluntariedade, sendo divididos por Pierre Hadot em três grupos: O primeiro compete apenas aspectos cognitivos da alma, a atenção e a memória. Ao segundo grupo, subjaz capacidade intelectuais, como de ler, escrever, dialogar, falar em voz alta. Por fim, os exercícios ativos, que são os que o filósofo passa a pôr em ação de maneira ativa, as coisas que ele se atinou, meditou, seja escrevendo, seja dialogando consigo mesmo ou com alguém etc. – Sendo esta pesquisa diretamente ligada ao ato da escrita, ou seja, o segundo grupo será o meu principal foco de estudo.

Visto que ao longo de suas pesquisas Pierre Hadot vai aplicando novos elementos, operando mudanças e transitando de uma escola filosófica para outra, compreender o conceito de Exercícios Espirituais não é tarefa simples. Um mesmo exercício é entendido de maneira diferente entre as diferentes escolas. Por exemplo, a concentração no momento presente, para o epicurismo é encarado como um prazer, já no estoicismo como um dever. De modo que, ao tratar do exercício da morte, Pierre Hadot oferece generosamente diversos exemplos, inserindo várias escolas, apresentando as práticas para *aprender a morrer* que vão de Sócrates à Plotino, ele chega até mesmo a mencionar os anacoretas como exemplo.

Outro ponto importante a ser levado em consideração é que nem todas as suas obras há uma organização entre as escolas ou categorias de exercícios, dificultando a pesquisa se ela for feita através de uma perspectiva cronológica e indexada da história da filosofia Antiga. Pierre Hadot é um autor que traz exemplos de Maneiras de Viver diante diversos momentos da história da filosofia, aludindo diversas escolas e, trazendo diversos exercícios espirituais como exemplos.

Dado que a tese hadotiana engloba várias escolas da Antiguidade, e que todas as obras do filósofo francês se debruçam sobre elas, mesmo que indiretamente; leva-se em consideração, que não são todas em que os exercícios são tratados de forma detalhada, e que nesta guisa, não são tão aprofundados. Isto exige que o problema desta pesquisa seja tratado de forma pormenorizada, buscando contribuir a compreensão dos escritos de quem viveu filosoficamente e imperou sobre quase a metade do planeta, Marco Aurélio.

A perspectiva de Pierre Hadot é substancial nesta pesquisa, primeiro porque seu pensamento marca o fim do século XX com uma tese original e que se tornará influente sobre a filosofia Antiga. E, em segundo lugar, por ser um filólogo e tradutor dedicado há mais de vinte anos na pesquisa sobre a filosofia de Marco Aurélio. Como consequência, temos que certas noções que, antes foram relegadas ao desinteresse dos intérpretes do pensamento Antigo, ganham uma nova importância desde o arcabouço hadotiano. Em particular, podemos recorrer à discussão que proporciona sobre Marco Aurélio e as características especiais das *Meditações*.

O método que o filósofo francês interpreta a filosofia Antiga, é típico da França, denominado de genético<sup>2</sup> por Victor Goldschmidt; nele leva-se em consideração não só o que conduz a verdade, mas também e principalmente se preocupa com o contexto dessa verdade. Veremos que nesta pesquisa apresento a concepção de filosofia Antiga e Exercícios Espirituais propostos por Pierre Hadot, em função de compreender o papel que o escrever tem para as doutrinas filosóficas presentes na Antiguidade. Para isso, serão analisadas algumas breves citações de textos Antigos que corroboram com a tese de Pierre Hadot. Sendo assim, o mérito da pesquisa se dá ao evidenciarmos como a escrita tem um papel mais abrangente do que apenas registro de informação para os pensadores de uma época.

Portanto, veremos nas *Meditações* de Marco Aurélio suas potências existenciais e simbólicas, tendo como princípio explicitar a escrita como prática que transforma a vida de um filósofo. As *hypomnemata* de Marco Aurélio serão estudadas conforme sua função filosófica, levando em consideração o seu contexto histórico, dado que a filosofia na sua época apresenta particularidades que não se restringem a atividade filosófica hodierna. Desse modo, evitando anacronismos, e, por fim, deixando em evidência ao leitor que o gênero literário das *hypomnemata*, não cabem ao modo de se pensar os textos filosóficos modernos ou contemporâneos. Por mais válido que seja analisar ou comparar logicamente as premissas e conclusões das sentenças aurelianas o modelo de fazer filosofia atual pode restringir o modo de pensar um texto Antigo.

Para realização deste trabalho, recorri à obra *Meditações* de Marco Aurélio traduzida por Jaime Brunna, da editora *Cultrix*. Tomando como base investigativa as principais obras de Pierre Hadot, traduzidas no Brasil pela editora *É Realizações* e Loyola, do idioma original, e do francês, mesmo encontrando pouca literatura brasileira, principalmente artigos, específicos

---

<sup>2</sup> Para Goldschmidt (Cf: 1970, p. 8), o método genético leva em consideração a causalidade, o tempo e o percurso evolutivo do pensamento filosófico, permitindo dissolver ou explicar possíveis contradições. A história da filosofia é, antes de tudo filosofia, pois é a partir dela que se elabora um método, ao mesmo tempo que científico, também filosófico.

sobre Marco Aurélio; tiveram capítulos de livros sobre estoicismo imperial, e alguns poucos trabalhos secundários no que tange às *hypomnemata*. Até então, aqui no Brasil, os trabalhos sobre Marco Aurélio geralmente estão consubstanciados aos do filósofo Epicteto, é possível encontrar facilmente semelhanças de pensamentos entre eles

A primeira parte da dissertação é dedicada a descrever a complexa riqueza e a variedade das práticas dos Exercícios Espirituais, presentes nos exercícios: “Aprender a Viver”, “Aprender a Dialogar”, “Aprender a Morrer” e “Aprender a Ler”. Veremos, através de diversas escolas filosóficas do mundo Antigo que os Exercícios Espirituais tinham a função de adquirir bons hábitos a fim de elevar aspectos intelectuais e morais do filósofo. Com isto, apresento que um mesmo exercício tinha um conteúdo muito diferente que varia de uma doutrina para outra, como a renúncia do mundo sensível dos platônicos, a descontração, o desapego dos cínicos, o consentimento dos estoicos ao destino etc. Ressaltando que os Exercícios Espirituais são destinados a uma formação interior, sendo uma educação que liberta o filósofo da alienação, transfigura sua visão de mundo modificando seu ser. Portanto, o que designa a filosofia no mundo Antigo é a Maneira de Viver. As principais obras utilizadas foram: *O Que é a Filosofia Antiga? Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga e Filosofia Como Maneira de Viver* de Pierre Hadot.

Na segunda sessão apresento à prática da escrita por via de duas perspectivas distintas, uma filológica, a de Pierre Hadot, e a outra histórica, a de Michel Foucault. Os *Exercícios espirituais* e *Cuidado ou Técnicas de Si* são, por assim dizer, termos equivalentes interpretados metodologicamente de forma distinta. Ambos os filósofos compreendem a escrita de Marco Aurélio como psicagogia, sendo as *hypomnemata* notas ou rascunhos preciosos à vida interior do filósofo. Por um lado, o pensamento hadotiano compreende que a relação que o filósofo tem com a escrita o conduz a eternizar-se no mundo, ultrapassando as barreiras do ego e tornando-se o Todo. Por outro, o pensamento foucaultiano compreende a relação do filósofo com a escrita como uma Técnica de Si, fazendo da vida uma obra de arte, sendo, por assim dizer, uma Ontologia do Presente. As principais obras utilizadas serão *La Cittadella Interieur* de Pierre Hadot, uma obra dedicada exclusivamente a Marco Aurélio e a obra *Hermenêutica do Sujeito* de Michel Foucault da editora Martins Fontes.

Para etapa final, pretendo explanar mais a fundo a obra *Meditações*. Com base na interpretação de Pierre Hadot, busco elucidar a intenção do Imperador ao escrever para si mesmo, fornecer chaves de leitura sobre seus guias mnêmicos desvendando a obscuridade das máximas que, como mencionado por Pierre Hadot, podem soar estranhas ao leitor. Dessa forma, o contexto da formação espiritual de Marco Aurélio se apresenta como um caminho para

compreender a formação do filósofo Antigo e refletir sobre seu lugar no mundo, onde ele aplica seus ensinamentos e a utilidade de seus conhecimentos. Em contraponto à formação espiritual de Marco Aurélio e sua prática, Pierre Hadot destaca que a maioria dos filósofos modernos estão mais interessados em resolver problemas de interpretação de textos e em aplicar uma formação a serviço do Estado. Nesse sentido, as principais obras que serão abordadas nesta sessão são *La Cittadella Interieur* e as *Meditações*.

A expressão "Exercícios Espirituais" e a tese sobre o que é a filosofia Antiga são fundamentais para compreender os primórdios da filosofia ocidental, que consistia em um conjunto de práticas ascéticas guiadas pelo amor à sabedoria. A escrita de Marco Aurélio é, portanto, um itinerário para a progressão espiritual, e suas condutas exemplificam o exercício da razão através da conversão à Filosofia Como Modo de Vida. Através da análise de Pierre Hadot, podemos compreender a importância da filosofia como uma prática transformadora e não apenas como um conjunto de conceitos abstratos. Ao analisarmos a obra do filósofo Imperador sob a perspectiva de Pierre Hadot, percebemos que seu objetivo não era criar conceitos ou solucionar questões metafísicas, mas sim reviver os dogmas fundamentais e transformar seu Ser. Para Marco Aurélio, o problema filosófico em questão era ele mesmo.

## 2 A DEFINIÇÃO DE FILOSOFIA E DOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS?

Inicialmente, apresento ao leitor os principais caminhos para compreender a tese de Pierre Hadot. Para entender a expressão "exercício espiritual" na filosofia Antiga, torna-se fundamental compreender a filosofia hadotiana. Embora ele seja um filósofo generoso na forma de transmitir seu pensamento, às vezes sua generosidade pode dificultar sua mensagem principal, pois é comum encontrar em uma única página de seus textos citações de filósofos de doutrinas, tradições e épocas diferentes. No entanto, a sua interpretação, desde os pré-socráticos até Michel Foucault, tem um denominador comum: a filosofia é, acima de tudo, uma Maneira de Viver.

### 2.1 SOBRE A EXPRESSÃO EXERCICES SPIRITUELS

*Exercices Spirituels*<sup>3</sup> é uma expressão utilizada por Pierre Hadot<sup>4</sup> para designar *askesis* “exercícios” que visam conduzir aspectos intelectuais e morais da personalidade, sobretudo transformar a vida de quem os exerce, isto é, os filósofos. Foi um termo inspirado em Inácio de Loyola<sup>5</sup>, a saber, “*Exercitia Spiritualia*”, cuja versão cristã é congênere da tradição greco-romana e que, além disso, carrega na sua história uma amplitude de compreensão milenar:

Por *Exercícios* espirituais se entende qualquer modo de examinar a consciência, de meditar, de contemplar, de orar vocal e mentalmente, e outras operações espirituais [...] assim como passear, caminhar e correr são

---

<sup>3</sup> Na obra *Não Se Esqueça de Viver*, a expressão “Exercícios Espirituais” também foram empregadas por alguns historiadores do conhecimento, como: Louis Gernet e Jean-Pierre, entre outros autores, como: Georges Friedmann sendo, os termos, isentos de conotações religiosas (Cf. HADOT, 2019, p. 9).

<sup>4</sup> Filósofo de formação cristã, profundamente marcado pelo existencialismo e pela fenomenologia, convertido desde cedo à disciplina exigente da história e da filosofia (leitura e manuscritos, edição, tradução, comentário), latinista e helenista, Pierre Hadot permanecerá para nós como um modelo de rigor intelectual: a filologia constrói o alicerce sobre o qual a reflexão filosófica, de modo algum entravada ou atrasada pela erudição, mas sustentada verdadeiramente por ela, pode se desenvolver (Cf. HOFFMANN, 2016, p. 306).

<sup>5</sup> Santo Inácio de Loyola (1493-1556), foi um padre jesuíta de origem espanhola, responsável por fundar a Companhia de Jesus, a qual teve como colaborador São Francisco Xavier. Em sua conhecida obra *Exercícios Espirituais*, o conjunto de atividades apresentadas consistem em exercícios a serem efetivados em um período de quatro semanas (orações, anotações, exames dessas anotações, exames da consciência, meditar sobre o inferno, imaginar o reino de Deus, contemplar o nascimento de Cristo, contemplar a aparição de Cristo a Nossa senhora, ir a santa igreja, mutilar o corpo ao cometer pecado, entre outros). Conjuntamente esses exercícios formam uma pedagogia que funciona ativamente à serviço de alcançar a graça divina. Deus atua no plano divino como inspiração para efetividade dos exercícios espirituais. Poucas pessoas, poucas culturas, carregam na alma o desejo de lapidar-se de boas maneiras, ensejam a perfeição espiritual. Portanto, os diversos exercícios mediam a possibilidade de purificação e restauração egóica; a morte do ego é o apogeu da alma elevada. Praticar os exercícios espirituais é uma forma de expressar uma submissão incondicional para com o espírito santo. Atravessar a luta contra os desejos mais elementares da alma designa conquistar a liberdade interior.

*Exercícios corporais, chamam-se exercícios espirituais diversos modos de a pessoa se preparar e dispor para tirar de si todas as afecções desordenadas. E, depois de tirá-las, buscar e encontrar a vontade divina na disposição de sua vida para salvação. (Exercícios Espirituais, I, p. 9-10)*

Segundo Brandão (2013, p. 91), Pierre Hadot, defendendo-se de anacronismo, recorreu ao termo inaciano apontando que tal expressão não estava presente no vocabulário dos Antigos, mas as práticas desses exercícios estavam presentes na vida dos filósofos da Antiguidade. Tal expressão já aparece no século IV na *História Monachorum* de Rufino, na *Vida dos Filósofos Ilustres* em Diógenes Laércio, em *Salamanta* de Clemente de Alexandria. Todas essas obras parecem remeter a noção grega de “*askēsis tes psykhes*”, portanto, os filósofos Antigos viveram por meio de ações filosóficas que conceitualmente é possível denominar Exercícios Espirituais.

Isto fica claro no cinismo, pois mesmo havendo um uso conceitual para a expressão Exercícios Espirituais, podemos pensá-la através dos diversos casos registrados sobre Diógenes o cínico, também conhecido como Diógenes o cão. O cinismo compreende que o homem precisa de exercícios para viver: “A ascese cínica é composta de exercícios que treinam e preparam o homem para enfrentar os desafios que a vida nos impõe” (PINHEIRO, 2011, p. 247). Sejam adversidades advindas do corpo ou da sociedade, Diógenes viveu como filósofo exercendo a liberdade frente a elas, à sua condição fisiológica. Ele exerceu a coragem de estar nu perante a sua própria natureza, vivendo como um cão e, sendo franco para com os outros. Enfim, sua vida foi reflexo de um conjunto de exercícios expressos por de ações voluntárias.

Há, no modo de vida do cínico mencionado, certas semelhanças com a vida de um rato, animal que não se importa com comida luxuosa, não tem medo do escuro, nem busca uma cama confortável, mas adapta-se a cada instante às necessidades que lhe são decorrentes. Sendo fruto da deusa do acaso, o cínico vive em busca de se adequar ao meio em que vive por meio de improvisos:

Diógenes vendo um rato correr de um lado para outro, sem destino, sem procurar um lugar para dormir, sem medo das trevas e não querendo nada do que se considera desejável, descobriu um remédio para suas dificuldades. Segundo alguns autores ele foi o primeiro a dobrar o manto, que tinha de usar também para dormir, e carregava uma sacola onde guardava seu alimento; servia-se indiferente de qualquer lugar para satisfazer qualquer necessidade, para o jejum ou para dormir, ou sendo assim, costumava dizer apontando para o pórtico de Zeus e para a sala de Procissões que os próprios atenienses lhe haviam proporcionado lugares onde podia viver. (D. L. 2. 22)

A escolha por esse modo de vida de improvisos está ligada diretamente ao que Pierre Hadot refere-se a *askēsis*, que abrangem as práticas de abstinências<sup>6</sup>. Por exemplo, um filósofo pode praticar um Modo de Vida se abstendo de alimentação ou sexo. Esse mesmo filósofo pode praticar exercícios corporais, exercitar seus músculos, sua respiração, ajudando assim a melhorar sua performance física de modo geral. Não obstante, um filósofo, no sentido Antigo do termo, faz filosofia exercitando a sua alma a fim de torná-la virtuosa. Segundo Pierre Hadot (2014a, p. 21), exercícios espirituais são exercícios que englobam e promovem o bom desenvolvimento das faculdades psíquicas e morais da alma<sup>7</sup>, resultando em uma metamorfose do ser.

Além de retomar a expressão de Santo Inácio de Loyola, em uma entrevista dada a Jeannie Carlier e Arnold Davidson, Pierre Hadot (2016, p. 121), ao falar da sua escolha sobre a expressão “exercícios espirituais”, torna a lembrar que mesmo a palavra tem uma estreita ligação com conotativos religiosos. Mas, ele a percebe na coletânea *La Poésie comme Exercice Spirituel* de Elisabeth Brisson, a qual toma a composição musical como um exercício espiritual, possibilitando que os alunos de música alcançassem uma forma de sabedoria, por assim dizer, de maneira estética. Ele também deixa claro que tal conceito não está inserido diretamente aos textos históricos e filosóficos antigos, mas sim no Modo de Vida que os textos apresentam à história da filosofia Antiga.

Na introdução a obra fundamental de Pierre Hadot, *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga*<sup>8</sup>, Arnold Davidson menciona que os Exercícios Espirituais não são uma nova teoria metafísica e muito menos funcionam de forma teórica e conceitual. Eles são práticas voluntárias

---

<sup>6</sup> “[...] Exercício corresponde em grego a *askēsis* ou *meletē*. [...] Não falaremos de “ascese” no sentido moderno da palavra, tal como é definido, por exemplo, por K. Heussi: “abstinência completa ou restrição do uso da comida, bebida, do sono, do vestuário, da propriedade, especialmente contenção do domínio sexual”. Com efeito, é preciso distinguir cuidadosamente esse emprego cristão, depois do moderno, da palavra “ascese” do emprego da palavra *askēsis* designa unicamente os exercícios espirituais dos quais falamos, isto é, uma atividade interior do pensamento e da vontade.” (Cf. HADOT, 2014a, p. 69).

<sup>7</sup> Em uma pesquisa na UNB o Robinson (Cf. 2010, p. 72), apresenta à noção de alma a um princípio intelectual e moral. No seu texto dedicado *As Origens da Alma*, o autor toma sua classificação através de um estudo sobre Platão: “Isto está de acordo com os comentários feitos sobre *Crítion* e o *Eutidemo*, em que ficou igualmente claro que a alma é de algum modo classificável como princípio intelectual e moral.”

<sup>8</sup> A obra *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga* é uma compilação de artigos que foram publicados ao longo de diversas datas. Logo de início encontramos o artigo Exercícios espirituais, publicado no Anuário da V<sup>o</sup> seção da *École Pratique des Hautes Études*, t. XXIV, 1977, p. 25-70 e *Exercícios espirituais antigos e “filosofia cristã”*, bem como nas outras seções são abordados outros temas. Alguns desses artigos são indexados em datas anteriores ao do primeiro capítulo e todas as sessões compõem temas diversos seguidos pela perspectiva dos exercícios espirituais. Na segunda seção é abordada “A figura de Sócrates” de 1974, já o próximo é dedicado ao filósofo Marco Aurélio contendo publicações de 1972 e de 1978. *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga* é uma obra abastecida por temas sobre *Conversação filosófica*, *Teologia negativa*, e, que trata até mesmo sobre críticas à filosofia moderna, a qual Hadot apresenta seu diálogo interrompido com Michael Foucault e suas *convergências e divergências* com o pensamento foucaultiano (Cf; 1987) e apresenta: *Uma reflexão sobre a Cultura de Si* (Cf. 1988).

de elevação do ser, e, que carregam consigo um valor existencial intimamente ligado a uma Maneira de Viver. Sendo assim, a filosofia Antiga é um exercício, um modo de orientação para a vida do filósofo (HADOT, 2014a, p. 10). Os Exercícios Espirituais estão presentes no discurso e na vida prática de todas as escolas filosóficas da antiguidade. Cada filósofo busca seguir os ditames da razão, e esta varia de acordo com cada escola filosófica e suas respectivas doutrinas.

A própria expressão “Exercícios Espirituais”, assume Pierre Hadot, pode confundir o leitor contemporâneo, visto que a palavra “espiritual” carrega ao longo da história múltiplos sentidos. Ao afirmar que mesmo não sendo de bom tom aplicar a palavra espiritual, ele aponta que ela foi a palavra mais pertinente para englobar os aspectos intelectuais (definição, divisão, raciocínio, leitura, pesquisa e amplificação retórica) e aspectos morais (terapia das paixões e conduta de vida). Ao referir-se à filosofia Antiga e aos Exercícios Espirituais, ele afirma que: “não possuímos nenhum tratado sistemático que codifica um ensino e uma técnica dos exercícios espirituais” (HADOT, p. 2014a, p. 20). À medida que os filósofos da antiguidade foram perdendo sua forma vívida<sup>9</sup> de se fazer filosofia, os ensinamentos foram perdendo sua consistência prática com o passar do tempo, ao longo das transposições culturais, e, então, a filosofia passou a estagnar-se cada vez mais em discursos abstratos.

O fenômeno da filosofia grega e romana influenciou fortemente o cristianismo e as religiões populares de sua época. A filosofia Antiga prolongou-se através do uso do seu discurso não se reduzindo a este. Neste ínterim, é chegado o momento em que o discurso do cristianismo imperou e tomou posse sobre os Modos de Vida das escolas filosóficas, da filosofia vigente e demais formas de conhecimento<sup>10</sup>. Não obstante, os Exercícios Espirituais possibilitaram modos de vida nos quais inspiraram as práticas de purificações religiosas (DESROCHES, 2014, p. 4).

O tema dos Exercícios Espirituais é amplo e complexo, visto que não é definido de forma unívoca. Podemos ver que ao longo de suas obras Pierre Hadot passa a acrescentar elementos e operar pequenas, porém significativas mudanças interpretativas que podem passar despercebidas ou até mesmo desconcertar quem estuda o pensamento do filósofo. Por exemplo,

---

<sup>9</sup> Um exemplo da filosofia como saber e ação é apontado na introdução às *Cartas à Lucílio* por Segurado e Campos (Cf. 2021, p. XLVIII), o que Sêneca mais insiste em seus textos é apresentar a filosofia como um conjunto de ensinamentos para serem vividos.

<sup>10</sup> Com efeito, é com a aparição do cristianismo que a noção antiga de *filosofia* começou a ser posta em questão. Por volta do fim da antiguidade, o cristianismo apresentou a si mesmo uma *filosofia*, isto é, como um modo de vida, que conservava, aliás, notadamente na vida monástica, numerosos exercícios espirituais da filosofia antiga. Com a idade média, assiste-se a uma separação total desses exercícios espirituais (que fazer parte, doravante, da espiritualidade cristã) e da filosofia, que se torna um simples instrumento teórico a serviço da teologia. Da filosofia antiga, mantém-se então as técnicas escolares, os procedimentos de ensino (HADOT, 2014a, p. 339).

na obra *Não Se Esqueça de Viver*, são apresentados os exercícios da “concentração no presente” e o “olhar do alto”, tendo a escola epicurista como principal referência. Já na sua entrevista escrita no livro *A Filosofia como Maneira de Viver*, o filósofo apresenta outros Exercícios Espirituais das escolas filosóficas estoicas e epicuristas: “a preparação para as dificuldades da vida e suportar os golpes do destino”, pertence a primeira escola, já o “exame da consciência”, “a confissão dos erros e limitação dos desejos” são oriundos da segunda escola.

A amplitude em que Pierre Hadot interpreta o discurso da filosofia Antiga em consonância com a prática dos Exercícios Espirituais permeia, assim pelas mais conhecidas escolas da antiguidade, chegando até mesmo aos modos de vida dos anacoretas. Segundo Almeida (2011, p. 99), os Exercícios Espirituais dos Antigos distinguem e dão um ar de originalidade<sup>11</sup> ao pensamento de Pierre Hadot. Para Oliveira (2016, p. 285), a tese sobre os Exercícios Espirituais e a Filosofia como Modo de Vida na antiguidade “marca os estudos sobre a filosofia no século XX e no início do século XXI”. A ligação entre o discurso filosófico e os Exercícios Espirituais configura a compreensão do pensamento hadotiano oferecendo uma noção do que seja a filosofia Antiga.

Pensar a filosofia como um Exercício Espiritual é compreendê-la como uma conversão<sup>12</sup> espiritual, viver como um filósofo é, no sentido mais radical, converter-se à amizade pela sabedoria:

[...] A filosofia não consiste na habilidade dialética ou na beleza da linguagem, mas na maneira que se vive a vida cotidiana. Ser filósofo não é ter recebido uma formação filosófica teórica ou ser professor de filosofia é, após uma conversão que opera uma mudança radical de vida, professar um modo de vida diferente daquele dos outros homens. (HADOT, 1992, p. 17, tradução nossa.)<sup>13</sup>

<sup>11</sup> No seu pensamento ele apresenta em seus textos obras de filósofos de outros tempos, não apenas os gregos antigos, consideradas como exercícios espirituais. Entre elas estão alguns ensaios de Montaigne, as *Meditações* de Descartes, os aforismos de Schopenhauer e de Nietzsche, e, até mesmo o *Tractatus* de Wittgenstein. (Cf. HADOT, 2016a, p. 84). Nelas, esses filósofos oferecem ao seu leitor um discurso vívido a ponto de mudar sua mentalidade e a transformar sua maneira de ver o mundo, bem como os textos escritos por Arrian, ensinados pelo seu mestre Epicteto.

<sup>12</sup> O seu significado etimológico, conversão (do latim, *conversio*) significa “giro”, “mudança de direção”. O termo serve, pois, para designar toda espécie de giro ou transposição. [...] O termo latino *conversio*, corresponde que de fato há dois termos gregos de sentido diferentes: por um lado *epistrophè*, que significa “mudança de orientação”, e implica a ideia de um retorno (retorno a origem, retorno a si); por outro lado, *metanoia*, que significa “mudança de pensamento”. “arrepentimento” e implica a ideia de reputação e renascimento (Cf. HADOT, 2014a, p. 203).

<sup>13</sup> [...] *la philosophie ne consiste pas dans l'habileté dialectique ou la beauté du langage, mais dans la manière dont on vit la vie quotidienne. Être philosophe, ce n'est pas avoir reçu une formation philosophique théorique, ou être professeur de philosophie, c'est, après une conversion qui opère un changement radical de vie, professer un mode de vie différent de celui des autres hommes* (Cf. HADOT, 1997, p. 17).

Essa conversão filosófica é um fenômeno sócio-histórico que instigou fortemente múltiplas perspectivas do conhecimento (psicofisiológica, sociológica, histórica, teológica e filosófica). A conversão para uma vida filosófica toma a cabo o rompimento total do filósofo com a sua realidade habitual, o seu viver interior; fazendo-o modificar o cotidiano, desde a maneira de se alimentar até as formas de se posicionar politicamente. Tudo isto, na busca de sobrepor uma transformação total da sua vida intelectual e moral<sup>14</sup>. Tal experiência de conversão filosófica influenciou diretamente religiões da era cristã, mas não só elas, pois atualmente práticas corporais presentes no budismo<sup>15</sup> e na ioga podem ser consideradas como práticas parecidas com a dos Exercícios Espirituais?

## 2.2 A FILOSOFIA ANTIGA É UMA MANEIRA DE VIVER

A filosofia é fruto de: “um fenômeno não apenas no sentido de fenômeno espiritual, justamente, mas também de fenômeno social, sociológico” (HADOT, 2016, p. 55). Não há filosofia ou filósofo sem um grupo social. Jamais, na antiguidade, se fez filosofia sozinho (HADOT, 2014b, p. 18). Para Pierre Hadot não há discurso filosófico sem que esteja separado da vida, de modo que a função do discurso filosófico é estreita relação pela amizade à sabedoria; ele acentua o discurso filosófico como um meio para se expressar a filosofia como um todo. Para ele, a filosofia é um conjunto de ações, um meio para meditação, prática e contemplação. O filósofo busca guiar sua alma à sabedoria; assim como tem médicos responsáveis para tratar as doenças do corpo, o filósofo é o responsável por cuidar das doenças da alma.

Brandão (2013, p. 528), nos aponta alguns fragmentos de textos de Justino que deixa claro que antes mesmos dos Antigos mudaram a sua vida após se inserirem no fenômeno espiritual das escolas filosóficas, sejam elas platônicas, estoicas, neoplatônicas etc., os filósofos viviam com seus mestres. Ou seja, primeiro se decidia viver filosoficamente, ter uma vida guiada pela razão:

---

<sup>14</sup> Zenão, o fundador do estoicismo primitivo, se converteu à filosofia a partir da leitura das *Memoráveis* de Xenofonte: “Essa leitura teria sido o ponto de partida de sua vocação filosófica” (Cf. GOURINAT; BARNES, 2013, p. 24). Vemos então uma filosofia voltada à moral, a um modo de vida que, por assim dizer inspirada na filosofia Socrática, visto que os estoicos tinham a vida de Sócrates como um modelo de sabedoria – No momento em que cortavam a perna de Epicteto ele sorria, já Sêneca ao ser ordenado a rasgar suas veias até a morte, o fez.

<sup>15</sup> Em *Filosofia Como Maneira de Viver*, ao falar sobre a teologia negativa como um exercício racional de negação de deus causa um acúmulo de vazio da alma, e, conseqüentemente, tal vazio promove abertura para a experiência mística, Pierre Hadot (Cf. 2016, p. 107) generaliza a ideia de experiência mística como um sentimento de angústia deliciosa, alegria ou apaziguamento exemplificando: “O absoluto do Buda que se descobre no absoluto do real banal e imediato”.

Sem recursos, pareceu-me que devia me encontrar com os platônicos, pois também eles tinham muita fama. E, recentemente, chegara à nossa cidade um homem sagaz, proeminente entre os platônicos; passava muitíssimo tempo com ele e me adiantava cada vez mais enquanto me dedicava cada dia. Eu me exaltava principalmente com a inteligência dos incorpóreos e a contemplação das formas dava asas à minha inteligência. Em pouco tempo pensava que me tornaria sábio e, pela estupidez, esperava subitamente ver deus. Pois esta é a meta da filosofia de Platão. (*Dialogus Cum Tryphone*, II, 6)

É posto, então, o método de aprendizado da filosofia platônica: um convívio frequente e longo com seu mestre, o que faz o filósofo progredir cada vez mais, na medida que se dedicava também à filosofia. Ou seja, não se tratava apenas de conversar sobre temas filosóficos, mas o conviver com um mestre. Não era apenas a doutrina, mas o Modo de Vida que era assimilado à sabedoria.

A forma que Pierre Hadot interpreta a filosofia é, senão um conhecimento fundamentado na vivência, isto é, na sabedoria prática. Portanto, uma filosofia que visa conhecimento sobre a vida, distante de tender a produzir discursos retóricos apenas. Filosofar significa assumir um dogma filosófico para viver<sup>16</sup>.

Com efeito, Pitágoras proibia não somente matar, mas comer animais que têm juntamente conosco o privilégio da alma. Trata-se de um pretexto, na realidade ele determinou a abstinência da carne querendo educar os homens a uma dieta frugal, de maneira a poderem facilmente nutrir-se com alimentos que não necessita de fogo e satisfazerem a sede apenas com água, desse jeito resulta a saúde do corpo e acuidade da alma (D. L. I, 13).

Como mencionado, o modo de vida também influencia na alimentação do filósofo, para os neoplatônicos também era significativo sintetizar bem a tradição destes exercícios, reiterando que a contemplação não consiste somente em ensinamentos abstratos, mas é preciso que tais ensinamentos tornem-se práticas quotidianas (OLIVEIRA, 2020, p. 39). Para o neoplatonismo, alimentação é uma das formas que o filósofo passa a compreender a sua própria natureza e o quão é ímpio matar animais e comê-los, ou seja, a maneira de se relacionar com o alimento também é compreendida como um Exercício Espiritual. Não matar animais<sup>17</sup> para benefício

---

<sup>16</sup> A filosofia foi essencialmente, para aqueles que a criaram, um modo de vida apoiado sobre conhecimentos rigorosos, dentro do possível. Os pitagóricos foram um autêntico paradigma nesse sentido, e a fórmula “modo de vida pitagórico” chegou a ser um verdadeiro clichê. Nesse sentido, a escola assumiu as feições de uma seita – no sentido usual do termo –, com cerimônias de iniciação, comunhão e bens fundamentalmente alimentares que não podiam ser desdenhados. Essa espécie de preceitos deve ter sido transmitida especialmente de forma oral, uma vez que eram chamadas *akoúsmata*, ao contrário, como aquele que proíbe que se derrame sangue ou que se consuma carne, estão sem dúvida relacionados com a concepção pitagórica de vida em geral, e quando um grego da Antiguidade reflete sobre a vida, reflete sobre a *psykhé*, reflete sobre a vida (Cf. CORDERO, 2011, p. 69).

<sup>17</sup> O tratado *De Abstinentia* é umas das principais obras que apresentam a razão pela qual não matar ou utilizar animais como alimentação, ou qualquer outro tipo de prática de violência contra eles.

próprio, comê-los, e buscar viver uma vida temperante, são modos da alma libertar o corpo das paixões, buscando assimilar-se ao divino, obtendo uma vida frugal e simples.

Os neoplatônicos viviam buscando afastar o pensamento de tudo que era carnal, com fim de voltar-se para atividades do intelecto (HADOT, 2014a, p. 53). Renunciar o mundo material, os desejos e prazeres sensíveis é fazer com que a alma se distancie de tudo que não pertence a ela. Entre os exercícios neoplatônicos estão presentes práticas ascéticas que visam a purificação, buscando se desapegar das atividades comuns do cotidiano e, conseqüentemente, dirigir a atenção para as coisas mais elevadas, como a contemplação no âmbito divino<sup>18</sup> (HADOT, 2019, p. 37).

Em uma crítica ao modo de pensar a filosofia como uma ciência teórica, Desroches (2014, p. 2), ao comentar alguns equívocos sobre a compreensão da Filosofia como Maneira de Viver, menciona que a filosofia surgiu como uma vida orientada pela sabedoria. No entanto, essa sabedoria, esse saber, atualmente tornou-se um discurso separado e autônomo da vida. Esse seria um dos motivos nos quais a expressão *modo de vida* parece um acréscimo ou, até mesmo, um *novo* modelo para significar a filosofia Antiga.

Como percebemos na sabedoria neoplatônica, e nem apenas nela, a filosofia Antiga está distante da concepção de uma filosofia que busca conhecimento puramente discursivo no sentido teórico: “é preciso ter em mente que uma obra filosófica, na antiguidade, visa menos informar e transmitir um sistema de pensamento, do que formar o leitor ou o ouvinte e produzir nele uma modificação, uma certa disposição do pensamento e da alma” (HOFFMANN, 2016, p. 302). O modo de vida precede a filosofia simplesmente porque a filosofia Antiga foi também transmitida oralmente e através do modo que os filósofos viviam, como Sócrates, Diógenes e Plotino, que distantes de criar teorias abstratas, marcaram a história da filosofia através de suas ações.

Portanto, vale o adendo de que a filosofia Antiga não exclui e nem separa o discurso e a prática, ambos funcionavam consubstanciados:

---

<sup>18</sup> Em Platão, observamos, então uma filosofia que interage ao mesmo tempo com a vida cotidiana e com o mistério da existência. O Divino surge como um pano de fundo essencial à fundamentação da dialética platônica, pois ele a alma se apoia, se assemelha e se dirige. Aqui reside o aspecto mais central da filosofia platônica, que sendo um esforço catártico contínuo de exame e subida progressiva ao divino, não será uma contemplação alógica ou extática, mas se caracterizará por ser uma metafísica com os pés no sensível, mas a cabeça no divino. E cabe ressaltar que este divino está dentro de cada um de nós, por isso o imperativo “conheça-te a ti mesmo” que Sócrates mesmo moribundo ao fim do *Fédon* conclamará aos seus: “cuidem de si mesmos” (115b). A filosofia platônica será um mergulho sensível a fim de salvar homens e mulheres, levando-os à superfície, ao espaço sagrado. É um convite para respirar o ar puro, colocar a cabeça para fora, mas não lá permanecer, ao menos durante o período que comporta à vida terrena (Cf. PINHEIRO, BINGEMER, CAPPELLI, 2020, p. 26).

Os exercícios espirituais são exercícios práticos, como os diálogos, na escola platônica, ou a revisão dos atos diários e antecipação dos males, no estoicismo, que põem em prática a escolha de vida, permitindo ao discípulo aprender como viver e levar adiante aquilo que cada escola propõe. Eles também validam e fundamentam as teses expostas pelos textos dos fundadores de casa escola ou movimento. Os textos, por diversos que sejam, seus estilos, cartas, diálogos, monografias, entre outros, apresentam as teses dos fundadores, e nesse sentido, fundamentam e validam a escolha do modo de vida (OLIVEIRA, 2016, p. 286).

É através do discurso filosófico que as escolas Antigas transmitiam seus dogmas aplicando-os à vida, a transmissão desses ensinamentos eram psicagogias, pois conduziam a alma do filósofo. Se converter a uma escola filosófica significa efetivar seus dogmas religiosamente. Efetivá-los é fazer parte de um processo de formação e transformação espiritual, e essa transformação está vinculada ao mundo interior. O discurso filosófico está a serviço da vida, a vida é que importa, viver filosoficamente é viver exercitando corpo e alma, buscando tornar o discurso filosófico presente na ação.

Sabido que a filosofia Antiga é efetivada por discurso à serviço da existência, o que a torna ainda mais peculiar são as múltiplas possibilidades de vivências que o filósofo experimenta, de certos estados, de certas disposições interiores que escapam à possibilidade de ser expressado por palavras. Há, em certas escolas da filosofia Antiga, um quê de misticismo que limita o filósofo a se expressar por meio da linguagem<sup>19</sup>:

Isso aparece mais claramente na experiência platônica do amor, talvez mesmo na intuição aristotélica das substâncias simples, e sobretudo na experiência unitiva plotiniana, totalmente indizível em sua especificidade, pois quem fala dela, assim que a experiência se finda, já não se situa no mesmo nível psíquico de quando vivia a experiência. Mas isso é verdade também para a experiência de vida epicurista, estoica ou cínica. A experiência vivida por prazer puro, ou a coerência consigo mesmo e com a Natureza, é de ordem distinta da ordem do discurso que a prescreve ou a descreve do exterior. Essas experiências não são da ordem do discurso ou das proposições. (HADOT 2014b, p. 251)

As experiências não originárias entre discursos e proposições provocaram em Pierre Hadot um impacto considerável no seu modo de pensar a filosofia Antiga e os exercícios espirituais: “A concepção ‘filosofia como forma de vida’ se originou, portanto, no seio de

---

<sup>19</sup> Pierre Hadot (Cf. HADOT, 2014c, p.21), assume que foi levado a refletir sobre os limites de linguagem ao estudar sobre misticismo neoplatônico. Ele ressalva a relevância que a teologia negativa desempenha em relação a linguagem, principalmente na tentativa de nomear um Deus anterior a todos os nomes, a todas as palavras. No texto *Reflexões sobre os Limites da Linguagem a Respeito do Tractatus Logico-Philosophicus* de Wittgenstein (textos publicados de entre 1950-1960), Hadot remete-se a Damásio como mais radical da Teologia Negativa, e não Plotino.

reflexões linguísticas, ou, mais precisamente, a partir do tema do silêncio da mística da linguagem.” (BUSELLATO, 2021, p.256)

Foi através da leitura das *Investigações Filosóficas* de Ludwig Wittgenstein que Pierre Hadot passou a compreender que: “a linguagem não tem como única tarefa nomear ou designar objetos ou traduzir pensamentos.” (HADOT, 2014c, p. 10). Não se trata de um indizível ou místico, muito menos uma teologia negativa, mas de uma experiência afetiva estranha à descrição científica que subjaz diretamente ao jogo de linguagem lógico racional. A experiência mística é algo que somente se situa na ordem existencial, ética ou estética, e a filosofia é uma forma de condução que possibilita essa experiência.

### 2.3 APRENDER A VIVER

O que é viver? Como se aprende a viver todos os dias? Essas são questões centrais na filosofia Antiga. Aprender a viver consiste em, sobretudo, ocupar-se de si mesmo, fazer moradia em um corpo que carrega consigo pulsões e exigências próprias e saber suportar suas exigências e as da realidade objetiva, a vida cotidiana (ROBINSON, 2007, p.72). “Aprender a Viver”, “Aprender e Morrer”, “Aprender a Dialogar”, a “Morrer e Ler”, são os principais exercícios elencados em *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga*, uma das mais conhecidas obras de Pierre Hadot. Como já mencionado, os exercícios estão apresentados através de várias escolas da antiguidade, presentes até então nas práticas monásticas. A prática desses exercícios funciona de maneira conjunta com o propósito de guiar o filósofo para a *beatitude*, a felicidade.

Os diversos Exercícios Espirituais permeiam ao longo da história da filosofia, conduziam a vida de quem os praticava. A razão oferece uma função *sine qua non* para que o filósofo estabeleça meios adequados para o bem viver.

Os Exercícios Espirituais são divididos em grupos sucessivos: os puramente intelectuais, os intermediários e os ativos (HADOT, 2014a, p. 25). Os do primeiro grupo são os que envolvem apenas a atenção e a memória. Como exemplo, temos a meditação. Já os intermediários demandam mais complexidade intelectual, pois estão, de certa maneira, ligados aos ativos: o diálogo, a leitura e a escrita são alguns exemplos. E por fim, os exercícios ativos ou concretos, correspondem ao modo que o filósofo age no Mundo.

Vejamos isto de forma exemplificada, para o estoicismo preparar-se para os golpes do destino ou para a morte é um exercício que envolve a ação de atividades do primeiro grupo, a atenção e memória. Envolve também as do segundo, a prática do diálogo com um mestre, escrever ou ler sobre possíveis acontecimentos inesperados da vida; estes são exercícios

intermediários. Por fim, agir em conformidade com a Natureza, aceitando as contingências da vida de maneira indiferente, que faz parte do último grupo, aceitar a morte de alguém como um processo natural. Outro exemplo desse último grupo estaria entre o exercício do olhar do alto que convoca o filósofo a posicionar-se distante das coisas, como Sêneca pede que Lucílio suba o Etna para fazer observações (*Cartas à Lucílio*, 79. 2). Ou seja, subir uma montanha é um Exercício Espiritual de tentar enxergar as coisas de maneira elevada e conduzir o espírito a voar pelo cosmos (HADOT, 2019, p. 64).

A faculdade da atenção designa a vigilância do espírito, é através dessa vigilância que o filósofo faz o movimento de voltar-se a si mesmo que consiste em uma atitude fundamental que permite constante vigília das suas ações no mundo:

[...] ao passo que a atenção constante do estoico se volta para os acontecimentos da vida cotidiana, nos quais ele se esforça incessantemente para reconhecer a vontade de Deus, a atenção plotiniana está voltada para o Espírito. Ela é um esforço sempre renovado para permanecer na contemplação do Bem. Poder-se-ia acreditar então que ela se desvia do real, que ela foge dele, que ela se refugia na abstração, que ela exige mais concentração e fadiga que a atenção estoica (HADOT, 2019, p. 97).

Vemos então que Pierre Hadot apresenta o exercício da atenção no neoplatonismo, no estoicismo e no epicurismo. É a partir do exercício da atenção que os epicuristas se atinam nas ações vividas e no momento presente. Dessa mesma maneira, a atenção voltada para o momento presente liberta o ser das agonias dos apegos ao passado e fantasias do futuro de coisas à frente das quais o filósofo deve ser indiferente. No caso do estoicismo: “fazendo-nos aceitar cada momento da existência na perspectiva da lei universal” (HADOT, 2014a, p. 26). Na atividade de vigilância, atinar-se a si mesmo constantemente, é o exercício elementar para que outros passem para a classe dos exercícios ativos.

A meditação faz com que o filósofo exerça sua atenção e memória, evocando seus pensamentos e estimulando sua imaginação (HADOT, 2014a, p. 29). É exercitando a memória que o filósofo passa a perseguir o que a existência filosófica exige, isto mediante: “estudo, meditação, reflexão, repetição, durante toda sua vida é necessário dedicar a ela” (BUSELLATO, 2021, p. 266). Filosofar implica aplicar dogmas, regras à vida, lembrando-as constantemente, independente das diversas circunstâncias, como podemos perceber ao ler Sêneca:

Em razão disso devemos ir ao encontro da liberdade. Há um único meio de alcançá-la: a indiferença ante a sorte. Então eis que surge aquele bem

inestimável, ou seja, a paz da mente assegurada em sua sublimação enquanto os erros são eliminados mediante o conhecimento da verdade que funde alegria imensa em clima de serenidade. De todos esses bens a alma desfruta não porque excelentes em si, mas porque brota do bem próprio (*A Vida Feliz*, 4.5).

Na citação acima nota-se, no discurso do filósofo, um exercício de meditação; ele exerce sua atenção e memória ao transmitir ensinamentos sobre “a indiferença ante a sorte”. Na acima, é possível observar que o filósofo utiliza seu discurso como uma forma de meditação, exercitando sua atenção e memória ao transmitir ensinamentos sobre “a indiferença ante a sorte”. Novamente ressalta-se que essas regras não são teóricas nem abstratas, longe disso. Reproduzi-las em diálogos, cartas, leituras em voz alta são exercícios para que o filósofo convença a si mesmo, de modo que as palavras escritas servem como forma de imprimi-las na personalidade. Veremos isso detalhadamente mais adiante.

É aplicando regras efetivas, através dos ensinamentos de cada escola, que o filósofo se prepara para as circunstâncias inesperadas da vida; o rosto da pobreza, do sofrimento e da morte quando encarados no dia a dia, quando lembrados que não são males contra o filósofo, o ajuda a aceitar que esses momentos *maus* fazem parte do curso da Natureza, assim como os *bons* momentos. A atenção, a memória, a meditação, quando bem exercitadas diariamente, desde ao acordar no início da manhã, até o anoitecer e descansar do corpo. Até mesmo examinar os sonhos é substancial. Tudo isto são modos de modificar o discurso interior, de constante preparação existencial:

De maneira geral, eles constituem, sobretudo, no controle de si e na meditação. O controle de si é fundamentalmente a atenção a si mesmo: vigilância intensa no estoicismo; renúncia aos desejos supérfluos no epicurismo. Ele implica sempre um esforço da vontade, uma fé, pois, na liberdade moral, na possibilidade de melhorar, uma consciência moral aguda, afinada pela prática do exame de consciência e da direção espiritual, e enfim de exercícios práticos que Plutarco notadamente descreveu com admirável precisão: controlar a cólera, a curiosidade, os discursos, o amor pelas riquezas, começando para se exercer nas coisas mais fáceis para adquirir, pouco a pouco, um hábito estável e sólido (HADOT, 2012, p. 24).

Visando uma metamorfose existencial, o filósofo vive em constante esforço para conduzir e entrelaçar o discurso filosófico perante suas ações. Como posto, a ordenação de suas ações geralmente ocorre devido a constante repetição dos exercícios. A exemplo, quanto mais o filósofo medita sobre si, mais ele toma um certo controle dos seus pensamentos e de suas ações. Por exemplo, atinar ao conteúdo dos sonhos, ou examinar e meditar sobre o que se fará durante o dia, conduz as inspirações das suas ações; e a noite vale examinar novamente as

conquistas e falhas concebidas. Ou seja, voltar-se para os conteúdos dos pensamentos e ordená-los.

Para Pierre Hadot, Zenão de Cítio acreditava que com os sonhos cada um podia meditar sobre os progressos que fazia durante a vida: “Os progressos são reais se não nos vemos mais em um sonho vencido por alguma paixão vergonhosa ou sentimento de alguma coisa má ou injusta ou mesmo cometendo-as” (HADOT, 2014a, p. 29). Se reconhecer vencendo o conteúdo de um sonho é progredir espiritualmente. Quando o filósofo não mais se assombra ou se abala afetivamente com esses conteúdos, é um sinal do resultado dessa progressão.

Ainda sobre o exame ou autoanálise dos sonhos, encontram-se na *República* de Platão alusões que dizem respeito a mesma ordem, visto que atinar e analisar os impulsos corpóreos através dos sonhos é tarefa do filósofo, pois sonhos são uma fonte para efetivar esse exame:

Daquele que desperta diante os sonhos, sempre que dorme a parte da alma que é dotada de razão, cortada e senhora de outra, e quando a parte animal e selvagem, saciada de comida e de bebida, se agita, repudia o sono e procura avançar e satisfazer os seus gostos. Sabes que nessa condição ela ousa fazer tudo, como se tivesse livre e forra de toda vergonha e reflexão. Não hesita, em seu pensamento, em tentar-se unir-se a própria mãe, ou a qualquer homem, deus ou animal, em cometer qualquer assassinio, nem se abster de alimento de espécie alguma. Numa palavra, não há insensatez nem impudor que ela passe adiante (*República*, 571c).

De modo que ao analisar os sonhos se promove um autoconhecimento que pode fazer com que a alma tenha um certo domínio sobre os desejos irascíveis que o corpo leva a corrompê-la. Ao acordar, prestar a atenção nos sonhos, meditar sobre eles, nutri-los com bons pensamentos, concentrando-se sobre si mesmo, possibilita com que as partes apetitivas do ser tome as rédeas da razão.

## 2.4 APRENDER A DIALOGAR

Os diálogos de Platão, os cursos ministrados por Aristóteles e as cartas escritas por Epicuro são exercícios discursivos que visam mais formar o filósofo para o bem viver do que transmitir conhecimentos abstratos. O diálogo platônico é um exercício, um método de se fazer filosofia, no qual os interlocutores aprendem juntos. Os filósofos e seus discípulos procuravam apenas satisfazer o desejo de conhecimento, seja dialogando ou até mesmo lendo em voz alta. Percebe-se então, várias maneiras para o melhor viver; aplicando as doutrinas durante a vida e exercendo-as sem cessar, todas com o propósito de elevação moral e existencial:

A tarefa do diálogo consiste essencialmente em mostrar os limites da linguagem, a impossibilidade para a linguagem de comunicar a experiência moral e existencial. Contudo, o próprio diálogo, como evento, como atividade espiritual, já foi uma experiência moral e existencial. É que a filosofia socrática não é elaboração solitária de um sistema, mas despertar de consciência e ascensão a nível de um ser que só podem se realizar em uma relação de pessoa para pessoa (HADOT, 2016a, p. 116).

Esse dialogar, na interpretação hadotiana, é algo de uma ordem espiritual tão complexa que o simples fato de um mestre escutar um discípulo o convoca para suspender seus juízos pessoais: “o diálogo é um itinerário de pensamento cujo caminho é traçado pelo acordo, constantemente mantido, entre aquele que interroga e aquele que responde” (HADOT, 2014a, p. 41). Ser amigo da sabedoria é se abrir para o que o outro tem a dizer, independente do que seja o nível do diálogo, banal ou sério um verdadeiro diálogo é tomado pela abertura. Assim também, deve-se estar preparado para saber elaborar as possíveis contradições de ideias. O diálogo é um exercício que resulta no reconhecimento da humildade perante a verdade.

É possível pensar que a atividade de escrever é também dialogar por intermédio do exercício do exame da consciência. Pierre Hadot aponta esta prática na vida dos monges:

É verossímil que a prática do exame de consciência escrita já existisse na tradição filosófica. Ela era útil, mesmo necessária, para dar mais precisão à investigação. Em Antônio, porém trata-se agora, de algum modo, de um valor terapêutico da escrita: “Que cada um anote por escrito, aconselha Antônio, “as ações e os movimentos de sua alma como se devesse fazer como que outros a conhecessem. Com efeito, prossegue ele, certamente não ousaríamos cometer erros em público diante dos outros. “Que a escrita assumo então o lugar do olho de outrem”. Segundo Antônio, o fato de escrever dar a impressão de estar em público, de dar um espetáculo (HADOT, 2014a, p. 80).

Os solilóquios podem ser utilizados como recursos literários que possibilitam um diálogo entre o escritor e sua consciência. Isso acontecia no mundo Antigo, nas cartas de Sêneca por exemplo, ele apresenta a si mesmo e aos seus destinatários uma forma de escrita sobre o estilo mestre e discípulo (GOURINAT; BARNES, 2013, p. 199). Entre as tão referenciadas cartas destinadas ao seu amigo Lucílio, vemos que têm o: “propósito explícito de orientar sua formação espiritual segundo os preceitos e princípios do estoicismo (*in* Introdução: Freitas, *Edificar-se para a Morte*, 2016, p.7).

Segundo Pierre Hadot (2014b, p. 225), essas cartas tinham por finalidade incitar o leitor a progredir espiritualmente, ao mesmo tempo em que o ato de escrever fazia com que o correspondente dialogasse primeiramente com suas ideias, na tentativa de imprimir pensamentos através de manuscritos. Segundo Brandão (2012, p. 39-40), não só as cartas de

Sêneca a Lucílio, mas *Meditações* de Marco Aurélio, as *Confissões* de Agostinho e as *Meditações Metafísicas* de Descartes são textos escritos para o autoconhecimento, os quais fazem do leitor um expectador de sua própria vida. Ao escrever, o escritor lê e examina as palavras que escolheu para expressar seus pensamentos.

## 2.5 O EXERCÍCIO DO ASSENTIMENTO, DO DESEJO E DA AÇÃO

No Capítulo três da obra *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga*, o qual é dedicado a Marco Aurélio, Pierre Hadot apresenta chaves de leitura para interpretar os dogmas escritos pelo Imperador. A princípio, Pierre Hadot compreende que os estoicos romanos dividiam a configuração do seu discurso em três partes (*topoi*) da filosofia: O *logos*, a *physis* e *ethos*. Ele denomina de tripartição (lógica, física e ética), que foi primeiramente percebida no discurso estoico, tendo como principal eixo os três *topoi* de Epicteto. O filósofo alude uma lei rigorosa que explica o conteúdo da obra *Meditações*, escrita por Marco Aurélio:

Essa lei é, aliás, expressa claramente em um esquema ternário que reaparece frequentemente em certas sentenças. Mas esse esquema não foi inventado por Marco Aurélio: ele corresponde exatamente aos três *Topoi* filosóficos que Epicteto distingue em suas *Diatriabes*. Esse esquema ternário inspira toda a composição das *Meditações* do imperador: cada sentença desenvolve seja um, sejam dois, sejam três *Topoi* característicos (HADOT, 2014a, p. 149).

As analogias entre o discurso do Imperador à fragmentos de Epicteto deixam claro para o seu leitor que: “Muito das *Meditações* apresentam essas três regras da vida, ou uma ou outra delas, de várias formas. Mas essas regras práticas manifestam uma atitude global, uma visão do mundo, uma escolha fundamental”<sup>20</sup> (HADOT, 1992, p. 52, tradução nossa).

Doravante, na obra *Filosofia Como Maneira de Viver*, Pierre Hadot conclui que não apenas a escola estoica recorreu a essa lei, mas todas<sup>21</sup> outras escolas filosóficas operaram perante a mesma tripartição<sup>22</sup> (HADOT, 2016, p. 123). A lógica, a física e a ética, enquanto discurso e método de ensino, foram apresentadas na filosofia Antiga como exercício do bem

<sup>20</sup> *Beaucoup de pensée présentent ces trois règles de vie, ou l'une ou l'autre de e'ntre d'entre elles, sous de formes diverses. Mais ces règles pratiques manifestent une attitude globale, une vision du monde, un choix interieur fondamental* (Cf. HADOT, 1997, p. 52).

<sup>21</sup> Encontrei um artigo que vai contra a essa concepção generalizante de Pierre Hadot. Nela Brandão (Cf. 2013, p. 534), aponta que: Plutarco e os autores platônicos posteriores usam cada vez menos a divisão da filosofia da lógica, física e ética passando a conceber um caminho filosófico progressivo dividido em ética, física e epóptica. A epóptica seria à contemplação do inteligível e do princípio supremo, que seria a meta da filosofia.

<sup>22</sup> No artigo *A Tripartição da Filosofia na Idade Média e Antiguidade e suas Fontes em Platão* 1998, aponta-se a presença das partições em textos de doutrinas filosóficas além da estoica, em diversas épocas, até mesmo pré-socrática.

pensar e falar, do exame das paixões (afecções) e do agir de maneira reta e justa. Vale ressaltar, que o discurso construído pelas três dimensões mencionadas não cabe a filosofia por inteiro, eles só se fundamentam quando estão a serviço da vida filosófica:

No estoicismo, diversamente do que se passa, por exemplo com Aristóteles, as partes da filosofia não eram consideradas como domínios sem relação uns com os outros, mas antes como aspectos ou aplicações da mesma espécie de atividade racional. A lógica, a física e a ética eram consideradas virtudes indissociavelmente ligadas: não se podia ter uma sem ter as outras. As diferentes virtudes são fundamentalmente instâncias da mesma atividade ou atitude racional em face de vários objetos, ou como dizem os estoicos, em fatos de matérias diferentes. Eis por que Crisipo podia declarar que uma vida governada pelo conhecimento é uma vida em que sabemos e fazemos tudo perfeitamente, ideia que reaparece na asserção de Sêneca segundo a qual a teoria e a prática são inseparáveis (GOURINAT; BARNES, 2013, p. 177).

Esses três elementos são, nada mais, que três funções fundamentais que subjazem às tendências inerentes da alma: desejar (física), representar coisas (lógica) e ter impulsões ou aversões as coisas (ética) (GOURINAT; BARNES, 2013, p. 225). Ou, entendidas também como três faculdades do ser: a natural, a racional e a moral (SANTOS, 1998, p. 222). Portanto, Pierre Hadot designa que física e lógica são exercícios espirituais concretos, que influenciam diretamente na liberdade em relação às suas vontades, a ética. As três estão a serviço da prática do ser no mundo, ser com o outro e ser consigo.

De modo geral, a física para a filosofia consiste em estudar o mundo: a matéria, o vazio, os limites de espaço, estuda seus princípios e elementos: água, terra, ar, fogo, e suas causas (GOURINAT; BARNES, 2013, p. 77). Cada escola filosófica obtém sua própria concepção própria de física: No platonismo, deus, por assim dizer, é um ente criador transcendente que está além do mundo sensível. No estoicismo, Deus<sup>23</sup> é imanente ao mundo, ele é e está em todas as coisas.

Para Pierre Hadot, a física é um exercício espiritual que determina a relação do filósofo com o cosmos, como ele apreende o seu desejo e o mundo e o ajusta conforme a natureza:

Graças a essa familiaridade com a Natureza, todo acontecimento natural torna-se familiar, quando deveria surpreender; todo processo natural torna-se belo, quando à primeira vista só apresenta feiura. Essa “física” engendradora a grandeza da alma, isto é, o sentimento de pequenez das coisas humanas; assim são conduzidas às suas justas proporções as coisas que não dependem de nós: a saúde, a riqueza, a glória e finalmente a morte (HADOT, 2014a, p. 162).

---

<sup>23</sup> Recorro a palavra Deus com “D” maiúsculo por estar referindo, neste momento, a um contexto sócio-histórico em que o estoicismo romano estava passando por transformações culturais devido a chegada do cristianismo.

Vemos que na física o filósofo se inclina a coisas que estão além de sua humanidade pois, o mundo não deixa de ser mundo após a morte humana. A familiaridade com a Natureza tem a ver com o modo em que o filósofo se relaciona com ela. – Veremos esse tema mais detalhado na terceira sessão. Ao se distanciar do *logos*, o homem pode deixar de compreender seu verdadeiro lugar no mundo, perder suas rédeas e, por consequência, ser tomado pelas paixões. Até então compreende-se que através do *logos*, do uso da linguagem que o filósofo passa a tomar uma certa compreensão e ação sobre o mundo.

Os estoicos recorriam ao uso de uma retórica para sustentar os seus argumentos, bem como o uso da dialética, um jogo de argumentos prováveis em busca da verdade. De modo geral, recorriam às regras da lógica, buscando tomar conclusões do que é e do que não é verdade. Esta verdade serviria como uma direção para o relacionamento de um filósofo para o outro. Portanto, uma lógica à serviço da relação com a realidade objetiva:

Numerosas sentenças denunciam, portanto, o que os juízos de valor acrescentam falsamente à realidade. Esse tema impõe uma disciplina do *logos* interior, isto é, da maneira de pensar, mas ele comporta também uma disciplina do *logos* exterior, isto é, da maneira de se expressar. A virtude fundamental que ele propõe é a verdade, mesmo involuntária, é o resultado de uma deformação da faculdade de julgar (HADOT, 2014a, p. 162).

Para o mundo Antigo, a análise dessas sentenças, dos juízos em relação ao mundo, a faculdade de julgar só se torna virtude por meio da ação. Ou seja, através do exercício do juízo de julgamento, quando em comunhão com o *logos* universal que o filósofo se torna ciente de que é uma parcela inseparável e necessária no mundo.

Já na ética, o filósofo busca conhecer as coisas que competem a sua interioridade, como lidar com suas tendências, por exemplo, a vontade irascível de matar alguém (SILVA, 1998, p. 229). O exercício da ética que designa a relação do filósofo para com ele mesmo, a sua personalidade:

A disciplina do assentimento, assim como a disciplina do desejo, ambas exigem que as coisas sejam recolocadas na perspectiva geral do curso da Natureza. Isso é igualmente o que exige a disciplina das tendências (ou “ética”). Ela convida a agir “sob reserva”, isto é, tomando consciência do fato que os resultados das nossas ações não dependem de nós, mas do entrelaçamento das causas universais, da marcha geral do cosmos (HADOT, 2014a, p. 157).

Agir moralmente sobretudo é, exercitar os desejos do corpo e o julgamento através das representações, fazendo com que o filósofo busque decompor os momentos e as coisas, transfigurando seu cotidiano, preparando a alma para o desprendimento do corpo. Segundo Oliveira (2018, p. 66), o estoico tem consciência que pode adoecer a qualquer momento e, sendo assim, não tem controle absoluto do seu corpo. Pode-se tomar como exemplo o exercício da meditação sobre a morte. Para meditar a morte, o exercício do desejo e das representações põe-se como cruciais. Pois pensar na morte é exercer uma representação habitual e familiar sobre ela, viver meditando que quer morrer é um fenômeno da própria condição da natureza faz parte do percurso da vida. Pensar filosoficamente sobre a vida é trazer à tona o ‘assombroso’ e fundamental papel que a morte tem para ela.

O exercício do desejo (das paixões e apegos) e das representações a respeito da morte faz com que o filósofo ressignifique sua maneira de viver e agir moralmente frente à fatalidade, que é apenas um acontecimento como qualquer outro na sua vida. Para ele estar de bem com a vida, deve buscar estar de bem com a morte. A morte é indiferente ao filósofo, bem como uma doença ou um acidente do destino. O que depende de nós é apenas o juízo, a representação do que fazemos dos acontecimentos que nos assolam (HADOT, 2014a, p. 164). Lutar contra a morte é lutar contra o curso natural da vida. O discurso filosófico tem a função de formar o filósofo a não se alimentar de falsas ideias a respeito dela, pois nada se sabe. O juízo, o exercício das representações, que o filósofo exercita está ligado a desmascarar as falsas faces da morte.

## 2.6 APRENDER A MORRER

Sobre o tema da morte, e sobre exercitar-se para ela, há um fértil debate relacionado: “a interdependência entre os dois campos, ético e epistemológico, que se revela ao desenrolar do processo de purificação da alma, ou depuração intelectual e moral que somente o contexto da morte do filósofo poderia oferecer” (SILVA, 2016, p. 222). Portanto, a posição filosófica sobre o corpo e alma reverbera em práticas destinadas a uma pedagogia para a morte. É um modo de preparação durante toda a vida para morrer, por via de exercícios, buscando se desprender das paixões do corpo, fazendo com que a alma se acostume a viver o mais livre possível das pulsões que permeiam o mundo sensível.

Em suma, a alma passa a ser compreendida como um ente entrelaçado com um corpo, estando submetida a um jogo de conflitos que envolvem os apetites das pulsões do corpo e as normas do mundo. Se preparar para a morte e descobrir as máscaras que amedrontam o ego, é cuidar da alma, para que ela se torne a mais pura possível, voltando a torná-la imutável, una,

indivisível, incorpórea e imortal (SILVA, 2016, p. 231). Sendo assim, exercer a morte é tornar a alma virtuosa e guiá-la para o mundo inteligível, para o Bem.

A razão guia o filósofo contemple de uma alma altamente intelectual, refletindo em ações, como: desprezos aos desejos, ao sofrimento que esses desejos causam, desprendimento de honrarias e bens materiais. A razão, por assim dizer, é a redenção, o meio para a busca da liberdade e descontaminação das demandas da realidade sensível. Entretanto, permanecer fiel ao *logos* requer um exercício constante de se preparar para morrer, pois a fidelidade à razão traz consigo o risco iminente de perder a vida a qualquer momento, seja qual for a circunstância:

Sócrates se expôs à morte pela virtude. Preferiu antes morrer a renunciar às exigências de sua consciência; portanto, preferiu o Bem ao ser, preferiu a consciência e o pensamento à vida de seu corpo. Essa escolha é precisamente a escolha filosófica fundamental e pode-se então dizer que a filosofia é exercício e aprendizado para morte, se é verdadeiro que ela submete o querer viver do corpo às exigências superiores do pensamento (HADOT, 2014a, p. 44).

A ação de Sócrates, presente no texto *Fédon*, legitima a função do discurso filosófico, o seu poder de transformar a vida de quem é amante da sabedoria:

Os que praticam verdadeiramente a filosofia, de fato se prepara para morrer, sendo eles, de todos os homens, os que menos temor revelam à ideia da morte. Basta considerarmos o seguinte: se de todo jeito eles desprezam o corpo e desejam, acima de tudo, ficar sós com a alma, não seria o cúmulo do absurdo mostrar medo e revoltar-se no instante em que isto acontecesse/ em vez de partirem contentes para onde esperam alcançar o que a vida inteira tanto amaram – Sim, pois eram justamente isso: amantes da sabedoria (*Fédon*, 67d–68a)

Sócrates foi condenado a tomar veneno e o fez com alegria. No contexto dramático em que estava inserido, ele mostrava-se despreocupado, alegre, acalmando os que estavam preocupados em sua volta: “A boa aceitação da morte, que aos olhos dos amigos que se despediam do mestre parecia inicialmente uma excentricidade e uma insensatez” (SILVA, 2000, p. 222) frente a ela. Sócrates provou que, ao viver filosoficamente, ele aprendeu a morrer, vencendo os vícios corpóreos, mesmo em morte iminente, sua alma estava tranquila.

Neste caso, há uma fundamentação filosófica efetiva. Há uma dualidade, uma separação. Por via da razão, da sabedoria prática, corpo e alma, mundo sensível e inteligível. A alma não é daqui e não veio para ficar, o corpo é um recipiente efêmero. Exercer-se sobre a morte é buscar fazer com que a alma se acomode a ela mesma, se desprendendo o máximo possível do corpo:

Isso é evidente no platonismo no qual se encontra a célebre imagem do deus marinho Glauco, o deus que vive nas profundezas do mar: ele é irreconhecível porque está recoberto de lodo, de algas, de conchas e de seixos: assim ocorre com a alma; para ela, o corpo é um tipo de crosta densa e grossa que desfigura completamente; sua verdadeira natureza apareceria se ela saísse do mar lançando longe dela tudo o que lhe é estranho (HADOT, 2014a, p. 57).

Considera-se que a alma estando acomodada ao corpo, ela passa agir como se fosse corpo, não conseguindo ver e contemplar a si mesma. Manter o pensamento e as ações desprendidas do corpo é ter o efeito de uma alma sem laços com as paixões. Alcançar o Bem é resultado de uma submissão ao *logos*, fazendo com que os pensamentos se libertem de questões sensíveis e se direcionem para dimensões mais elevadas, para um mundo regido por leis imutáveis. Aprender a morrer é meditar diariamente sobre os limites naturais do corpo, lembrando que ele morre a cada dia em que estamos vivos, mas a alma não.

Temer a morte é um impulso natural, mesmo esse medo sendo considerado, para o platonismo com uma doença (*Fédon*, 95d). Morrer é nada mais que um fenômeno de separação entre corpo e alma, é para isso que o filósofo se prepara vida inteira: “viver como se estivesse morto e não viver se preparando para morte como se fosse algo distinto do que se realiza em vida” (PINHEIRO, 2021, p. 398). A morte é um acontecimento análogo a qualquer outro: “sob o ponto de vista do cosmos, a saúde, a doença, o nascimento e a morte fazem parte de um ciclo perfeito que necessita das coisas que estão vindo a existir, das que existem e das que completam a existência” (OLIVEIRA, 2018, p. 31). Por isso o filósofo antigo estaria mais preocupado por questões mais elevadas, como: *Qual o sentido da vida? O que é a justiça? O que é o Bem?* Pensar na morte é perda de tempo.

A morte é um mistério, um acontecimento que não compete às faculdades cognitivas. É como se elas não existissem. A morte é algo que não afeta o filósofo porque ela não existe para ele, é inimaginável pois ele admite que nada sabe sobre ela. Que sentido faz temer o que não se sabe? Assim como não se pode encarar a luz do sol, o mesmo acontece com a morte, ela não está perante o conhecimento humano, menos ainda ao campo da linguagem. Quando o filósofo busca aprender a morrer, ele passa a perceber que ele não precisa servir a nada desse mundo.

Ao exercitar a morte, o filósofo passa a transformar seu olhar perante o mundo e a si mesmo, mudando de perspectiva e se libertando do egoísmo. O seu olhar perante o mundo se expande, percebendo que às coisas humanas cabem as coisas humanas, e isso é ínfimo comparado às coisas da alma, isto é, à verdade. Para Hadot (2014a, p. 49), é justamente pela possibilidade de expandir o ego perante o mundo, por deixar de lado uma contemplação egoísta

e passar a contemplar a totalidade que o exercício da morte se faz uma ação regida pela sabedoria à serviço da vida. A busca pela grandeza da alma diz a respeito a desilusão da individualidade:

É possível que todos os que se dedicam verdadeiramente à Filosofia a nada mais aspirem do que morrer ou estarem mortos. Sendo isto um fato, seria absurdo, não fazendo outra coisa o filósofo toda a vida, ao chegar a esse momento, insurgir-se contra o que ele mesmo pedira com tal empenho e empós o que sempre afanara (*Fédon*, 64a).

A obra *Fédon* pode ser entendida como um convite para se preparar para morrer. Pinheiro (2021, p. 397), destaca alguns exercícios de preparação para a morte, são eles: afastar-se dos cuidados corporais, desprezar os desejos e apelos do corpo, buscar imaginar uma morte iminente, imaginar também uma vida após a morte, visto que a alma apenas habita em um corpo, sendo individual a ele:

Primeiramente, (1) o filósofo é apresentado como alguém que ao se interessar pela verdade, não se preocupa (*Espoudakenai* 64d) com os prazeres de comer e beber, assim como os de Afrodite, e também com os objetos para o corpo, como roupas e sandálias, sendo que ele despreza (*Atimázei*) esses na medida em que não é necessário utilizá-los. [...] Assim, afastar-se dos cuidados (*Therapeia*) do corpo é um impulso filosófico na medida em que o filósofo é marcado pelo desejo de verdade. O filósofo não é inimigo dos prazeres do corpo, ele simplesmente os acha pouco interessantes, poucos estimulantes e lida com eles a medida em que deles necessita para sobreviver (PINHEIRO, 2021, p. 399).

O registro desses exercícios marcaram as literaturas cristãs. Eles: “foram herdados do pensamento Antigo por intermédio de monges, que haviam empregado expressão *Exercícios Espirituais* a propósito da prática deles” (HADOT, 2016, p. 122). O exercício da morte é marcado pela prática da atenção e exames sobre a consciência e meditação:

“Acima de tudo, guarda teu coração.” O exame da consciência é frequentemente justificado pela segunda Epistola aos Coríntios (13;5); “Experimentai a vós mesmos”; a meditação da morte é aconselhada fazendo-se apelo à Primeira aos Coríntios (15, 31); “Morro a cada dia”. Entretanto, seria um erro pensar que essas referências bastam para cristianizar os exercícios. De fato, se os autores cristãos prestaram atenção e esses textos da Bíblia, é precisamente porque eles já conheciam os exercícios espirituais da *prosochê*, da meditação da morte ou do exame da consciência. (HADOT, 2014a. p. 86)

Mesmo tratando dos mesmos exercícios e estilos de práticas platônica: “O exercício da morte ganha um papel central na ascese dos padres no deserto dos séculos IV e V d.C (PINHEIRO, 2021, p. 401). Entretanto, não é possível pensar em Platão ensinando uma dieta magra e austera no *Fédon*. Os monges herdaram os exercícios e os inseriram em suas vidas de maneira mais radical. Os aspectos ascéticos monásticos, neste sentido, visam converter a atenção da alma do mundo sensível para o Espírito Santo.

Sendo assim, se preparar para a morte é um exercício que influenciou fortemente grande parte das práticas de algumas doutrinas filosóficas e religiões ocidentais. Vemos que se preparar para morrer implica que o filósofo pratique exercícios de concentração da sua personalidade moral, dialogue interiormente e medite sobre seus pensamentos (HADOT, 2014a, p. 45). De modo que quem já provou da imortalidade da alma não deve temer ao destino de se desenraizar-se da vida sensível, muito menos temer não mais servir às inconstantes demandas deste mundo.

## 2.7 APRENDER A LER

Como exposto, os discursos filosóficos Antigos estão explicitamente à serviço da prática espiritual, sendo ensinamentos concretos: “Não é possível, pois compreender as teorias filosóficas da antiguidade sem levar em conta essa perspectiva concreta que lhes dá seu verdadeiro significado” (HADOT, 2014a, p. 59). Não obstante, deve-se estar atento ao modo em que se lê e interpreta um texto, para que não sejamos conduzidos a ler textos Antigos como textos meramente teóricos discursivos, quer sejam diálogos como os de Platão ou cursos como os de Aristóteles:

[...] as obras dos filósofos não podem ser interpretadas sem levar em conta a situação concreta na qual nasceram: elas emanam uma escola filosófica, no sentido mais concreto da palavra, na qual uma mesma forma discípulos e se esforça para conduzi-los a transformação e a realização de si. A obra escrita reflete, pois, preocupações pedagógicas, pedagogias, metodológicas. (HADOT, 2014a, p. 60)

As obras Antigas são fruto de ensinamentos existenciais, elas possuem uma dimensão eventual entre mestre e discípulo que percorre durante a trajetória dos textos. Portanto, certos apontamentos de incoerências ou consideradas contradições seriam falhos, frutos de equívocos exegéticos dos historiadores modernos, pois não há nessas obras uma ordem sistemática explicativa. Na introdução às *Cartas a Lucílio*, Segurado e Campos (2021, p. XIV), alude o mesmo apontamento de Pierre Hadot: “Sêneca não assume um caráter sistemático, os

problemas são tratados ou porque um sucessor exterior os sugeriu, ou porque o próprio Lucílio pediu expressamente a Sêneca que tratasse este ou aquele ponto”.

Ou seja, grande parte das obras Antigas não possuem um caráter sistemático, pois estão mais assegurados a fatos vividos, sempre acompanhando a evolução do seu discípulo. Podendo insistir em um tópico ou outro, criticando alguma convicção daquela realidade e até mesmo deixando ser seduzido por falsas opiniões; levando a prova durante o progresso dos ensinamentos. O que importava para os filósofos Antigos era ensinar os seus discípulos naquele instante vivido, tirar suas dúvidas e deixando em segundo plano uma ordem teórica e explicativa registrada, como foi o caso de certas obras de Aristóteles.

Na visão de Pierre Hadot, o método aristotélico designa responder a questões específicas e limitadas. Não levaram em conta que seus escritos eram cursos: “que correspondem às situações concretas criadas por este ou aquele debate escolar” (HADOT, 2014a p. 61). Cada curso correspondia a condições e problemáticas distintas. Não era intenção de Aristóteles propor um meio explicativo sistemático completo sobre a realidade, mas seu intuito era o de formar seus alunos para compreenderem estratégias corretas de lógica, seja sobre as ciências da natureza, seja sobre a moral.

Do mesmo modo, deve-se pensar no que diz a respeito a outros tratados: “Não se deve imaginar que eles são capítulos sucessivos de uma vasta exposição sistemática do pensamento de Plotino” (HADOT, 2014a, p. 62). O fato era que, para ensinar aos seus discípulos, os seus mestres buscavam, por princípio, considerar as capacidades intelectuais dos ouvintes. Ou seja, mesmo respondendo uma única questão, tal resposta poderia variar saindo de um comentário e entrando em outro, à medida que os discípulos iam progredindo espiritualmente.

Quando Pierre Hadot (2014a, p. 65), enfatiza que Nietzsche<sup>24</sup> e Bergson apresentam uma filosofia conscientemente como uma maneira de viver, ele quer dizer que uma parte significativa da filosofia medieval e, principalmente da moderna, esteve engajada majoritariamente em uma filosofia puramente teórica e abstrata. Isto porque neste momento histórico, a teologia se apossou dos ensinamentos filosóficos, propriamente dos Exercícios Espirituais, esvaziando-os e fornecendo conhecimento puramente teóricos. A filosofia, então,

---

<sup>24</sup> A filosofia, como a compreendi e a vivi até agora, é vida voluntária em meio do gelo e nas altas montanhas – é a busca de tudo que é estranho e duvidoso na existência, de tudo o que foi até agora proscrito pela moral. A longa experiência, proporcionada por esse caminhar no proibido me ensinou a contemplar tudo completamente de forma diferente do que se poderia pensar as razões pelas quais até agora se moralizou e se idealizou: a história oculta dos filósofos, a psicologia dos seus grandes nomes se revelou para mim. Quanta verdade pode um espírito suportar, quantas pode arrancar um espírito? (Cf. NIETZSCHE, 2009, p. 16)

neste ínterim, tornou-se “serva da teologia”<sup>25</sup> (HADOT, 2014b, p. 357). Com isto, o modo de se fazer filosofia foi perdendo sua essência.

Compreender a filosofia através dos Exercícios Espirituais pode ser um desafio, visto que viver como os filósofos Antigos viveram, praticando suas técnicas de autocuidado, parece ser uma tarefa hercúlea em meio à cultura em que estamos inseridos. Talvez, um caminho para contemplar esse modo de acesso à sabedoria, é amando as velhas verdades:

Velhas verdades... Pois há velhas verdades das quais as gerações humanas não chegam a esgotar o sentido; não que elas sejam difíceis de compreender, elas são, ao contrário, extremamente simples, até mesmo chegam a parecer banais; mas, precisamente, para compreender seu sentido, é preciso vivê-las, é preciso, sem cessar, refazer a r delas: cada época deve retomar essa tarefa, aprender a reler e reler essas velhas verdades (HADOT, 2014a, p. 66).

Ao fazer comentários sobre essa passagem de Vauvenargues, Pierre Hadot (2014a, p.66), alude que, mesmo não sabendo ler, passamos a vida a ler pois, não conseguimos nos libertar de nossas preocupações, não conseguimos voltar a nós mesmos deixando de lado buscas por sutilezas e originalidades, não meditamos calmamente e nem sequer ruminamos para que os textos conversem conosco. Ainda ressalta que ler é um dos mais difíceis Exercícios Espirituais e, que Goethe assumiu que precisou de oitenta anos para reconhecer que teve sucesso na leitura.

---

<sup>25</sup> Em *A Hermenêutica do Sujeito*, Michel Foucault considera que a ideia de conversão a si foi o meio de formação a moral cristão, visto que o cristianismo herdou, repatriou e elaborou o que chamamos de “moral cristã” (Cf. FOUCAULT, 2006, p. 314). Em uma pesquisa recente denominada *O Si mesmo, os Outros e o Mundo*, a qual é tratada a concepção de cuidado de si e exercícios espirituais, Cassiana Stephan (Cf. 2021, p. 30), relata que Pierre Hadot contrasta que a filosofia perdeu sua articulação com a vida antes mesmo da Modernidade, ou seja, a subordinação da filosofia em relação à teologia marca a ruptura entre filosofia e modo de vida, pois nesse contexto, os exercícios espirituais passam a integrar à vida cristã, tornando-se independentes da filosofia (Cf. STEPHAN, 2021, p. 30). Vemos então a grande influência dos exercícios espirituais, durante o período helenístico, com o modo de vida cristão. Nas palavras de Pierre Hadot (Cf. 2014b, p. 356), na obra *O que é Filosofia Antiga*, os modos de vida epicuristas, estoicos e platônicos foram se absorvendo pelo modo de vida cristão: “Se é verdade que, até certo ponto, o modo de vida monástico foi denominado ‘filosofia’ na idade média, não é menos verdade que esse modo de vida, embora integrasse exercícios espirituais próprios da filosofia antiga, viu-se separado do discurso filosófico o qual se ligara anteriormente.

### 3 A ESCRITA COMO UM EXERCÍCIO ESPIRITUAL

Na primeira sessão, apresentei o pensamento de Pierre Hadot de forma ampla, abordando alguns Exercícios Espirituais e os principais exemplos e argumentos que sustentam sua tese. Agora, neste momento da pesquisa, exploro o tema central, que é a escrita como uma forma de exercer a filosofia. Para guiar essa discussão, recorro ao exercício da escrita através da leitura do Marco Aurélio de Pierre Hadot<sup>26</sup>, embora Hadot também tenha mencionado outros pensadores romanos como Arriano, Sêneca e Cícero que também utilizaram a escrita como um caminho para o autoconhecimento e a busca pela verdade. Nesta sessão, vamos explorar a importância da escrita como uma ferramenta filosófica e suas implicações para o desenvolvimento intelectual e moral.

#### 3.1 A FORMAÇÃO FILOSÓFICA DO IMPERADOR

Marco Antonino, isto é, Marco Aurélio nasceu em Roma no ano de 121 d. C. Seus pais, Ânio Vero e Domícia Lucia tinha boa condição financeira e forte influência política. Seu avô foi prefeito da sua cidade e consulado cônsul três vezes, bem como seu pai fazia parte da nobreza romana. Quando seus pais morreram ele era muito jovem, e a perda do seu avô foi acometida próxima a morte deles. Marco Aurélio foi apadrinhado pelo imperador Adriano, tendo sua padrinagem. Antes de Adriano morrer, ele adotou Antonino Pio, que foi seu sucessor<sup>27</sup>, e pediu-lhe que adotasse Marco Aurélio e seu irmão Lúcio Vero.

Com a morte de Antonino Pio em 161, aos 39 anos Marco Aurélio se tornou imperador de Roma. Seu governo durou o período de dezenove anos, até sua morte em 180. Durante esse período o Imperador passou por situações bastante turbulentas como, por exemplo, a invasão das províncias advindas do Leste. Em meio a tantos problemas, os Marcomanni e os Quadi (povos germânicos da região de Danúbio), um general nomeado pelo próprio Marco Aurélio,

---

<sup>26</sup> “*Comme beaucoup de philosophe du monde romain, Arrian est à la fois un homme d’Etat et un philosophe, no pas évidemment un createur de système, mais un homme qui assaie de vivre sa philosophie tout en exerçant une activité politique et administrative. Et, pour vivre sa philosophie, il a mané à l’écriture, c’est-à-dire à la méditer par écrit, comme l’ont fait aussi Ciceron, Sénèque, ou Marc Aurèle*” (In: Introdução, *Manuel d’Épictète*, 2000, p. 11).

<sup>27</sup> A hipótese mais plausível parece-nos ser o fato de que Marco Aurélio era descendente de dois homens que tinham sido colaboradores de Adriano. Seu avô paterno, Marco Ânio Vero, havia exercido três consulados e a prefeitura de Roma. O bisavô materno de Marco, Lúcio Catílio Severo, prestava um enorme serviço a Adriano, ao aceitar sucedê-lo como governador da Síria, nos tempos conturbados que precederam a morte de Trajano e se seguiram a ela, e com isto havia facilitado sua tomada do poder (Cf. GRIMAL, 2018, p. 41).

tentou usurpar seu lugar se autoproclamando imperador. Além disso aconteceram catástrofes naturais e doenças contagiosas invadiram o império (GRIMAL, 2018).

Durante essas situações Marco Aurélio escreveu suas *Meditações*. Muito do que foi escrito são exortações de lembranças das doutrinas estoicas, ensinamentos morais.

É muito difícil identificar traços da personalidade do Imperador através do que ele escreveu. Em poucas máximas encontramos alguns conteúdos em que ele escreve na pessoa do Imperador:

Cuidado para não te cesarizares, para não te imbuíres; isso costuma acontecer. Preserva-te simples, bom, puro, grave, desafetado, amigo da justiça, piedoso, benévolo, afetuoso, firme no cumprimento do dever. Luta por permaneceres tal qual te quis formar a filosofia. Venera os deuses, socorre os homens. (*Meditações*, VI, 30)

Ora, o interesse de cada um vai com sua constituição e natureza; a minha é racional e social. Como um Antonino, minha cidade e minha pátria é Roma; como homem, o mundo. Logo, só é um bem para mim o que for útil a essas cidades. (*Meditações*, VI, 44)

Encontramos nos seus escritos conselhos para si mesmo em relação a como lidar com a sua vida de império: “Que ninguém te ouça lastimar a vida na côrte, nem tu mesmo.” (*Meditações*, VIII, 9). E sobre utilizar do conhecimento da filosofia:

Se tivesse ao mesmo tempo uma madrasta e uma mãe, sem embargo de tuas atenções para com a primeira, seriam constantes os teus retornos para junto de tua mãe. O mesmo se dá agora com a côrte e a Filosofia; volta assim com frequência a repousar nesta, porque graças a ela a vida te é suportável naquele meio. (*Meditações*, VI, 12)

Marco está exercitando a imaginação dizendo para ele mesmo como deve se expressar diante o senado: “Falar, quer no senado, quer na presença de quem for, com apuro e clareza; usar a linguagem sã” (*Meditações*, VIII, 30). Enfim, em meio a aforismos desiguais encontramos uma filosofia refinada que condiz com a arte de viver. A filosofia de Marco Aurélio é muito diferente da filosofia moderna que “[...] apresenta-se antes de tudo como a construção de uma linguagem técnica reservada a especialistas.” Mesmo escrevendo para ele mesmo, os conteúdos de sua obra são transmitidos por uma linguagem que tende a tocar e transformar o leitor, sem necessariamente ser um especialista em filosofia.

A formação espiritual de Marco Aurélio teve a ver com uma filosofia prática. Segundo Grimal (2018, p. 48-49), desde cedo o Imperador transparecia o amor pela verdade; esse foi um dos motivos de ter cativado uma estima especial ao imperador Adriano. Graças ao seu mestre

Frontão, a personalidade do seu discípulo foi marcada por espírito de independência, seriedade, autenticidade, propensão a amar. Em sua formação ele se preveniu contra excessos de sensibilidade e ingenuidade que o fez propenso a enfrentar a vida de um César.

Na infância, Marco Aurélio teve uma educação intelectual refinada, seus ensinamentos foram além dos programas de ensino convencional da época. Suas aulas foram aplicadas através de etapas, por exemplo: para ler e escrever bem se aprendia gramática, em seguida o aluno iniciava no estudo de literatura, que fornecia conhecimentos necessários para boa articulação retórica, saber lidar com as eloquências das palavras. Além disso, ele buscava por própria se debruçar em poesia, geometria, música, o estudo de dialética e filosofia.

Sua educação foi realizada por um preceptor com aulas em casa, nela ele estudou Homero, Hesíodo, estudou as artes da música, dança, pintura com Diogneto. Estudou de retórica com o erudito Frontão, a quem teve muita ligação respeitosa e douradora. O imperador teve como inspiração principal a sabedoria de um escravo, Epicteto (*in* Introdução: *Meditações*, BRUNA, p. 11).

Vemos nas *Meditações* (I, 17), Marco Aurélio<sup>28</sup> agradecendo aos deuses o fato de ter se apaixonado pela filosofia, de não ter sido influenciado por nenhum sofista, nem ter se sobrecarregado de estudar silogismos e não ter perdido tempo se preocupando com o que se passa no céu. Segundo Grimal (2018, p. 53), o Imperador não sentia atração por autores latinos clássicos, como Horácio e Polidão. Ele tinha preferência por poetas como Ênio, Plauto e Névio; gostava de oradores arcaicos, dos discursos do Cipião Emiliano.

Apesar de não ser fluente em grego, Marco Aurélio nutria uma grande admiração por a língua grega. Tanto que escolheu escrever suas *Meditações* no idioma que sua mãe dominava com maestria. A precisão e à beleza da linguagem em que escreveu é uma prova da sua importância à língua grega. Para ele o grego era com a linguagem interna, a da meditação. Tanto o idioma quanto as tradições gregas o seduziam, a estética e o vocabulário grego coabitaram o espírito de Marco Aurélio, em especial os temas da tradição do estoicismo arcaico (GRIMAL, 2008, p. 57).

Por se tratar de uma criança rica, de viver sobre as melhores condições possíveis de sua época, já na infância, o príncipe estudava filosofia com ardor, aos doze anos de idade adotou a

---

<sup>28</sup> “Marco Aurélio, sabendo que o “viver bem não depende de silogismos (VIII, I, 5), não tinha vontade nenhum de dominar a dialética e tampouco a física (VII, 67, 3). Graças a deus, mesmo desejando ser filósofo, ele jamais se consagrou a análise dos silogismos (I, 17, 22). Ele agradece a Rústico por esse benefício (I, 7, 2), e bem poderia agradecer a Frontão, que o havia aconselhado a abandonar a paixão pelos sofismas e pelas aporias lógicas e a dedicar-se ao estudo da retórica, a esquecer Diodoro e Alexino e voltar-se para Platão e Xenofonte – mas Rústico (seja louvado!) o havia ensinado a abster-se também da retórica e de qualquer pretensão literária (I, 7, 3)” (GOURINAT; BARNES, 2013, p. 157)

indumentária usando um manto curto à moda dos filósofos gregos. E ele dormia no chão, e com muita dificuldade sua mãe conseguia fazer com que ele dormisse numa cama coberta de peles (GRIMAL, 2008, p. 63). Vemos, então, que precocemente já era apaixonado pela espiritualidade, com comportamentos de quem já havia se convertido a uma filosofia concreta diretamente ligada a uma Maneira de Viver.

Aliás, no livro (I, 8), Marco Aurélio alude ter um mestre chamado Apolônio, o qual lhe ensina as doutrinas do estoicismo, a praticar um olhar fixo à razão, a tomar decisões sem longos debates, a não se alterar mesmo durante sofrimentos intensos como dor da morte de um filho, a não se irritar ao dar explicações, a receber gentilezas de amigos sem render a elas e nem tampouco desdenhá-las. Aqui encontramos aspectos morais da filosofia, ou seja, uma filosofia que ensina o melhor viver.

Não apenas Apolônio, mas outros mestres influenciaram diretamente sua formação intelectual e moral. Ele agradece a Diogneto (*Meditações*, I, 6), seu professor de pintura, que segundo Grimal (2018, p. 64), foi quem o influenciou a dormir em sobre uma cama apenas coberta com pele de animal, e o familiarizou com a vida filosófica desde cedo, incentivando-o a escrever diálogos, que com o feito o tornou mais apto a pensar como um filósofo, não se limitando a ser um simples orador.

Marco Aurélio foi apelidado por Adriano, desde cedo, de Veríssimus “muito sincero”, em sua personalidade esse adjetivo era explícito. Seja como criança, como jovem ou imperador, ele agiu como filósofo, sendo estranho no sentido de ser diferente dos demais (HADOT, 1992, p. 307). Ele escreve sobre esse tema:

Quando rançoso quem diz: “Resolvi ser sincero contigo!” – Que fazes, homem? Esse preambulo não se usa. A sinceridade se releva de pronto; deve estar gravada na fronte, soar de imediato na voz, surgir de imediato nos olhos, como o ente amado tudo compreende de imediato no olhar dos amantes. Em suma, a singeleza e a bondade devem ser como a morrinha, que vizinho sente, queira, logo ao chegar. Sinceridade deliberada é cutelo. Nado de tudo. O bom, o sincero, o amigo, trazem essas marcas nos olhos e dão na vista (*Meditações*, XI, 15).

Vemos nas *Meditações* o Marco Aurélio filósofo aconselhando o Marco Aurélio imperador a lidar com os homens, a lidar com a solidão que o seu lugar de governante o coloca, de se encontrar muitas vezes sozinho diante os dilemas humanos. Onde quer que o Imperador vá, ele terá de lidar com o mesmo tipo de rebanho. Ou seja, rei ou tirano, o lugar de governar seres humanos carrega o ônus de lidar com bestas sorradeiras (*Meditações*, X, 23).

### 3.2 SOBRE COMPREENDER UM TEXTO DA ANTIGUIDADE

No texto *Elogio da Filosofia Antiga*, Pierre Hadot (2012, p. 14), apresenta seu método de leitura e considerações importantes para se compreender os textos Antigos. Ao seu ver, não é possível compreender o pensamento romano sem levar em consideração o pano de fundo grego, bem como não é possível conhecer o modelo de pensamento helenístico sem recorrer ao modelo da época imperial e da antiguidade tardia. Ou seja, há uma forte relação entre o texto de um período a outro.

Para ler e compreender uma obra Antiga é preciso levar em conta de todas as condições concretas nas quais elas foram escritas, segundo Hadot (2012, p. 28), estão, (1) o panorama de cada escola filosófica, (2) as condições e situações que levaram os textos a serem escritos, (3) a natureza da própria filosofia no seu contexto histórico, (4) os gêneros literários, as regras retóricas, os imperativos dogmáticos das doutrinas filosóficas e, (6) os modos tradicionais de raciocínio. Em suma, ignorar as intenções dos filósofos ao escrever pode levar a uma compreensão limitada e superficial. Portanto, é fundamental abordar a leitura com uma abordagem contextual, a fim de extrair todo o significado e valor que o texto pode oferecer.

Por exemplo, a maioria das obras Antigas do período helenístico permaneceram estreitamente ligadas a condutas orais, em sua maioria foram ditadas em voz alta para um escriba. Isso porque na antiguidade a leitura era um exercício praticado em voz alta, havendo um sublimar ritmo do período e da sonoridade das palavras. Os Antigos eram extremamente sensíveis a fenômenos sonoros, nas diversas escolas eles eram obrigados a empregar certas formas ritmadas, estereotipadas tradicionais que veiculavam os conteúdos e imagens do pensamento: “com relação ao ensino filosófico, a escrita era senão um pró-memória, um recurso que jamais substituíra um discurso vivo.” (HADOT, 2012, p. 29) Por quais motivos os alunos escreviam as aulas dos seus mestres, quem foram esses alunos, como eram formadas as escolas filosóficas?

Segundo Grimal (2018, p. 51), os textos Antigos não eram escritos somente para serem lidos pelos olhos, mas para serem ouvidos, escutados dramaticamente. Por isso a entonação e o ritmo eram de extrema importância. O modo de escrever era totalmente diferente do nosso, a quantidade de vogais nas palavras e sílabas eram acrescentadas através do ritmo e som, isso era muito típico principalmente nos textos poéticos; eles eram emitidos sobre uma espécie de ator que emitiam propositalmente enunciados com domínio de dicção do jogo de palavras.

Na introdução a obra *La Citadelle Intérieure*, Pierre Hadot aponta alguns problemas modernos relacionados a interpretação de textos Antigos e oferece chaves de leitura para melhor

compreender obras. Na sua visão, para entendê-los é preciso estar situado na situação contextual da época, por exemplo, durante esse tempo os textos foram recopiados e, com isto, possíveis erros de palavras foram introduzidos neles. Outra questão é o a distância cronológica, o modelo de pensamento, as formas de raciocínio funcionam de forma distinta. Sabendo este recorte histórico social, é possível que o leitor evite o máximo possível o anacronismo.

O que o Pierre Hadot transmite é que, assim como a forma de pensar é fruto de uma época, o mesmo acontece com a forma de compreender o sentido de uma palavra, e conseqüentemente, o modo de escrever uma dissertação. Os discursos Antigos, quando escritos, tinham propósitos diferentes dos atuais. Eles possuíam um rigor teórico particular, ou seja, as regras literárias são diferentes das hodiernas. Sendo assim, essa forma tomar compreensão faz com que haja acuidade no método de interpretação.

No subcapítulo intitulado *Destin d'un texte*, Pierre Hadot (1992, p.35), destaca que do ponto de vista histórico, o itinerário dos escritos Antigos é um verdadeiro milagre. É preciso levar em conta vários fatores, como o fato de que, (1) algumas obras filosóficas foram transmitidas por copistas que escreviam o que ouviam em um momento específico, sobre uma questão específica, eram pessoas que tinham uma boa memória e capacidade de escuta. Além disso, (2) a hegemonia do ensino oral e dialogado pode ter afetado a fidelidade das transcrições, já que o eco das palavras poderia ser um problema. Outro ponto importante é que (3) os materiais para produzir textos eram relativamente frágeis e, com o passar do tempo, os textos foram sendo recopiados, o que pode ter dado margem a alterações. Além disso, (4) os numerosos incêndios da antiguidade levaram à perda de muitas obras valiosas. Em suma, a história dos textos Antigos é uma verdadeira proeza, que nos permite ter acesso a uma riqueza de conhecimentos e ideias que, de outra forma, poderiam ter sido perdidos para sempre.

No entanto, devemos ter em mente que esses textos podem ter sofrido alterações ao longo do tempo e que, portanto, devemos abordá-los com um olhar crítico e analítico, a fim de compreendê-los em sua verdadeira essência.

Pierre Hadot (2012, p. 31-32), menciona que muitas das obras literárias, principalmente as do período da antiguidade tardia, chegaram até nós através do Exercício Espiritual da leitura, de estudos indiretos nas exegeses dos textos que os discípulos faziam de Platão ou Aristóteles. Não obstante, essas aulas eram feitas para um público universal, mas para um grupo de alunos específicos, com níveis de conhecimentos específicos. “Somente a obras de propagandas se dirige a um público amplo.” Em suma, levando os pontos mencionados em consideração, ao pensar em um tema de Platão ou de Aristóteles, os mestres adaptavam o que conhecimento que

transmitiam ao nível espiritual dos seus destinatários, por exemplo: “aos iniciantes não se expõem todos os detalhes do sistema, que só se pode desvelar aos mais avançados”.

Visto que a oralidade assumia um papel importante para o modo de transmitir o conhecimento filosófico, que através dos registros de discípulos e dos copistas os ensinamentos sobreviveram até hoje. Na visão de Pierre Hadot (1992, p. 23), dar título as obras não era algo que caracterizou a antiguidade, a maioria dos títulos foram inseridos depois. A medida em que os leitores das bibliotecas passaram a sentir dificuldades em conhecer e discriminar de forma mais imediata os textos por categorias, eles próprios inseriam títulos.

Pierre Hadot (1992, p.74), referência as obras de Epicteto para fomentar a sua concepção de que não se copiava com intuito de publicar obras para um público acadêmico. As obras de Epicteto foram escritas por seu discípulo Arriano<sup>29</sup>, de modo que formasse o espírito de quem a lesse, seja filósofo, senador ou escravo. A tese de Pierre Hadot foi uma das fontes para as reflexões de Michel Foucault no que tange o tema do cuidado de si. Foucault na *Hermenêutica do sujeito*, circunscreve que grande parte das obras Antigas sobreviveram graças às práticas espirituais; escrever repetidas vezes, meditar sobre o que se escreve, ler em voz alta, entre outras.

Segundo Michel Foucault (2006a, p. 427), as obras de Epicuro sobreviveram por conta das práticas de autocuidado; eles copiaram o que lembravam sobre as doutrinas transmitidas por seu mestre<sup>30</sup>: “daí, aliás, todas aquelas práticas bem conhecidas, como a de resumos de obras, de tal modo esta prática foi difundida que é graças a ela, muitas vezes, que tantas obras nos foram felizmente conservadas.” Porfirio é outro exemplo editor, o discípulo de Plotino. Vemos, até então, que na antiguidade existiam escolas distintas, ensinamentos, maneiras de viver diferentes, todas mediadas por uma tradição de aulas orais.

Para Pierre Hadot<sup>31</sup> (2019, p. 79), no século XVI e XVIII, a ideia de uma composição literária organizada como as de Platão ou Cícero limitaram a forma de interpretar outros textos.

---

<sup>29</sup> “Cet emploi de la koinè correspondait au caractere oral des propos d’Épictète Arrian oppose clairement, nous l’avons dit, le style oral des propos d’Épictète à un possible ouvrage destine à des leucteurs” (In Introdução, *Manuel d’Épictète*, 2000, p. 32).

<sup>30</sup> As explicações de Epicuro só ficaram conhecidas praticamente por resumos feitos por seus alunos depois da sua morte, e por algumas proposições consideradas importantes e suficientes pelos que se iniciam e pelos que, já iniciados, necessitam reatualizar e [rememorar] os princípios fundamentais de uma doutrina a ser não apenas conhecida, mas também assimilada e da qual, de certo modo era preciso ter-se tornado o sujeito que fala. Portanto, a prática de resumos. Prática também de florilégios nos quais se reúnem, sobre um determinado assunto, ou sobre uma série de assuntos, proposições e reflexões de autores diversos (Cf. FOUCAULT, 2006b, p. 428).

<sup>31</sup> *Du XVI e XVIII siècle, à une époque où l’on cherchait l’ideal de la composition litteraire dans la belle ordonnance d’un dialogue de Platon ou dun traité de Cicéron, on s’est imaginé que les Peensés n’étaient que des extraits décousus et incomplets d’un grand traité philosophique et systématique disparu, rédigé par Marc Aurèle* (Cf. HADOT, 2019, p. 79).

Os textos que não apresentavam articulação e sistematização foram considerados como obras incompletas, foi o caso das *Meditações* de Marco Aurélio. Ou seja, Pierre Hadot não deixa se passar a possibilidade de interpretar essas obras consideradas ‘incompletas’ como ensinamentos filosóficos através de cartas, ou uma correspondência de um mestre visando responder algo muito pontual para um discípulo, escrever consolações para um amigo ou para si mesmo. Ou seja, elas não são incompletas, mas ultimadas para um determinado contexto.

De acordo com Michel Foucault (2006a, p. 428), os escritos filosóficos Antigos possuíam uma função mais formativa do que informativa. Nas cartas enviadas a Lucílio, encontramos conselhos e frases impactantes que convidam o leitor a refletir e meditar sobre elas. Esses estilos literários são fundamentais para pensarmos o papel da filosofia atualmente, uma vez que o objetivo da leitura filosófica não se resume a adquirir conhecimento sobre a obra de um autor, trata-se, antes, de promover uma transformação espiritual através da meditação.

Em suma, o exercício da escrita estava intimamente ligado a como esses filósofos lidavam com situações concretas, com suas paixões, e circunstâncias da vida. A razão filosófica tinha o poder de transformar o mundo interior do filósofo. Diante disso, cabe questionar qual o caminho que escrita acadêmica filosófica segue nos últimos tempos? Para que serve método da nossa escrita e da nossa leitura? Ainda existem filósofos que utilizam a escrita como um exercício, prática ou cuidado espiritual?

Pierre Hadot (2014b, p. 370), aponta que alguns textos de autores modernos são análogos ao método de ensino dos Antigos, entre eles estão: Descartes, Wittgenstein e Nietzsche<sup>32</sup>. Para ele a escrita desses filósofos é sobretudo um Exercício Espiritual. Entre esses autores modernos, vemos Michel Foucault (2006a, p. 429), interpretar que ao escrever as *Meditações* de Descartes se coloca como sujeito da dúvida, passando a se interrogar acerca de tudo. Sua escrita tem uma função meditativa no sentido filosófico, como uma técnica que o sujeito se coloca numa situação fictícia e experiencia a si mesmo. A respeito de Descartes, Pierre Hadot (2014b, p. 370), alude que: “quando Descartes escolhe dar a uma de suas obras o título de *Meditações*, ele sabe muito bem a palavra na tradução da espiritualidade Antiga e cristã

---

<sup>32</sup> A filosofia de Schopenhauer e a de Nietzsche são, elas também, convites a uma transformação radical da maneira de viver. Nietzsche e Schopenhauer são, aliás, pensadores banhados na tradição antiga. Ademais, sob a influência do método Hegeliano, isto é, a ideia do caráter puramente histórico da consciência humana, segundo a qual a única coisa durável é a ação do próprio espírito humano, que engendra incessantemente novas formas, resultou nos jovens Hegelianos e em Max a ideia de que a teoria não pode desvincular da práxis, que é a ação do homem no mundo que engendra as representações. No século XX, a filosofia de Bergson e a fenomenologia de Husserl se apresenta menos como sistemas que como métodos para transformar nossa percepção do mundo. E o movimento de pensamento inaugurado por Heidegger e continuado pelo existencialismo pretende, teoricamente, em princípio, engajar a liberdade e a criação do homem no próprio processo filosófico, ainda que, de fato e em última instância, ele seja antes de tudo um discurso filosófico (Cf. HADOT, 2014a, p. 270).

designa um exercício da alma.” Ou seja, cada sentença, cada meditação, é sobretudo um trabalho espiritual sobre si, dizendo a si mesmo repetidas vezes as sentenças e meditando-as diariamente.

Mesmo tendo dois eminentes autores tratando da escrita como uma prática de ascese espiritual, um filólogo e outro historiador, o Pierre Hadot (2016, p.122), apresenta significativas divergências com Michel Foucault, criticando a interpretação foucaultiana sobre as práticas ou escrita de si, pois para ele: “o que se pratica não é o Si, e tão pouco é o Si que é escrito”. Ou seja, o que está em prática não é o *Si* transmitido em palavras, pois a forma que o filósofo cuida de sua alma é exercendo a escrita com intuito de influenciar e transformá-la como um todo.

No que diz a respeito da escrita como um cuidado de si, Michel Foucault não compreendeu que a ação de descentrar o “si” seria fundamental, pois o sentimento de pertencimento ao Todo é algo imprescindível para refletir o modelo de pensamento Antigo. Em relação a prática da escrita, o que Pierre Hadot enfatiza é que não é qualquer “já dito” que é escrito que torna o ato de escrever uma prática filosófica, muito menos quando esse já dito se trata de escrever sobre um si centrado nele mesmo, Não obstante: “ao escrever, ao anotar, não é um pensamento estranho que é feito seu, mas utilizam-se de fórmulas que se consideram como bem-feitas para atualizar, para tornar vivo, o que já está presente no interior da razão daquele que escreve” (HADOT, 2014a, p. 296).

Vejamos, quando Marco Aurélio (*Meditações*, II, 9), escreve que devemos sempre nos lembrar da natureza do universo, que somos parte dela, que tudo em breve se transformará ou evaporará, seja uma substância simples ou não (*Meditações*, VI, 4), ele está meditando sobre o fato de sermos parte do todo do mundo, do cosmos. Sejam célebres ou homens que os celebraram, todos seguiram seu trajeto no mundo e foram esquecidos. (*Meditações*, VII, 6) Seja homem ou mulher, rei ou escravo, animal ou planta, tudo é Mundo e se esvai, torna-se o Todo. O termo Todo da concepção estoica, justifica a descentralização do cuidado de si que Pierre Hadot elucida.

As divergências que dividem as concepções o pensamento de Pierre Hadot de Michel Foucault estão presentes no texto *Diálogo Interrompido com Michel Foucault*. São elas: (1) a ideia de estética<sup>33</sup> ou beleza da existência, pois para Pierre Hadot o que os filósofos da

---

<sup>33</sup> Michel Foucault, quando vincula as “práticas” filosóficas da antiguidade a uma “estética da existência” que ele próprio propõe a cultura de si, numa conversão em direção a si, mas, esse exercício, o sábio antigo não encontra prazer em seu eu individual para se recolocar no Todo do mundo do qual é uma parte, racional ou material. Resulta disso que o próprio projeto ético proposto por Foucault ao homem contemporâneo de uma “estética da existência”, inspirado pelo que, a seus olhos, é o “cuidado de si dos filósofos antigos”, parece-me demasiadamente estreito, não dar conta suficientemente da dimensão cósmica inerente à sabedoria e não fornecer muito mais que uma nova versão do dandismo (Cf. HADOT, 2014a, p. 313).

antiguidade buscavam não era primeiramente o belo, mas o bem moral. (2) O termo cultura de si, caberia melhor estar colocado como superação ou transformação de si, pois termos como *ataraxia* ou *autarkeia* remetem-se a busca incessante do filósofo a dilatar o “si” e contemplar a grandeza da alma, o Todo.

E ainda o (3), Para Pierre Hadot, o momento em que a filosofia deixou de ser um conjunto de práticas vividas foi situado na idade média, especificamente quando a filosofia passou a auxiliar a teologia e os Exercícios Espirituais integrados a vida cristã, já para Michel Foucault, Descartes é foi um dos responsáveis por esse distanciamento. Porém, mesmo havendo divergências interpretativas, o Michel Foucault tem forte influência das pesquisas de Pierre Hadot, suas últimas obras possuem significativamente a referência hadotiana de tratar a filosofia como conversão e prática espiritual.

Em nota de rodapé, Pierre Hadot (2014a, p. 27), explica que traduziu a palavra *melete* por meditação, designando um esforço para assimilar e tornar vivas na alma uma ideia, uma noção, um princípio. O trabalho da meditação é um esforço para dominar o discurso interior, para ordená-lo seguindo as doutrinas filosóficas, podendo ser uma estoica; meditar para distinguir o que depende e não depende de nós. Já para Foucault, meditar é um trabalho de fazer com que a verdade seja gravada no espírito do filósofo de maneira que ele possa usá-la como princípio de ação.

Na visão de Michel Foucault (2006a, p. 428), o significado de meditação do século XIX e XX não tem a ver com a meditação Antiga, para explicar a meditação no sentido Antigo ele recorrer à meditação sobre a morte ensinada por Platão: “meditar sobre a morte é pôr-se a si mesmo, pelo pensamento, na situação de alguém que está morrendo, que vai morrer, ou que está vivendo os seus últimos dias. Meditar neste sentido, é um exercício do sujeito com seu próprio pensamento. Escrever sobre a morte, seria uma forma de meditar sobre ela.

Com toda a probabilidade Marco Aurélio escreveu para si, ele não ditou para nenhum copista. Suas meditações devem ter sido guardadas por algum membro da sua família. Segundo Reale (2014, p. 109), as anotações do Imperador, que também foram traduzidas por *Solilóquios*, foram produzidas durante o período de campanha militar: “e que não tinha finalidade de ser publicada.” Mesmo assim, a primeira aparição de sua obra foi no século XVI, especificamente em 1559, através da tradução de Andreas Gesner em Zurique, esta edição que apresentou o imperador filósofo ao ocidente (HADOT, 1992, p. 36-37).

Para uma *hypomnemata*, o que se escreve são meditações sobre dogmas fundamentais de uma determinada escola, e o que esses dogmas expressam são preciosos à alma, são os ensinamentos que estão vivos até hoje; as *Meditações* de Marco Aurélio são provas disso.

### 3.3 HYPOMNEMATA?

*Hypomnemata*<sup>34</sup> designa um tipo de conjunto de anotações, registros públicos, cadernetas pessoais. Do ponto de vista literário servia como um guia de conduta cotidiana, um guia moral que era utilizado por um público, por assim dizer, mais culto. A exemplo de Marco Aurélio, suas guias de condutas continham anotações relacionadas mais diretamente às doutrinas estoicas. Essas anotações, em geral, emergiram de reminiscências de aulas passadas, as que ele considerava importantes, ou até mesmo pensamentos espontâneos que lhe vieram à mente. Segundo Pierre Grimal (2018, p. 283), Marco Aurélio escreveu para ele mesmo, e não para nós, tal como fazia Sêneca escrevendo para convencer os outros, o Imperador buscou convencer a si mesmo escrevendo as *Meditações*.

As *hypomnemata*, consistiam em um conjunto de memórias materializadas através da escrita. Elas poderiam ser lidas depois de dias, meses ou anos, sendo um tesouro para posteriores reflexões. Tais guias tinham o poder de calar os gemidos das paixões do corpo e da alma, e enaltecer a voz da razão. Esses livros compostos por lembranças não foram feitos para serem guardados em armários, mas dentro da interioridade; na alma. Essa escrita é um modo de subjetivação através do discurso interior: “Trata-se não de buscar o indizível, mas de captar, pelo contrário o já dito; reunir o que se pôde ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si” (FOUCAULT, 2006a, p. 149).

Mais que um guia de memória, as *hypomnemata* não se reduzem a um suporte mnêmico, mas um meio para meditar, se afastar dos anseios futuros e ressignificar pensamentos passados:

Por mais pessoais que sejam. Essas *hypomnemata* não devem, no entanto, ser entendidas como diários ou como narrativas de experiências espirituais (tentações, lutas derrotas e vitórias) que poderão ser encontradas posteriormente na literatura cristã. Eles não constituem uma “narrativa de si mesmo”; não tem por objetivo esclarecer os *arcana conscientiae*, cuja confissão – oral ou escrita – tem valor de purificação. O movimento que eles procuram realizar é o inverso daquele; trata-se não de buscar o indizível, não de revelar o oculto, não de dizer o não-dito, mas de captar, pelo contrário, o já dito, reunir o que se pode ouvir ou ler, isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si. (FOUCAULT, 2006a, p. 149)

---

<sup>34</sup> No mundo antigo, e em algumas variações ao longo do período medieval e do início do período moderno, encontramos também formas diferentes das de Marco Aurélio destes *hypomnemata* (tais como os *florilegia* monásticos ou os *commonplace books* do renascimento) que, por sua vez, reuniam ideias memoráveis, citações ou figuras retóricas de leituras de indivíduos, por vezes organizadas sob cabeçalhos (Cf. TESTA; FAUSTINO, 2022, p. 315).

Uma explicação da razão para a escrita ser utilizada como um recurso terapêutico durante o século I d.C está no seu contexto histórico. A sociedade vivia em um palco montado por tensões e choques culturais, valor rigoroso da retórica; do que dizia e como se dizia, e de certa forma do recolhimento do si mesmo, do cuidado de si, da relação de intimidade com a alma, buscando o gozar de si mesmo. Assim como a leitura em voz alta, escrever oferecia ao filósofo uma extração da razão indispensável para o conduzir filosoficamente. Isso implicaria numa vida um tanto solitária.

Portanto, escrever para um correspondente é escrever para si: “Dizer a si mesmo significa não significa conhecer, lembrar o nome da coisa e dos seus diferentes elementos, mas dizê-lo em si mesmo, para si mesmo.” (Foucault, 2006b, p. 358) Exercitar os pensamentos, organizá-los através de uma doutrina filosófica resulta numa espécie de hábito que leva o filósofo e ao correspondente ao caminho da virtude.

Vale a ressalva de que, quando mencionado que as *Meditações* são uma espécie de diário pessoal, podemos pensar que o pré-requisito de um diário é que o seu autor escreva sobre sua vida, ou seja, em seus conteúdos estejam situações cotidianas. Mais que um diário pessoal, um guia de memória que regem o cotidiano, um guia moral. Entre as doze divisões das *Meditações*, não se encontram postas situações do seu dia, pois supostamente ele teria muitos conteúdos a escrever, por ser um imperador que passou por várias atribulações políticas e problemas pessoais com seu irmão e esposa.

Segundo Puente (2010, p. 111), dentre os doze livros que compõe a obra aureliana, o primeiro capítulo parte de um texto eminentemente biográfico. Ele aponta dois grandes temas nos onze livros, um sobre a efemeridade da vida e outro a atenção que devemos conceder ao presente. De forma estrutural, o Pierre Hadot<sup>35</sup> percebe que as *Meditações* não apresentam objetivamente nenhum plano, nenhum fio condutor. Para ele, estamos na presença de textos que não tem ligação sobre temas, algumas sentenças são curtas, outras longas, sem haver explicações sobre o motivo de uma sentença está em um lugar e não em outro. Como já mencionado, entre os séculos XVI ao XVIII, a composição da obra do Imperador passou a ser interpretada como extratos desarticulados incompletos.

---

<sup>35</sup>Dans les livres II-XII, on ne peut distinguer apparemment aucun plan, aucun fil conducteur, On est en présence de textes qui se succèdent sans liaison, les uns très courts, d'autres un peu plus longs, sans que l'on puisse expliquer pourquoi ils sont placés à tel endroit plutôt qu'à un autre. [...] Du XVI au XVIII siècle, à une époque où l'on cherchait l'idéal de la composition littéraire dans la belle ordonnance d'un dialogue de Platon ou d'un traité de Cicéron, on s'est imaginé que les *Pensées* n'étaient que des extraits décousus et incomplets d'un grand traité philosophique et systématique disparu, rédigé par Marc Aurèle. [...] (Cf. HADOT, 2019b, p. 79)

Em outras palavras, ao ler o que Marco Aurélio escreveu, não se passa despercebido que o estilo da escrita não possui uma organização por temas ou subcapítulos. As *Meditações* não têm introdução ou início, meio e fim. O conteúdo da obra é de certa forma atípico e estranhos aos olhos de um leitor moderno.

O tema da efemeridade da vida e da atenção no momento presente, estão presentes. Mas não são só eles, o exercício sobre a morte e das falsas representações sobre ela estão derramados sobre quase todos os capítulos, vejamos:

Lucila pranteou a Vero; depois, foi a vez de Lucila; Secunda, a Máximo; depois a vez de Secunda; Epitincano, a Diotimo; depois a vez de Epitincano; Antonio a Faustina; depois a vez de Antônio. Assim como é tudo. Céler a Adriano; depois a vez de Céler.

Aqueles célebres pela sutileza, ou pelas previsões, ou pela ufanía, onde estão? (Sutis, por exemplo, Corax, Demétrio Platônico, Eudemo e outros como eles?) Tudo efêmero; morto há muitos, vários nem por poucos lembrados; outros convertidos em lendas e outras lendas já extintas.

Lembra-te, pois disto; necessariamente se dispersarás o composto que és, o teu alento se extinguirá, ou transmigrará e se localizará alhures (*Meditações*, VIII, 25).

A sentença citada acima tem como tema principal o da morte. Lemos Marco Aurélio expressando que o Destino de tudo e de todos, seja quem for, filósofo ou rei, é seguir o seu percurso natural. Ele reporta também o fim das memórias sobre o que construímos durante a vida. Para ele, nem tudo e nem todos serão lembrados, sejam lendas, pessoas especiais ou não. Há também uma certa indiferença quanto a vaidade perante os pensamentos, sejam eles os mais elevados possíveis, pois, como diz ele, tudo se extinguirá.

Se o leitor atual pode tomar essa sentença como uma interpretação pessimista do Imperador, a respeito do modo de representar e encarar a vida, para Pierre Hadot (2014a, p.134), essa interpretação não seria válida. O que é interpretado como pessimismo no filósofo estoico nada mais é do que um modo de utilizar a filosofia como um exercício de transfiguração do cotidiano: “Em Marco Aurélio, por exemplo, encontramos esse esforço para evitar ter as representações ou juízos que são habituais na vida cotidiana” (HADOT, 2014a, p. 347). E no caso do tema da morte, a transfiguração do cotidiano seria uma forma de viver exercitando o morrer, desnudando sua representação habitual; geralmente as pessoas tendem a aprender a temê-la ou tê-la como algo mal. Doravante o exercício das representações será mais detalhado.

Em todo o texto de Marco Aurélio, veremos adiante que são expressos por palavras espontâneas escritas por uma alma que deseja se expressar. A espontaneidade e até mesmo

aleatoriedade dos temas são regidas por uma ordem filosófica. No capítulo VI por exemplo, existem temas escritos de forma direta, porém sem continuidade, vejamos:

A substância do universo é dócil e maleável, a razão que age não tem em si nenhum motivo para fazer o mal; não tem maldade, não faz mal nenhum e dela não recebe nenhum dano, tudo se produz e se completa com ela. (*Meditações*, VI, 1)

O tema tratado nessa passagem refere-se a natureza do universo e a sua relação com o bem e o mal. Na seguinte passagem, Marco Aurélio apresenta outro tema completamente diferente:

Quando cumpres o teu dever, que sintas frio ou calor, que estejas sonolento ou estejas dormido bastante, que te censurem ou gabem, que morras ou faças outra coisa. Com efeito, um dos atos da vida é também esse no qual morremos. Basta, portanto, dispor bem o presente para este ato (*Meditações*, VI, 2)

Aqui percebemos outro tema. Não há nenhuma conexão entre as sentenças. O tema tratado na sentença seguinte é cumprimento dos deveres sendo indiferentes a eles. Mais adiante, no mesmo livro VI, há outros temas que fazem o capítulo serem mais desconexos ainda, do ponto de vista temático:

Assim como prato de carnes e outros alimentos, o pensar que um é cadáver de peixe, outro o cadáver duma galinha ou dum leitão; igualmente do Falerno que é suco de uva, e da toga que é o pelo de uma ovelha tinto com sangue de um molusco, e, ainda da copulação que não passa de fricção do ventre e ejeção de muco acompanhada de um espasmo; assim como essas ideias atingem as coisas em si e as penetram até ver o que elas são afinal, assim devemos agir durante toda a vida; quanto mais fidedigna se afiguram as coisas, despi-las, contemplar a sua vulgaridade e comprimir os seus comentários que a esta conferem imponência. Porque a presunção é uma embusteira formidável e quando mais te imaginas entregues as tarefas sérias, aí que estás sendo ludibriado. Vê o que diz Crates do próprio Xenócrates (*Meditações*, VI, 13)

Qual seria a relação sobre estes temas diversos? Ainda mais, a última máxima do livro VI termina com outro tema ainda mais obscuro:

Como são aquelas pessoas a quem se quer agradar? Quais resultados em vista? Quais meios empregados? Quão depressa o tempo tudo ocultará e quanta coisa já ocultou? (*Meditações*, VI, 59)

Exceto o livro I, que pode ser considerado um estilo de capítulo dedicatória, como mencionadas algumas citações podemos tomar os outros livros compostos por temas aleatórios, por se tratar de um tipo de exercício de escrita regido por um sistema filosófico ternário, como já mencionado na primeira sessão, a física, a lógica e a ética.

Outra questão interessante é a da multiplicidade de filósofos e escolas filosóficas que Marco Aurélio menciona como dogmas para serem vividos. Mesmo sendo um texto com notoriamente a presença do discurso de Epicteto, as notas aurelianas formam expressões de pensamentos eficazes para a transformar o seu modo de viver recorrendo a Platão (VII, 35, 63, 93) e Epicuro (VII, 72) e (IX, 41). Escrevendo, ele exercia seu intelecto e sua moral, lembrava as regras essenciais para viver como um filósofo estoico, mas tomada de outras fontes como referência. Analisaremos mais a fundo tais máximas na última sessão da dissertação.

Pierre Hadot apresenta as *Meditações* como uma fonte inesgotável de sabedoria, como um evangelho eterno. Com o tom jocoso, logo de início, ele destaca um feliz engano escrito por Marco Aurélio: “Perto estás de esquecer tudo e de ser esquecido de todos” (*Meditações*, VII, 21, p. 90). Entretanto, suas *Meditações* não foram esquecidas, pois encontram-se traduzidas pelos quatros cantos da terra, lidas por aristocratas do pensamento como Shaftesbury, Federick II e Goethe, estudadas no âmbito da filosofia, entre os demais públicos.

Com o breve exposto, nos primeiros parágrafos desta sessão, é perceptível que nas meditações aurelianas haja passagens claras, límpidas de sentido; ao mesmo tempo que outras são obscuras, podendo serem mal-entendidas e, conseqüentemente, mal interpretadas por historiadores. Há alguns fatores que levam Pierre Hadot a considerar tais equívocos à distância cronológica, que tornaria o entendimento dos escritos Antigos cada vez mais difícil.

A distância que separa o leitor hodierno dos textos Antigos tem a ver também com as diversas obras traduzidas do grego em vários idiomas, não existindo uma tradução única, o que faz do caminho diversificado para interpretá-los. No caso das *Meditações*, os termos oriundos do estoicismo não foram expressos de maneira tão exata, ainda mais, as divisões dos textos indexadas em capítulos provavelmente são incertas:

Finalmente, o leitor moderno será capaz de imaginar a si mesmo (e ninguém é imune a este erro) que o antigo autor vive no mesmo mundo intelectual que ele. Ele tratará as afirmações deste exatamente como se fossem de um autor contemporâneo. Ele acreditará, portanto, que compreende imediatamente o que o autor quis dizer, mas será de facto de um autor, mas será, de facto,

anacrónico, e muitas vezes correrá o risco de cometer sérios mal-entendidos<sup>36</sup> (HADOT, 1992, p. 9, tradução nossa)

Pierre Hadot enfatiza a importância da investigação filológica minuciosa para a leitura e interpretação de textos filosóficos. Ele destaca a necessidade de compreender as intenções dos autores, reconhecendo que nem todos escreviam com o mesmo propósito. Alguns produziam anotações pessoais ou cartas com conselhos para amigos. Além disso, os mecanismos de composição literária e as regras de proposições e sentenças eram aplicados de acordo com os modelos tradicionais da época. Em suma, a compreensão adequada desses textos requer uma abordagem rigorosa e detalhada.

### 3.4 A ESCRITA COMO EXERCÍCIO INTELECTUAL E MORAL

Como mencionado na primeira sessão, a expressão *Exercícios Espirituais* designa exercer aspectos intelectuais e morais, sejam exercendo a morte, a vida, o diálogo, a leitura. Neste momento veremos de forma detalhada e exemplificada como o filósofo exerce a escrita como uma técnica intelectual e moral, vivendo assim conforme a doutrina filosófica, a qual se converteu.

Não é somente os solilóquios de Marco Aurélio, mas a escrita como exercício filosófico é aplicável até mesmo para uma correspondência de um filósofo Antigo. Podemos perceber claramente nas cartas de Sêneca à Lucílio, devido ao seu conteúdo possuir um teor filosófico através de trocas de informações pontuais. Os escritos senequianos são guiados por uma prosa de ritmo desigual, frases demasiadamente longas outras curtas e nervosas, sentenças abundantes de composição irregular, temas por vezes não reiterados, uso excessivo de neologismo, ora com vocabulário arcaico ora vulgar (SEGURADO; CAMPOS, 2021, p. X).

Vemos outros exemplos da escrita como o Exercício Espiritual em Michel Foucault (2004, p. 144), quando aponta que na obra *A Vita de Antoni*, contém anotações de Atanásio no que diz a respeito de suas ações e do seu pensamento como um elemento indispensável para a vida ascética. Ou seja, outro exemplo de que a escrita se fazia presente não apenas como um instrumento de anotações sistemáticas que visavam formar pessoas. Na obra mencionada, Atanásio escreve com intuito de se assegurar do pecado, buscando avaliar as suas ações e

---

<sup>36</sup> *Enfin, le lecteur moderne pourra s'imaginer (et personne n'est à l'abri de cette erreur) que l'auteur antique vit dans le même monde intellectuel que lui. Il traitera les affirmations de celui-ci exactement comme si elles e'taient celles d'un auteur contemporain. Il croira donc comprendre immédiatement ce qu'a voulu dire l'auteur, mais ce sera en fait d'une l'auteur, mais ce sera en fait d'une manière anachronique, et il risquera bien souvent de commettre de lourds contresens.*

pensamentos escrevendo. Ao escrever, havia um efeito de confessar, de meditar sobre seus pensamentos impuros, com isto, havia uma disciplina do corpo e da alma, evitando fugir das armadilhas do inimigo.

O tema da *Escrita de Si* é analisado por Michel Foucault, como um complemento à vida de um anacoreta. Escrever faz com que o seu autor perca o medo dos demônios oriundos da solidão, abriga o autor pela sensação de uma companhia, já que seus textos se tornam uma companhia<sup>37</sup>. Ainda mais, a escrita é análoga à confissão com um padre, tendo por efeito sucumbir a vergonha ou constrangimento do olhar do outro. Assim como a confissão tem como uma das funções a direção espiritual, a escrita não é diferente. A escrita conduz o autor a redigir seus pensamentos e a revelar os movimentos da alma fazendo de um papel com palavras uma prova de verdade de si.

Pierre Hadot (2014a, p. 297), interpreta de outra maneira a concepção de Foucault em relação ao exercício da escrita como uma companhia de si mesmo ou amparo da solidão. No seu entender, não se trata de construir uma identidade ou olhar de outro, ainda mais: “é inexato falar de si”, pois não é apenas o si que é escrito, a escrita não constitui o eu, ao contrário, ao evocar os dogmas universais, ela faz com que o eu mude de nível, ela o universaliza. É através da solidão que o eu passa a chegar à universalidade da razão no tempo e espaço.

O termo a escrita de si designa, para Michel Foucault, uma técnica, uma forma de exercício que torna o escritor habilidoso à arte de viver. A escrita seria um treino de si por si mesmo, assim como vimos em Pierre Hadot, Michel Foucault também cita os pitagóricos, os socráticos e cínicos como filósofos que deram importância a esses exercícios. O que para Pierre Hadot é designado *Exercice Spirituels* em Michel Foucault é designado *Techniques de Soi*:

Parece que, entre todas as formas tomadas por esse treino (e que comportava abstinências, memorizações, exames de consciência, meditações, silêncio e escuta do outro), a escrita – o fato de escrever para si e para o outro – tenha desempenhado um papel considerável por muito tempo. Em todo caso, os textos da época imperial que se relacionam com as práticas de si constituem boa parte da escrita (FOUCAULT, 2006, P. 146).

A escrita causa uma espécie de adestramento para que os pensamentos se manifestem na realidade, da mesma maneira que a submissão dos estoicos às Leis Universais; escrevendo, rememorando, meditando sobre elas, o filósofo estoico passa a tomar ação da realidade

---

<sup>37</sup> Em nota de rodapé: *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga* “Quando tenho ócio, divirto-me escrevendo esses pensamentos sem um papel.” (Cf. HADOT, 2014a, p. 138.)

doutrinária. A escrita teria uma função que operada pela transformação da verdade, do modo de vida ao qual o filósofo se converteu.

A escrita, tem o poder de transformação, visto que ela; “torna o seu próprio escritor um princípio de ação racional.” (FOUCAULT, 2006, p. 152) Ela faz com que o escritor crie sua própria identidade através do que lhe foi escrito. Ao escrever e ler, o escritor passa a dialogar consigo mesmo, imaginar um discurso consigo mesmo através da coleta de informações que transcreve. É importante destacar que neste estilo de escrita, o que vale não é criar algo, uma nova filosofia ou um pensamento seminal, trata-se mais de evocar os princípios filosóficos para que não se tornem mortos durante a vida do filósofo.

Através de lembranças, reminiscências de aulas ou experiências de circunstâncias da vida o filósofo apresenta seu rosto como semelhante ao dos seus mestres. É através da convivência com o mestre, da evocação de ensinamentos aprendidos em aulas, do jogo de escrita e leituras de si mesmo que o filósofo transforma a sua personalidade.

Os solilóquios além de funcionar como ferramenta de autoconhecimento, é uma mnemotécnica que auxilia na memorização das partes gramaticais. Seja na retórica, na lógica ou na arte de expressar pensamentos de forma objetiva e sistematicamente organizada, esses exercícios podem resultar em um texto estilístico lírico ou até mesmo informal e desorganizado, onde é possível escrever livremente o que vem à mente.

Em suma, os solilóquios são uma poderosa ferramenta para aprimorar a habilidade de comunicação e expressão, seja no âmbito intelectual e moral. O ato de escrever demanda atenção, concentração, memória, afetividade, planejamento, por isso consta-se um exercício puramente intelectual. Ao escrever para si mesmo, seja conteúdos gramaticais, matemáticos, geométricos, pensamentos aleatórios o filósofo está exercendo as faculdades cognitivas de sua alma, alimentando sua memória, renovando-a e fortalecendo seu movimento contínuo reiterado pelo pensamento.

Entretanto, é por meio do pensamento e organização da linguagem, através de diversas situações e contextos da vida que tais nutrientes mentais passam a ordenar partes cognitivas da alma e consubstancialmente sua Maneira de Viver. Formular e reformular ensinamentos filosóficos diariamente através de uma caneta e folha, escrevendo, seria uma maneira marcante e concreta de se tornar um amante da sabedoria. O exemplo disso fica quando nos escritos de

Marco Aurélio: IX<sup>38</sup>; XI<sup>39</sup>; XII<sup>40</sup>, onde ele escreve repetidas vezes que em breve todos nós iremos morrer. Havia, senão uma meditação sobre a morte.

Na concepção hadotiana, a escrita assim como o Imperador, Descartes possui esse caráter intelectual e espiritual. Descartes não somente escreveu sobre ele ou para ele. O que ele fez foi, através da escrita, buscar transformar aspectos intelectuais e morais de sua alma, escrevendo ele exercitou seu espírito (HADOT, 2019c, p. 187). A composição das *Meditações* de Descartes, de forma geral, ao entender de Pierre Hadot e Michel Foucault, foram escritas de modo que ele não apenas apresentasse argumentos filosóficos no que subjaz a relação interdependente entre corpo e alma, estão além de reflexões sobre as suas opiniões e noções do conhecimento científico. Em outras palavras, as *Meditações* cartesianas convidam o leitor para participar ativamente de determinadas formas de experiências não-argumentativas (STETTLER; SHARPE, 2020, p. 2).

Seriam as *Meditações* de Descartes meros exercícios intelectuais teóricos? A interpretação de Pierre Hadot e Michel Foucault oferece uma visão mais prática e moral sobre o pensamento do filósofo. Pierre Hadot se preocupa em recuperar o poder de autotransformação do discurso filosófico presente no exercício da escrita praticado por Descartes. Sua abordagem interpretativa busca resgatar a dimensão espiritual da filosofia cartesiana, que pode ser negligenciada. Pierre Hadot não exclui ou separa a concepção e importância dos aspectos puramente intelectuais de Descartes, mas emite uma visão que ultrapassa o advento universitário, aludindo o que Descartes quer: “[...] de fato, que seu leitor percorra as etapas da evolução interior por ele descritas” (HADOT, 2014b, p. 371).

Entretanto, muito distante de negar que as *Meditações* de Descartes foi um divisor de águas<sup>41</sup> que inaugurou uma nova forma puramente teórica de fundamentar o modelo de

---

<sup>38</sup> (Cf. *Meditações*, 33)

<sup>39</sup> (Cf. *Ibidem*, 18, 34)

<sup>40</sup> (Cf. *Ibidem*, 21; 27; 33)

<sup>41</sup> Que o acesso a verdade na antiguidade tinha como prerequisite o que Pierre Hadot denomina de exercícios espirituais e que Michel Foucault tratou como técnicas ou cuidado de si, é um fato. A partir dessa visão, outro fato é o contraste do papel moderna da filosofia é ser hegemonicamente puramente intelectual. O que história da filosofia nos indica é que esse rompimento entre amizade pela sabedoria como uma prática filosófica tomou trilhou outro caminho por meio de Descartes, vejamos: Para começar, consideremos a situação, se quisermos, na direção ascendente. O corte não se fez bem assim. Não se fez no dia em que Descartes colocou a regra da evidência ou descobriu o cogito etc. Havia muito tempo já se iniciara o trabalho para desconectar o princípio de um acesso a verdade unicamente nos termos do sujeito cognoscente e, por outro lado, a necessidade espiritual de um trabalho do sujeito sobre si mesmo, transformando-se e esperando da verdade sua iluminação e sua transfiguração. Havia muito tempo que a dissociação começara a fazer-se que um certo marco fora cravado entre esses dois elementos. E este marco bem entendido, deve ser buscado... do lado da ciência? De modo algum. Deve-se buscá-lo do lado da teologia. A teologia (esta teologia que, justamente, pode fundar-se em Aristóteles – *confer* o que dizia a pouco e que, com Santo Tomás, a escolástica etc., ocupará na reflexão oriental, o lugar que conhecemos), ao adotar como reflexão racional fundante, a partir do cristianismo, é claro, uma fé cuja vocação é universal, fundante, a partir do

pensamento filosófico científico moderno, tanto Pierre Hadot quanto Michel Foucault demonstram que a prática da escrita de um filósofo corresponde a um exercício de elevação interior, não apenas ascensão intelectual.

Pierre Hadot (2014b, p. 371), faz uma analogia entre o pensamento de Aristóteles e Descartes, onde ambos afirmam que é preciso de tempo para que o que aprendemos possa se tornar parte da nossa natureza. Em uma citação do próprio Descartes, podemos refletir o modo de pensar uma filosofia como formação espiritual, vejamos: “Mas, posto que é quase possível desfazer-se tão prontamente de uma antiga opinião, será bom que eu me detenha um pouco neste ponto, a fim de que, pela amplitude de minha meditação, eu imprima mais profundamente em minha memória este novo conhecimento” (DESCARTES, 1996, p. 98).

Não cabe neste trabalho tratar propriamente o pensamento cartesiano, mas apreender a interpretação de Pierre Hadot à medida em que ele toma interpretações muito reluzentes sobre o discurso da filosofia moderna também como uma Maneira de Viver. Pierre Hadot nos apresenta um Descartes que aconselha o leitor a ler suas meditações sem pressa, ler em semanas ou até mesmo em meses (HADOT, 2014b, 371). Vemos um Descartes solicitando que seu leitor leia seus argumentos por um período significativo, bem como fazia os mestres com seus discípulos na antiguidade.

Um ponto importante é que o Pierre Hadot não pretendeu estabelecer uma distinção teórica entre os Exercícios Espirituais versus exercícios morais. Nos seus textos eles se apresentam unívocos, ao mesmo tempo que um depende do outro, competem a duas dimensões distintas; a intelectual fornece elementos (atenção, memória, afetividade) necessários para modificar a dimensão moral (ser justo, ser corajoso, ser prudente). Por exemplo, as *Meditações* de Descartes, é um exercício que desloca o pensamento abstrato para que o sujeito experiencie a si mesmo. Ou seja, trata-se então de uma obra híbrida situada na tradição dos Exercícios Espirituais Antigos, mas que no berço da modernidade foi abordada como um método puramente intelectual:

É um exercício no qual o sujeito se põe, pelo pensamento, em uma determinada situação. Deslocamento do sujeito em relação ao que ele é por

---

cristianismo, é claro, uma fé cuja vocação é universal, fundada, ao mesmo tempo, o princípio do sujeito cognoscente que encontrava em Deus, a um tempo, se modelo, seu ponto de realização absoluto, seu mais alto grau de perfeição e, simultaneamente, seu criador, assim como por consequência, seu modelo. A correspondência entre um Deus que tudo conhece e os sujeitos capazes de conhecer, sob o amparo da fé é claro, constitui sem dúvida um dos principais elementos que fazem [fizeram] com que o pensamento – ou as principais formas de reflexão – ocidental e, em particular, o pensamento filosófico se tenham desprendido, liberado, separado das condições de espiritualidade que os haviam acompanhado até então, e cuja formulação mais geral era o princípio da *epiméleia haetoû* (Cf. FOUCAULT, 2006b, p. 36).

efeito do pensamento: pois bem, é esta, no fundo, a função meditativa que deve ter a leitura filosófica tal como é entendida na época de que lhes falo. E é esta função meditativa como exercício do sujeito que se põe em uma situação fictícia, na qual se experimenta a si mesmo, é isso que explica o que a leitura filosófica seja – se não totalmente, ao menos uma boa parte, indiferente ao autor, indiferente ao contexto da frase ou sentença. (FOUCAULT, 2006b, p. 430-431).

O exercício de escrever para si mesmo faz como que o sujeito consiga representar a realidade através de palavras e, além disso, treinar sua moral. Outra questão importante, ainda sobre a ideia de meditação em Pierre Hadot, é que na obra *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga*, a divisão que se faz entre exercícios puramente intelectuais, intermediários e ativos, podem levar o leitor a tomar concepções próprias. Meditar, seria um exercício puramente intelectual, diferente de ler ou escrever, mesmo assim meditar é uma prática, bem como os exercícios ativos, que seria dominar os impulsos da alma ou ser indiferente as coisas indiferentes (HADOT, 2014a, p. 25).

## 4 AS LEIS QUE REGEM AS *MEDITAÇÕES*

Nesta sessão, a obra *Meditações* será minuciosamente explorada e apresentada. Será destacado a importância do contexto de formação espiritual de Marco Aurélio e seus reais objetivos ao escrever para si mesmo. Além disso, será feita uma reflexão sobre o papel do filósofo no Mundo, abordando a distância entre a concepção da filosofia como Modo de vida e o papel do filósofo nas universidades. Com isso, será possível pensar em uma filosofia mais formativa do que informativa. Ademais, será discutido o aspecto moral da educação dos filósofos Antigos, exemplificado pela Maneira de Viver do Imperador.

### 4.1 UM FILÓSOFO PESSIMISTA?

Através do capítulo anterior, fica claro que Marco Aurélio recorre a escrita como um exercício intelectual e moral para convencer a si mesmo sobre os dogmas fundamentais do estoicismo, e que entre esses dogmas estão agir: de forma virtuosa, concentrar-se e limitar-se no momento presente, ser indiferente as coisas indiferentes, aceitar as providências Divina, entre outros. Isto é, a escrita é um exercício espiritual.

Em meio aos dogmas fundamentais, não podemos negar o teor amargo pelo autor, de desgosto e desprezo à existência humana. Ou seja, consta-se nas *Meditações* derramamentos em abundância de declarações pessimistas, vejamos: “Tal como vês o banho – óleo, suor, sujeira, água viçosa, tudo asqueroso – tal é toda parte da vida e todo objeto deparado” (*Meditações*, VIII, 24).

Na interpretação de Pierre Hadot (2014a, p. 137), o pessimismo arraigado no discurso filosófico do Imperador está entrelaçado pelo exercício da física e das representações, no sentido de se esforçar para definir a realidade humana tal como ela é. Marco Aurélio (*Meditações*, II, 2), aconselha largar os livros e viver como quem está para morrer, viver agindo com desprezo a carne; para ele somos, lama de sangue, ossos, renda de nervos, de veias, uma trança de artérias. O Imperador expressa em palavras, poeticamente, que aos alimentos que damos valores são apenas cadáveres de animais, e que o sexo não é nada mais que um momento de fricção do ventre e ejeção do muco acompanhada por espasmos (*Meditações*, VI, 13).

Escrevendo, ele se convence de que deve dirigir-se as atividades humanas sem ilusão, pois o que está previsto é que pouco falta para que sejamos esqueleto, cinzas; e que o mais estimado é que o que se estima da vida é vazio e podridão. A vida é composta por cães que se

mordem e crianças briguentas. Ainda mais, que o nosso nome nada mais é do que um som vago, um eco (*Meditações*, V, 33).

Se Marco Aurélio estivesse escrevendo para um público, ele estaria convidando o leitor a praticar o exercício da imaginação, a pensar no conjunto de pessoas como marionetes humanas, analisando-as sem inferências como elas se comportam comendo, dormindo, fazendo amor e defecando. Ao escrever o Imperador solicita diretamente que em meio a essas atividades, torna-se possível refletir o jogo das marionetes humanas em meio ao orgulho e ar de superioridade de uma para com a outra. Quantos médicos e astrólogos morreram, pois as coisas humanas são efêmeras, hoje vivo, amanhã muco, doravante cinzas (*Meditações*, IV, 48).

Para Pierre Hadot (2014a, p. 132), Marco Aurélio buscou enxergar o mundo através do exercício da física, vendo a humanidade como uma comédia, como banalidade, visando que não haveria nada de novo diante do sol. Ao tocar sobre os assuntos humanos, o Imperador destaca que os acontecimentos do passado e do presente tenderão ocorrer idênticos aos do futuro, ele lança pensamentos sobre a vida e seus dramas monótonos, que a banalidade da vida passa a causar tédio e enjoo. A exemplo desse sentimento de tédio e monotonia está no percurso da história de Vespasiano e Trajano; eles se casaram, adoeceram, participaram de festas, viveram sobre o comércio e agricultura, tiveram ambições e intrigas (*Meditações*, IV, 32).

Ao ler Marco Aurélio<sup>42</sup>, talvez, nos resta o consolo ou a sabedoria de encarar a brevidade da vida, viver sobre a expectativa de uma existência à espreita da morte. Ao compreendê-lo, é impossível não ser capitado pelo sentimento de desilusão. Entre as máximas do filósofo romano, está claro que entre o conjunto de realidade humana somos parte de um pequeno pedaço de terra, que habitamos em meio a um mero ponto na imensidão do espaço, que a vida não passa de um breve instante levado pelo impiedoso fluxo de transformação da matéria através do tempo.

A leitura que Pierre Hadot faz dessa trágica realidade que o Imperador escreveu é a seguinte, por se tratar de um estilo literário meditativo muito peculiar, que estava fadado a desaparecer com o tempo, ele pode confundir o leitor hodierno. Na realidade Marco Aurélio, ao escrever, estava exercendo sua atenção a um exercício, por assim dizer, emblemático que consiste em realizar uma representação exata dos acontecimentos e das coisas. Ou seja,

---

<sup>42</sup> Autores como P. Wendland, J.; M, Rist e E. R. Dodds, alegam que os textos de Marco Aurélio parte de um discurso de uma autocrítica sobre si mesmo. E. R. Dodds, sugere que o imperador tenha sofrido agudamente de crise de identidade. Há pesquisas relacionadas um possível diagnóstico psiquiátrico, a qual R. Dailly e H. Van “Effenterre supõem que o caso de Marco Aurélio era recorrente de uma úlcera gástrica correlacionadas a doenças psicossomáticas.” (Cf. HADOT, 2014a, p.134).

buscando definir o objeto ou acontecimento em si mesmo, separando as representações convencionais que habitualmente são feitas. Em outras palavras: “ele se esforça para dar uma definição física da realidade” (HADOT, 2014a, p. 137). O efeito produzido pelo exercício da física é a transformação do olhar. Mudar o olhar é, sobretudo, reconciliar a relação com o Mundo, sendo nada mais que um modo de familiaridade com a Natureza, onde é possível encontrar nela uma nova beleza, uma estética realista.

Pierre Hadot (2014a, p. 176), no texto *Michelet e Marco Aurélio* elucida uma análise entre a relação ao discurso sobre o exercício da física. O filósofo francês circunscreve o papel que Michelet toma como fundamental, que então é profundamente influenciado pelas *Meditações* aurelianas. Nas anotações pessoais de Michelet constam trechos praticamente análogos aos do Imperador, e ele o cita diretamente. Revivendo as máximas de Marco Aurélio, ele aprende a amar os indiferentes, ou seja, tudo o que a natureza é; se o agrada ou não agrada, aprende a se tornar indiferente.

Ao escrever sobre a morte de Pauline, seguindo as leis da física, Michelet transfigura seu olhar perante sua amada, vendo que seus belos e doces olhos apodrecerão se familiariza com à podridão da carne chamando os vermes de irmãos, que é triste admitir que a mulher seria um cadáver, que as tentações, desejos e o orgulho é uma pena (HADOT, 2014a, p.181). Essa familiaridade fez com que Michelet tomasse consciência de que a harmonia da Natureza se integra com o Todo, não se reduzindo apenas a organismos vivos, muito menos aos belos.

A física de acordo com Marco Aurélio (*Meditações*, III, 11), está estreitamente ligada à sua relação com o cosmos, a refletir sobre a sua duração natural na terra, o Imperador se torna objeto do seu próprio raciocínio filosófico. Para ele é preciso elaborar para si uma descrição do objeto, seja seu corpo, ou um móvel, de modo que com essa descrição possa ver o objeto em si mesmo, em sua essência, fielmente desnudado e decomposto nas partes as quais devem ser desmembrados. Para isso é importante perguntar: Em que universo estamos? Para que estamos nele? Qual o valor que temos em relação ao Todo?

As representações obscurecem as coisas, elas atingem os objetos até mesmo na sua corporeidade, fazem com que elas deixem de ser vistas através de si mesma. Cabe ao filósofo buscar desnudar as representações do que é visto, com isto, evitando ser atraído pela sedução dos sentidos:

[...] assim como essas ideias atingem as coisas em si e as penetram até ver o que elas são afinal, assim devemos agir durante toda a vida; quando mais fidedignas se afiguram as coisas, despi-las, contemplar a sua vulgaridade suprimir os comentários que a esta conferem impotência. Porque a presunção

é uma embusteira formidável e quando mais te imaginas entregue a tarefas sérias, aí é que estás sendo ludibriado (*Meditações*, VI, 13).

As declarações do Imperador, quando consideradas, equivocadamente, como pessimistas, designam um sistema racional regido pela perspectiva da razão universal, a qual coloca o fenômeno do nascimento e da morte como uma metamorfose natural, todos os fenômenos são meros encadeamentos de causas regidas pelo destino (*Meditações*, V, 8).

Para Pierre Hadot (2014a, p. 141), o método da física busca suprimir o antropomorfismo, ou seja, que o homem passe a acrescentar elementos meramente humanos que representem nada além de si mesmo. Sendo assim, o lugar do sábio é aceitar as coisas como elas realmente são, não deixar se surpreender porque tudo o é banal, pois tudo é natural: “Quão é ridículo e estranho quem se admira seja do que for que acontece na vida!” (*Meditações*, XII, 13)

Exercitar a física estoica é converter o olhar da alma, fazendo com que ele se coincida com a Natureza Universal, o Todo. Bem como respiramos o ar que nos circunda, é preciso que pensemos através dos pensamentos que estamos sendo banhados. Nas palavras de Marco Aurélio: “Não te limites a respirar como os outros o ar circundante, mas doravante pensa em conjunto com a inteligência que tudo envolve” (*Meditações*, VIII, 54). Se o filósofo buscar permitir se envolver com a natureza universal, com essa inteligência divina, ele descobre que a liberdade da alma está em consonância com as coisas de ordem celeste (HADOT, 2014a, p. 145).

Com isto, ao conhecer a lei da física estoica, a representação do que é considerado pessimismo em Marco Aurélio se esvai. Em meio a sentenças que exercitam à conversão do olhar ao todo, fica mais limpa a impressão de ler uma máxima aureliana narrando a beleza das rachaduras do pão e dos figos excessivamente maduros, enxergando beleza na cor de azeitonas próximas a ficarem podres, na testa enrugada de um leão, na espuma que escorre na boca do javali. Marco Aurélio discorre sobre um ornamento de beleza secundária que passa a contemplar uma realidade nua, explícita nas bocas escancaradas das feras e na cor dos olhos de crianças ou adultos (*Meditações*, III, 2).

O trabalho de Pierre Hadot sobre o tema do pessimismo em Marco Aurélio repercutiu em um artigo sobre o *Cioran e o Pessimismo como Modo de Vida*, do autor Tobias Dalhqvist. Nele é perceptível que nos últimos vinte anos o pessimismo tornou-se objeto de estudo em filosofia, Schopenhauer e Nietzsche são filósofos que geralmente estão na lista de nada otimistas. Será que eles realmente são pessimistas?

Assim também foi com Cioran. Apesar de escrever e responder em entrevistas que não entrava na categoria dos pensadores pessimistas: “Não sou pessimista. Amo esse mundo horrível.” Ele também escreve sobre ter esperanças de estar vivo para ver a extinção da humanidade (TESTA; FAUTINO, 2022, p.447).

Usar o pessimismo para superar o pessimismo, fazendo dele uma arte de viver, vivendo e saboreando o amargo e o doce da vida. Segundo Testa e Faustino (2022, p. 452), Cioran argumenta que, mais frequentemente, pessoas simples e animais tem mais disposições filosóficas que as quem vive mergulhado em estudos abstratos, pois as grandes questões da vida não têm nada a ver com a cultura. Para ele, os animais possuem abertura mais profundas às intuições filosóficas. Ao analisar a condição humana e sua relação com a verdade, Cioran está generalizando e concluindo o quão fútil são os problemas da humanidade?

Por que nos preocupamos? Por que nos perturbamos? Quando passamos a comparar o tempo da nossa existência e a do nosso planeta, nossa vida tende a ser olhada como insignificante. Cioran escreve, sendo que para ele escrever teorias não faz sentido, não tem efetividade, porém tem um valor terapêutico: “Escrever é um alívio extraordinário”. Escrever ajuda a organizar os pensamentos, ajudar a focar nas próprias obsessões, tornando possível viver com elas, escrever faz com que haja uma ressocialização com as ideias, motivo pelo qual percebemos em Marco Aurélio tantas máximas repetitivas (TESTA, FAUSTINO, 2022, p. 461).

#### 4.2 O ESQUEMA TERNÁRIO DE EPICTETO NAS SETENÇAS AURELIANAS

As leis que Pierre Hadot aponta nas máximas de Marco Aurélio são explicadas no capítulo denominado *Uma Chave das Meditações de Marco Aurélio: Os três Topoi Filosóficos Segundo Epicteto*. Logo, Pierre Hadot (2014a, p. 149), nota que a desordem encontrada nas máximas do Imperador tem a ver com impressões de estados de sua alma, por essa razão não seria necessário questionar o motivo do autor não ter sistematizado as máximas, os assuntos que ele apresenta, muito menos desenvolver um estudo pormenorizado sobre cada uma delas.

Essa desordem, essa heterogeneidade de temas expressa uma lei rigorosa que explica de forma abrangente as *Meditações*. A lei rigorosa que rege o que Marco Aurélio escreveu correspondem nada mais que aos três *topois* filosóficos que Epicteto apresenta nas suas *Ditriabes*. Então, cada sentença de Marco Aurélio corresponde a uma, duas ou três desses *topois*. Todas essas fórmulas fazem parte da filosofia estoica, que cobrem todo o campo da realidade humana, bem como o conjunto da vida psicológica (HADOT, 2014a, p. 156).

Já vimos, como conceitualmente, o estoico entende por assentimento, desejo e ação. É exatamente isso que Marco Aurélio retirou de Epicteto:

O primeiro capítulo define a distinção entre o que depende de nós: julgamento, desejo, impulso à ação, ao que não depende de nós, ou seja, coisas externas, como riqueza, saúde, fama, etc. Esta distinção traz-nos liberdade, felicidade, desde que seja a regra de todos os juízos que movem os nossos desejos e inspiram as nossas ações (1, 1-5). Esta distinção tornou-nos conscientes do que devemos querer, do que devemos ter em aversão e de como devemos agir (2). Será necessário aplicar esta distinção em nossos juízos, sobre cada desejo, cada ação (3-4). Ou seja, o julgamento (5), o uso de representações (6), o que somos responsáveis, o que queremos<sup>43</sup> (in Introdução, *Manuel d'Épictète*, 2000, p. 37- 38, tradução nossa).

Em relação as faculdades racionais da alma ele expressa: que a alma tende a fugir ou desejar algo, seja tendencias negativas ou positivas, se preparar ou ter o propósito parar agir e introduzir representações:

Toda a natureza satisfaz-se em seguir bem o seu caminho. A natureza racional segue bem o seu caminho quando, nos pensamentos, não assente ao falso e ao dúbio; nos impulsos, tende apenas para as obras do bem comum; nos desejos e aversões, atém-se ao que depende de nós, acatando de bom grado tudo que a natureza comum lhe atribui. Porque ela é uma parte desta, como a natureza da folha o é da natureza da planta.

A diferença está em que no caso da folha, sua natureza desprovida de sentidos e de razão, possível de ser empecida, enquanto a do homem parte duma natureza sem empecilhos, inteligente e justo, que atribui a cada qual segundo o método equitativo quinhões de tempo, substância, causa, energia e acidentes. Examina, pois, não se vais contrair igualdade nos quinhões ponto por ponto, mas sim no confronto da sombra de tudo o que é um com a reunião do que é de outro (*Meditações*, VIII, 7).

Analisando a partir da perspectiva de Pierre Hadot, a elucidação do Imperador fica mais clara, as suas sentenças são lidas de forma menos ludibriada. Com o exposto, fica claro que as máximas das *Meditações*, ensinam a lidar com a relação do homem com o cosmo ou natureza, a relação do homem para com os homens, e dele passa consigo mesmo.

---

<sup>43</sup> *Le premier chapitre définit lá distinction em opposant ce qui dépend de nous: le jugement, le désir, le impulsion à la action, à ce qui ne dépend pas de nous, c'est-à-dire les choses extérieures, comme la richesse, la santé, la renommée, etc. Cette distinction nous apport la liberté, le bonheur, à condition qu'elle soit la règle de tous le jugements que moviment nos désirs et inspirent nous actions (1, 1- 5). Cette distinction nous penetra de connaître ce que nous devons désirer, ce que nous devons avoir en aversion et la manière dont mais dovens agir (2). It faudra appliquer cette distinction dans nos jugements, à propos de chaque désir, de chaque action (3- 4). C'est-à-dire le jugement (5), l'usage des representations (6), que nous sourons ce dont nous sommes responsables, ce qui nous popre. (Cf. in Introdução, *Manuel d'Épictète*, 2000, p. 37- 38).*

Pierre Hadot (2014a, p. 160), nos oferece mais de um exemplo relacionados a essas leis estarem presentes nas *Meditações*, Marco Aurélio ensina a amar a chuva como a terra a ama, bem como o universo ama produzir tudo o que produz (*Meditações*, X, 21). Em outra passagem, novamente ele diz que, ao perceber a relação humana com a natureza, é possível aceitar que tudo o que está comigo está de acordo com o outro, nem mais nem menos para ambos, assim também é para com o mundo. Tudo é mundo, e quem não sabe o que é mundo não sabe onde está (*Meditações*, VIII, p. 52).

A compreensão que Pierre Hadot (2014a, p.161), transmite sobre as *Meditações* de Marco Aurélio é mais vastamente explorativa. As notas de rodapé de suas obras são exaustivas. Vejamos:

No que tange o tema do exercício da física que estão nas máximas do Imperador, Pierre Hadot separa por temas as citações que abordam reflexões sobre complacência e alegria com a totalidade do universo: *Meditações* (II, 4; II, 9; III, 11; X, 11; X, 17; X, 18; X, 32), discrimina outras citações que abordam a importância de dividir os objetos universais de modo quantitativo: *Meditações* (II, 12, 3; IV, 14; ; IV, 41; V, 33; VI, 13; VI, 14; VI, 15; VII, 3, VIII, 11; VIII, 24; X, 10; XI, 16; XII, 10; VII, 18; XII, 29), e da relação causal e material das coisas no mundo: *Meditações* (II, 4; II, 17; II, 11; IV, 21, 5; V, 13; VII, 29; VIII, 11; IX, 25; IX, 37; X, 9; XII, 10; XII, 18; XII, 29).

Segundo essa guisa de compreensão, as meditações que Marco Aurélio fez escrevendo, tocaram temas múltiplos, como a metamorfose das coisas, a infinitude do tempo, do espaço e da matéria, da reconfiguração do belo à feiura, da grandeza da alma em relação à conversão do olhar diante o mundo, sobre a morte e obediência aos deuses, a prática da piedade, são fortemente estruturados e lucidamente explicados por Pierre Hadot. Seja um, dois ou três assuntos embricados na mesma máxima, elas possuem um domínio teórico e filosófico altamente harmonioso.

Agora que já explanado a disciplina do desejo, desta vez sobre o estudo da perspectiva que Hadot nos apresenta sobre as leis de Epicteto, tratarei do segundo tema, o da disciplina das tendências. Na operação do exercício do desejo compreendemos que é mundo quem governa, já na operação das tendências somos nós. Em outras palavras, compreende-se que assim como o mundo tem suas tendências, a alma racional também. Ela está destinada a agir sobre as outras almas, agir a serviço da comunidade humana. O que não depende de nós cabe a disciplina do desejo, já a das tendências cabe o que realmente depende de nós. É agindo segundo a faculdade da razão que buscaremos tomar as rédeas das nossas representações egoístas e amando o próximo como membros do mesmo corpo.

Para Marco Aurélio (*Meditações*, VII, 13), a comunidade humana é composta por uma ação conjunta e única, que é guiada pela atuação do uso da razão: “sou um membro do corpo formado pelos seres racionais.” É errado pensar que somos uma parte desse corpo, mesmo que não aceitemos, mesmo que não amemos de coração a humanidade, devemos viver alegres e fazer o bem. Não estamos beneficiando a um ou a outro fazendo isso, nem a nós mesmos, isso é, na concepção do Imperador, nada mais é que uma obrigação, ou melhor, um dever.

A máxima de Epicteto<sup>44</sup> que designa que não são as coisas que perturbam o homem, mas seus julgamentos em relação a elas repousam sobre o exercício das representações, do assentimento dos falsos valores que tendem a causar falsas impressões à realidade. Quando se parte do exercício do assentimento tudo se transforma em matéria para transformação moral (HADOT, 2014a, p. 166). Essa transformação moral é resultado do primeiro e segundo tema, a disciplina da ação é caracterizada pela mobilização da razão perante os impulsos, tornando-os bons, em virtudes.

Fazer o bem é um dever. Marco Aurélio (XI, 4), aconselha sempre ter em mente que a importância da beneficência de fazer bem ao próximo. O que é bom para o próximo, é bom para o todo, a comunidade humana. Sobre a reflexão de agir de maneira moralmente boa, é análoga ao móvito do pé de uva produzir uva, ou mesmo da abelha produzir mel. Existe no mundo pessoas que fazem o bem sem ter consciência dele, e há também as que tem consciência dos benefícios que faz. Na visão de Pierre Hadot (1992, p. 218), é como se Marco Aurélio estivesse emitindo a ideia de que cada espécie possui um instinto<sup>45</sup> inato, e fazer boas ações é agir naturalmente (no sentido instintivo), nada mais que uma ação com fim em si mesma. Por mais pessoal que seja o desejo de ação, esta deve ser realizada favor do bem comum:

Basta a minha inteligência para isto, ou não? Se basta, sirvo-me dela no trabalho como de um instrumento fornecido pela natureza universal; senão ou passo a tarefa a quem possa desincumbir-se melhor, se não convier de outra forma, ou escuto-a como possa, tomando como colaborador, com ajuda do meu guia, o que neste momento, for oportuno e *útil* à comunidade. Tudo quanto eu fizer, quer por mim mesmo, quer com ajuda alheia, deve tender a um objetivo único: o que é útil e ajustado à comunidade (*Meditações*, VII, 5)

---

<sup>44</sup> “*Ce ne sont pas les choses, mais nos jugements, c’est-à-dire nous-mêmes, qui sommes responsables de nos troubles*” (Cf. *Manuel de Épictète*, 5, p. 68).

<sup>45</sup> Foi dito que os antigos entendiam a energia da natureza humana como fome. Fome – de quê? Fome de ser, de realidade sem restrições, de realização completa. Mas isso tudo não pode ser alcançado integralmente na existência isolada do sujeito, a não ser que seja pela apropriação de realidade do mundo. A fome tem como meta o mundo real, isto é, a totalidade do ser – de tudo que existe (Cf. PIEPPER, 2020, p. 157).

Para Marco Aurélio, a ação divina é um modelo para a ação no homem, no sentido de que, assim como a natureza opera, o homem, que é também natureza, deve funcionar: “a mente do universo é social” (*Meditações*, V, 30, p. 68). Os seres superiores foram criados com vista dos inferiores, e vice-versa. Todos possuem uma correlação mútua, cada qual com sua função. O universo é, senão, vontade concordante, pois tudo opera seguindo o mesmo desejo. Isso é rememorado por Marco Aurélio: “[...] a natureza universal constituiu os viventes racionais uns em vista dos outros, para se ajudarem mutuamente” (*Meditações*, IX, 1).

#### 4.3 MARCO AURÉLIO E A ARTE DE ANTECIPAR DESGRAÇAS

Escrevendo, Sêneca aconselhava Lucílio, já Marco Aurélio a si mesmo.

Através do exercício da razão, Sêneca justificava os atos suicidas, vivia regido sob um discurso que pregava a pedagogia da morte, uma forma de transmitir as doutrinas do pórtico era escrevendo correspondências. O que percebemos em seus textos é que ele, de forma aconselhável, recorria ao exercício de desprezo às exigências do mundo material; por isso, nas correspondências há um exercício da física e da lógica, uma meditação sobre as futuras desgraças, que é típico dos estoicos do período imperial:

Um homem vulgar dirá: “*Talvez este mal não ocorra!*” Tu, porém, debes dizer, “*E se me ocorrer, qual é o problema? Veremos qual de nós se deixará vencer*” “*Talvez um mal venha em meu benefício, talvez uma morte assim enobreça a minha vida.*” Foi a cicuta que deu grandeza a Sócrates! (*Cartas à Lucílio*, II, 14).

Como vemos neste trecho, o mestre comunica ao correspondente que a morte é um fato que deve ser tratado como um qualquer outro, de forma indiferente. Neste caso, quando o discurso sobre a morte e as desgraças, ou qualquer outro tema, é convertido em prática, há uma transformação do olhar que torna o filósofo desapegado frente às fatalidades. Sêneca explica a Lucílio que o papel da filosofia é engrandecer a alma, ensinar o rumo da vida, é orientar as nossas ações, viver sem temor em meio ao sentimento inerente de insegurança:

De que me serve a filosofia se existe o destino? De que me serve ela se há um deus que tudo dirige, de que me serve ela se tudo obedece ao acaso. De facto, tão impossível é alterar o que está predeterminado como tomar providências em relação ao que é incerto, pois ou as minhas decisões já foram antecipadas por um deus que me indicou como agir, ou então é a fortuna que nada deixa entregue ao meu arbítrio (*Cartas à Lucílio*, II, 16, 4).

Diferentemente das *Meditações* de Marco Aurélio, os textos de Sêneca são ricos em narrativas autobiográficas, e a metodologia de ensino é realizada através de exemplos vividos; Sêneca escreve sobre o que assimilava ao se encontrar com um velho amigo escravo, sobre o que pensa diante de sua velhice; escreve sobre fatos ocorridos a uma visita a uma vila africana (*in* Introdução, *Cartas à Lucílio*, SEGURADO; CAMPOS, 2021, p. XII).

Não obstante, o artifício pedagógico de escrever tem uma finalidade espiritual de via de mão dupla, pois é escrevendo que o autor não só revive, mas também imagina e reflete sobre seus atos, e, ensina o seu discípulo ao mesmo tempo. Com isto, a relação ao exercício de imaginar situações instintivamente indesejáveis, Sêneca evocava possíveis fatos de incêndios, inundações e outras calamidades naturais (*in* Introdução, *Cartas à Lucílio*, SEGURADO; CAMPOS, 2021, p. XIV).

A filosofia estoica é, em larga medida, fruto de exercícios imaginativos sobre imposições contingentes, contra o desejo dos bens materiais, contra as próprias fraquezas; é uma prática de combate incessante contra si mesmo, contra o mundo ordinário. Por essa razão, o filósofo estoico vive como um soldado, sempre em pé de guerra com as convenções da vida. O estoicismo não é uma doutrina para fracos, pois para ela: “A vida de todo homem é uma companhia militar, além disso prolongada no tempo e rica de peripécias” (VEGETTI, 2014, p. 299). Vemos então que longe de ser um ensino puramente abstrato, viver como estoico é, pois, consentir perante as leis naturais.

Segundo Segurado e Campos (*in* Introdução, *Cartas à Lucílio*, 2021, p. XXII), a obra *Epistulae* de Sêneca é um exemplo fiel de que o estoicismo não é uma filosofia puramente metafísica e nem fácil de ser aplicada. Nos momentos em que escrevia para Lucílio, Sêneca estava vivendo um período de desilusão sobre suas perspectivas políticas, sobre as orientações que aplicava antes de viver como um estoico; ele estava em um momento de angústia em relação ao fato de estar instalado na velhice, e por isso meditava sobre sua morte. Isso significa dizer que suas preocupações eram de ordens morais, sobretudo preocupações sobre a física estoica, por meio da qual buscava uma forma superior de felicidade, que não a felicidade vulgar.

Há, sobretudo, uma forma superior de felicidade escrita entre as máximas senequianas. O primeiro passo a ser exercido na busca dessa felicidade é seguir a Deus ao invés de ficar se lamentando. Não adianta se sentir constrangido diante as ordens divinas: “Que sandice é essa de deixar-se arrastar e de não caminhar, acompanhando?” (*A Vida Feliz*, 15, 7). Ainda mais, é

uma estupidez e falta de consciência afligir-se com lutos ou debilidades. Somos frutos de uma hierarquia e através dela obedecer a Deus designa agir livremente<sup>46</sup>.

Através das doutrinas estoicas, é perceptível que ao exercer o domínio dos indiferentes. O filósofo se torna independente dos constrangimentos sociais, liberta-se tanto das obrigações do mundo do trabalho quanto das convenções comuns aos não filósofos. O filósofo passa a olhar a morte como liberdade, e não como um trágico destino, pois há uma liberdade em escolher continuar vivendo: “Sêneca defende a morte voluntária quando as condições exteriores, nomeadamente as condições de ordem política, tornam-se impossível a vida com dignidade” (*in* Introdução, *Cartas à Lucílio*, SEGURADO; CAMPOS, 2021, p. XLVII).

Quando lemos as *Meditações* de Marco Aurélio também são nítidas as máximas que discorrem sobre o tema da arte de antecipar as desgraças da vida. Pode-se interpretar que os livros compõem um exercício para aprender a viver diante de situações inesperadas; por isso exige-se que o filósofo nunca relaxe sua atenção para se defrontar com dificuldades na vida. Tão importante é circunscrever o presente quanto se preparar para infortúnios futuros. Visto que a vida é um dever a ser cumprido, cabe ao filósofo exercer a imaginação para evocar possíveis desgraças, por exemplo: “Lembra-te que em breve estarás morto” (*Meditações*, IV, 6), ou: “Não é possível fugir da maldade dos outros” (*Meditações*, VII, 71).

Marco Aurélio, além disso, prepara-se para conviver como pessoas desagradáveis: “Previne a ti mesmo ao amanhecer: “*vou encontrar um intrometido, um mal-agradecido, um insolente, um astucioso, um invejoso, um avaro*” (*Meditações*, II, I). Sabe que não se pode esperar o que deseja, mas o que é desejado pelos deuses, ou se preparar para receber golpes do destino, que são situações que temos o impulso natural de não desejar, e faz com que o filósofo viva alegre e com consentimento diante os fatos. Como já mencionado, para o estoico, aceitar os fatos não é uma escolha, é um dever. Isto fica bem claro na passagem aureliana: “Nascestes escravo; não tens direito à palavra” (*Meditações*, XI, 30).

No primeiro livro, o Imperador agradece a Sexto por ensiná-lo a viver conforme a natureza, a lidar com a gravidade não afetada, a jamais demonstrar aparência de cólera ou de qualquer outra emoção (*Meditações*, I, 9), além de agradecer também a Máximo por ensinar-lhe não só a exercer o domínio sobre si mesmo, como também a ter coragem diante as doenças

---

<sup>46</sup> No capítulo *O Destino: escravos ou soldados*, Vegetti (2014, p. 296), destaca que ao considerar que viver durante cinquenta anos é uma sorte, mesmo que durante este período haja o desfrute de infortúnios do mundo. Tomar consciência disso é uma experiência filosófica estoica. O estoicismo é compreendido, por assim dizer, como uma filosofia que se coaduna com o pensamento à moda socrática e cínica, com a ideia de que não se pode perder nada. O autor ressalva que do ponto de vista moral, é preciso fazer concessões com a sorte e o destino, pois o mundo é governado por eles. Agir como um filósofo estoico é, pois, transfigurar a concepção de acaso ao destino e de obediência à liberdade.

e os infortúnios da vida (*Meditações*, I, 15). Marco Aurélio, ao se ver como um imperador, não esperava um ideal de governo como a República de Platão. Ele buscava estar satisfeito com o mínimo (*Meditações*, IX, 29), pois sabia que tudo era providência Divina, seja a fortuna, seja a urdidura ou entretecimento, tudo dimana da Providência (*Meditações*, II, 3).

Viver se preparando para os contratempos da vida designa imaginar que tudo pode acontecer – para além do desejo egoísta – significa exercer o pensamento de que não há impedimentos para o que possivelmente algo pode dar errado do que se planeja. Assim vive o sábio estoico. Ele pensa que, acima de tudo, qualquer coisa pode se opor aos seus planos, a única coisa que ele pode fazer é evitar a dor causada por um desejo egoísta insatisfeito (HADOT, 1992, p. 220). Isso significa que, mediado pelo ideal de sábio, o filósofo se exercita enquanto medita diariamente que os golpes do destino não podem ser adiados, apenas previstos. Viver pensando no pior é tão importante quanto viver pensando no melhor.

Refletir sobre possíveis guerras, catástrofes naturais, incêndios e maremotos é uma forma de estar preparado para qualquer eventualidade na vida, aceitando-a. A física, mais uma vez, se mostra relevante para o estoico, permitindo que encontremos nas máximas do Imperador meios para refletir sobre a existência neste contexto de familiaridade. Segundo Pierre Hadot, meditar sobre o que consideramos catástrofes naturais é um tipo de treinamento para nos familiarizarmos com a ordem do mundo e aceitá-la. Não devemos apenas nos espantar, mas contemplar o caos e imaginar como seria viver diante do brilho do sol, do barulho dos raios e trovões. Nossa imaginação deve ser ampla, aberta a todos os possíveis eventos naturais. Assim, o filósofo vive se preparando para enfrentar qualquer situação que a vida o apresenta.

Como consta nos ensinamentos de Epicteto, Marco Aurélio (XI, 34), reproduziu que ao beijar um filho, deve-se imaginar que ele poderá morrer no outro dia, pois: “O fim é inevitável.” (*Meditações*, IV, 17) Para Marco Aurélio (XXII, 13), é ridículo admirar-se com o que acontece na vida; seja o que for que aconteça, tal fato deve ser acolhido como indiferente. Em suma, uma alma ansiosa com ideias futuras vive mais infeliz que a alma que se prepara para suportar dificuldades.

Ao praticar a arte de se preparar para desgraças, Marco Aurélio (VIII, 36), escreve que não é válido somente se deixar perturbar pelas representações dolorosas, tampouco vale ficar somando todas as adversidades que provavelmente ocorrerão: “Que fazes aqui, ó imaginação! Vai-te pelos deuses te peço, como vieste; não preciso de ti. Vieste por um velho hábito. Não me agasto contigo; apenas vai-te” (*Meditações*, VII, 14). Logo de início, pode-se pensar numa contradição, pois ao mesmo tempo que escreve e medita sobre futuras desgraças, ele insinua

afastar-se desses pensamentos. Entretanto, há um limite para tal exercício, o de que não é preciso se apegar às fantasias ultimadas sobre desgraças.

Pierre Hadot (1922, p. 223), menciona que, ao pensar nos infortúnios futuros, o filósofo estará, por assim dizer, transcendendo ideias antropomórficas e acolhendo o que considera infortúnio como um fenômeno natural. Ao se preparar psicologicamente para as situações inesperadas, o filósofo está praticando o exercício racional para melhor lidar com situações que vão cotidianamente além do controle do homem.

Assim como é bela a alma preparada para se separar do corpo (*Meditações*, XI, 3), também é a consciência que se examina previamente de maneira racional. Quando realiza esse exame de consciência a alma do filósofo torna-se mais resistente a lidar com a má vontade dos outros, a estar preparado para tomar ações firmes, a ser mais benevolente, e até mesmo ser amoroso, para com os inimigos: “Quando alguém falta contigo, pensa imediatamente que a ideia do bem ou do mal o levou a cometer a falta; quando o tiveres verificado, passarás a ter pena dele e não sentirás surpresa nem cólera” (*Meditações*, VII, 26).

É evidente que, para o estoico, seja o que for que aconteça, aceitar a situação é um dever. O exercício do desejo e do assentimento é uma técnica para melhor lidar com as contingências. Evitar situações indesejadas não é opção para Marco Aurélio: “Quem foge do mestre foge da lei. Quem foge da lei, seja por raiva ou por medo foge da lei” (*Meditações*, X, 29). Desse modo acolher a vontade divina é buscar exercer a virtude do consentimento. Quando está inserido no drama da vida, o filósofo deve buscar os recursos que tem em mente ou em mãos e saber explorá-los melhor e da forma mais harmônica possível. Com isto, vive-se em coerência com o mundo e consigo mesmo.

O exercício de ascese dos desejos, a contenção deles é um Exercício Espiritual que encaminha o filósofo a aceitar os haveres do destino. Quando mais desapegado, mais habituado o filósofo estará com o mundo, para isto, ele deve deixar de lado coisas que não estão sob seu encargo: a doença, a morte, a calúnia, a insídia, e tudo mais que alegra ou aflige os estultos (*Meditações*, IV, 44). Por mais difícil que seja, é trilhando este caminho que o filósofo busca a desenvolver a capacidade de lidar conjuntamente com o cosmos.

Ao se habituar às possíveis desgraças, conseqüentemente, o filósofo passará a compreendê-las de outra maneira. Com o olhar mais amplo em relação às adversidades do mundo, ele agradecerá por ter a condição de contemplar o alimento, de maravilhar-se com os fenômenos celestes, o simples fato de respirar e dormir. u seja, tudo se torna familiar, seja sentir fome ou saciar-se com um banquete. É mister ter sobre vistas dos fatos que até os acidentes da natureza tem sua graça e sedução (*Meditações*, III, I). Tudo é divino, o mal e o bem, a miséria

e a abundância pertencem à ordem das representações, ou melhor, assemelham-se ao modo de como escolhemos interpretar os fatos:

Adapto-me a tudo que contido se harmoniza, ó mundo; nada para mim é prematuro ou tardio, se para ti é tempestivo. É fruto para mim tudo quanto produzem as tuas estações, ó natureza; tudo é bem de ti, tudo está em ti, tudo volta para ti. Lá dizia aquele: “Ó amada cidade de Cécrops!” E tu não dirás: “Ó amada cidade de Zeus?” (*Meditações*, VI, 23).

Marco Aurélio compreende que a operação da natureza é como uma obra de arte Divina e sabe ele que está inserido nela. A natureza é compreendida como um Deus para os estoicos: “O termo natureza é usado pelos estoicos para significar as vezes aquilo que mantém o cosmos unido” (D. L. VII. 148). Deus é uma substância única, quer seja chamada de mente, destino, Zeus, entre outros nomes.

Na obra *O Véu de Isis* Pierre Hadot (2006, p. 46), faz um ensaio sobre a história da ideia de “natureza” e aponta que a *phýsis* no estoicismo é um fogo que opera sistemática e metodicamente sobre todas as coisas; é um fogo original que condensa o ar, transforma a água, se entrelaça com a terra e, em seguida, abrasa-se percorrendo etapas inversas, agindo ciclicamente: “O mundo é Zeus, o Deus supremo.” A concepção de natureza para o estoico é uma potência invisível que destrói para construir e visse versa.

O fogo, o ar, a água, todas as mudanças climáticas dizem respeito à fusão Divina. No inverno o ar se resfria por conta do afastamento do sol em relação a parte da terra, a primavera representa o equilíbrio do ar que se reaproxima do sol, o verão é o aquecimento do sol frente ao globo terrestre, e o outono coincide com o retorno do sol ao sul (D. L. VII. 151).

Com o exposto consideramos que, quanto mais apegada às representações habituais, mais frágil e indefesa é a alma. Seguindo esta linha de pensamento, o filósofo deve exercer a prática de desabitação do mundo vulgar. O poder de sedução das representações pode fazer com que o destino se torne um inimigo, e não é isso que a filosofia estoica ensina (RODRIGUES, 2017 p. 77). O exercício da física é um exercício de auto-organização no mundo, uma disciplina que é via de acesso à liberdade e à felicidade. O resultado desta disciplina é pôr a harmonia das vontades aos eventos:

“Infeliz de mim que tal me aconteceu!” Nada disso e sim: “Feliz de mim, por que tendo-me isso acontecido, continuo a salvo do sofrimento, sem que me fira o presente nem que me atemoriza o futuro.” O mesmo poderia suceder a qualquer, mas nem todos suportariam sem sofrimento (*Meditações*, IV, 49).

Marco Aurélio (*Meditações*, III, I), não se deixa convencer de que o sofrimento é uma espécie de entidade ou um castigo das moiras. Ele busca se apressar à percepção da morte, por isso a tem como um acontecimento natural indiferente, como apenas mais um fato na vida na qual não se deve por julgamento de valor. Conforme a reflexão de Marco Aurélio, ainda que um médico cure muitas doenças, este não escapa da morte. Hipócrates, por exemplo, curou pessoas, adoeceu, por sua vez, e morreu (*Meditações*, III, 3).

Para o filósofo imperador (*Meditações*, III, 13), deve-se imaginar e meditar que, assim como os médicos sempre buscam ter em mãos instrumentos para casos imprevistos, do mesmo modo deve fazer o filósofo ao se preparar para possíveis infortúnios da vida. Além de viver se preparando para possíveis desgraças, se acaso ela aconteça, o filósofo deve suportá-la magnanimamente e com felicidade (*Meditações*, IV, 41). No entanto, em meio a qualquer que seja a adversidade, em qualquer circunstância da vida, nunca se deve abandonar a filosofia (*Meditações*, IX, 41).

#### 4.4 A EDUCAÇÃO FILOSÓFICA E O LUGAR DO FILÓSOFO NO MUNDO

Na Antiguidade, a partir da escola platônica e aristotélica, o processo de conhecimento era guiado por um prazer de conhecer, por isso resultava em uma elevação da consciência. O conhecimento era uma espécie de acesso consciente e, de certa forma, racional aos astros celestes, um caminho ao divino. O caminho percorrido para o divino, como já mencionado no primeiro capítulo deste trabalho, dava-se por meio do exame de consciência, conforme Reale (2014b, p. 25), processos de provação, de cura e purificação da alma.

No que diz respeito ao período romano, a educação era uma preocupação que correspondia à classe dos mais nobres. O processo de ensino e aprendizagem percorria especialmente para um público jovem. A educação Antiga tinha um aspecto, por assim dizer, mais amplo e espiritual. Educava-se para alcançar a nobreza da alma, para tornar cidadãos virtuosos. Um dos pré-requisitos metodológicos para isso era conviver com homens mais velhos e experientes, denominados “mestres” (FOUCAULT, 2020, p. 239).

A educação Antiga exigia um trabalho específico para cada disposição da personalidade. Para alcançar as virtudes de um guerreiro, por exemplo, o aluno seria educado à coragem, de modo que alcançasse habilidades de força física, senso de dever e honra. Para ser um administrador político, esse aluno teria um ensino voltado para a articulação da linguagem, retórica e persuasão. Ao tocar o tema da educação filosófica Antiga, vale ressaltar que esta não

formava apenas filósofos, pois a formação filosófica implicava na conversão voluntária do discípulo (HADOT, 2014b, p. 31).

Além dessa forma de educação que integrava aspectos morais dos jovens<sup>47</sup>, existia a educação dos sofistas, que era mais voltada para formações, por assim dizer, específicos. Havia serviços de ensino prestados por pessoas em ambientes mais pontuais, cujo seu público de alunos poderia ser de jovens e adultos seja qual fosse a classe social.

Esses professores eram profissionais de ensino tal qual os de hoje, que em troca de um salário negociável ensinavam a arte do bem falar, a sedução das palavras, a se defender de persuasões, fazia-se isso entre aulas que condiziam à cultura geral: ciência, história, geometria e teoria do direito. Esses sofistas eram pedagogos ambulantes advindos de várias regiões que convertiam o papel da excelência da alma para objetificar o saber, de modo que os cidadãos se apropriassem de um tipo de conhecimento e o exercessem satisfatoriamente (HADOT, 2014b, p. 34).

Segundo Giovanni Reale (2013, p. 247), os sofistas são especialistas no saber, isto é uma característica altamente positiva, porém vender conhecimento por dinheiro foi algo que Sócrates, Platão, Xenofonte, e Aristóteles tipificaram como uma espécie de prostituição, pois não há dinheiro que pague o amor à sabedoria. O grande divisor de águas entre o papel do sofista e do filósofo é que os sofistas não tinham uma educação de finalidade prática, então essa venda era entendida como uma queda ao ensino moral. Em contrapartida, os filósofos tinham uma relação de sabedoria com a natureza, com o cosmos, com a verdade em si mesma.

No texto *Que é filosofar?* Josef Pieper traz reflexões sobre qual o lugar do filósofo em meio ao mundo do trabalho. Qual o papel do filósofo na cidade? Com que tipo metodológico o ensino filosófico é aplicado? O mundo do trabalho corresponde intrinsecamente ao mundo da fome, então filosofar neste mundo torna-se uma ameaça, pois a condição da filosofia é transcender o mundo (sobretudo, o mundo do trabalho): “faz parte da essência do ato filosófico justamente não ser próprio deste mundo das utilidades e eficiências, da necessidade e do rendimento” (PIEPER, 2014, p. 09).

Onde estão os filósofos? Nas praças públicas? Estão com eles homens e mulheres, de senadores a moradores de rua? Com quem ele lida em seu cotidiano? O que um filósofo

---

<sup>47</sup> “De acordo com as qualidades particulares que lhes pertencem: um comporta virtude, amizade, pudor, franqueza, estabilidade; o outro comporta excesso, ódio, impudor, infidelidade. De acordo com as maneiras de ser que os caracterizam: um é helênico viril, e outro afeminado e bárbaro. Enfim, segundo as condutas pelas quais ele se manifesta: um cuida do amado, acompanha-o ao ginásio, à caça, ao combate; segue-o na morte; e não é na noite nem na solidão que ele procura a noite e a solidão, e evita ser visto com aquele a quem ama.” (Cf. FOUCAULT, 2020, p. 240).

contemporâneo conversaria com uma vendedora de verdura? Quando o tema é o mundo do trabalho, torna-se possível pensar que a filosofia é inútil. A filosofia é um saber que não se deixa usar, um saber que não se disponibiliza para fins que estejam fora dela mesma, ainda mais, a filosofia não é um saber de funcionário, pois não condiz à utilidade comum do cotidiano. Ser filósofo, no sentido forte do termo, é amar um mundo mais profundo, pois só quem ama de verdade é capaz de acessar (PIEPER, 2014, p. 17).

Então, ser filósofo é dar um passo além do mundo do trabalho. Essa afirmação tem a ver com o ato de admirar, de se permitir abalar, de viver existindo sob o grito da existência, despreocupado com o trato manipulador do cotidiano.

Para isso, é preciso duvidar de tudo, abandonar todos os pressupostos comuns, isto é, viver no enlouquecimento. Ao mesmo tempo, essas exigências são irrealizáveis, pois o homem não consegue ultrapassar o mundo material por muito tempo, e, nem admirar o belo por muito tempo: “o filósofo existe, tal como o santo, somente como ideal” (PIEPER, 2014, p. 49). Dessa maneira, o ato de filosofar é, ao mesmo tempo que supérfluo, necessário, tal qual a tentativa de alcançar a perfeição humana.

No texto *Convite ao Pensamento Antigo*, Reale (2018, p.77), concebe a tarefa da filosofia como um conhecimento que ajuda o homem a modificar as avaliações atribuídas as coisas. Ele se baseia em Sêneca para dizer que a filosofia é terapêutica para a alma, que a busca pela verdade funciona como um tipo tratamento médico espiritual. Não obstante, ele elucida que essa concepção de filosofia é: “contra a qualquer forma de investigação destinada à pura erudição, à mera busca de dados e noções; contra os problemas teóricos cada vez mais sutis e abstratos.” Próximo ao pensamento de Pierre Hadot, Giovanni Reale defende a ideia de que só aquele que enxerga a metafísica como uma ciência prática e teórica pode ser considerado filósofo (REALE, 2018, p. 43).

Pierre Hadot (2014b, p. 43), define a filosofia como busca pelo saber-fazer, fazer o bem. O bem do uso da música, da arte da lírica, da fabricação artesã e do uso da palavra. Por filosofia entende-se que, através da poesia homérica, esqueçamos dos males e as aflições por um instante, ou seja, que transmitamos da ordem do discurso à contemplação. Neste sentido, ele define filosofia como uma ação de elevação do pensamento e condução para a contemplação da totalidade.

A figura de Sócrates, no explorar da concepção da filosofia ocidental, tece uma influência decisiva sobre o lugar do filósofo. E, embora o que temos dele tenha provindo de seus testemunhos (Platão e Xenofonte), o que sabemos é, que após sua morte, seus ensinamentos difundiram-se pelos seus próprios discípulos. No entanto, Platão foi o que

triunfou na história da filosofia por realizar diálogos imperecíveis que são discutidos até hoje, seja nas academias de filosofia, seja em outras disciplinas, religião, conhecimento popular etc. Entre os ensinamentos filosóficos socráticos-platônicos, a fundamentação está sobretudo regida por um discurso vinculado ao Modo de Vida. Vejamos alguns exemplos: Sócrates inspirou a escola cínica a anunciar as tensões advindas da sociedade que influenciou o estoicismo, além disso o fundador da escola de Cirene Aristipo passou a viver experienciando todas as partes proveitosas das situações refratárias da vida – Assim também fizeram os Epicuristas (HADOT, 2014b, p. 48).

A figura icônica e lendária de Sócrates, O filósofo, é caracterizada por uma máscara inocente, astuta e irônica. Ele transformava e desafiava aqueles que o seguiam, pois ele era sempre O questionador. Sócrates depreciava a si mesmo como uma técnica de ensino filosófico, o que permitia que seu interlocutor percebesse as contradições no desenvolver do seu próprio discurso. Essa é a essência da filosofia. O filósofo é aquele que busca viver através de um discurso doutrinário, independentemente do conteúdo desse discurso ele deve ser atravessado pela vida. O fio condutor do diálogo em busca da verdade é um paradoxo, buscar o conhecimento inalcançável. O discurso central da filosofia leva o filósofo a viver exercitando o saber-fazer, sabendo que não sabe fazer - em outras palavras, a viver em um estado de ignorância e espanto. Em suma, a filosofia é uma busca constante pelo conhecimento, mesmo que isso signifique viver em um estado de perplexidade (HADOT, 2014b, p. 54).

Temos, então, Sócrates como o modelo de filósofo ideal, que apresenta a filosofia através da Maneira de Viver e Morrer, sem precisar estar no alto de uma tribuna ou oferecer cursos sobre textos. Ele não preparou degraus de conhecimentos para seus ouvintes, não se autodeclarava sábio, nem obtinha horários fixos para ensinar seus discípulos. Entre seu método de ensino – o de amar a sabedoria – ele tomou veneno e se matou, de modo que mostrasse que, a qualquer hora ou momento na vida há possibilidade de exercer a filosofia (HADOT, 2014b, p.68).

A mensagem elementar transmitida através da figura de Sócrates é a de que o filósofo vive desejando a sabedoria oferecida pela filosofia, no entanto essa dádiva é inalcançável, e ele sabe disso. Isso faz com que os ignorantes se diferenciem dos filósofos, por não ter a consciência da sua disposição de saber. Em contraponto, a sabedoria dos filósofos é guiada pelo saber que não se sabe. Isso significa dizer que saber que não se sabe e amar essa condição é viver como um filósofo por excelência. Amar a verdade é ter uma amizade para com o não-saber, em outras palavras, é ser amigo da ideia de não-saber. Como vimos no parágrafo acima,

o nosso protótipo histórico do filósofo é a maneira socrática de filosofar, a de não se autodeclarar sábio, a de estar no lugar intermediário. É admitir o sei e não sei ao mesmo tempo.

Como menciona Pierre Hadot (2014b, p. 79), assim como os cristãos sabem que só Cristo foi um cristão, eles desejam ser cristãos, bem como os filósofos sabem que jamais alcançarão o lugar ideal de sabedoria, mas vivem em busca dela. Em suma, filosofar é exercitar-se perante um saber inatingível, é colocar-se no lugar de mediação entre a consciência da ignorância do conhecimento e ao mesmo tempo enamorar-se por isso. Na concepção de Vegetti, (2014, p. 288), é mais fácil encontrar uma fênix que um sábio.

O modelo de sábio<sup>48</sup> estoico é aquele que, conduzido pela razão, aprende a viver conforme a natureza enquanto aceita o destino que lhe é reservado. Como bem escreveu Marco Aurélio: “Adapto-me a tudo que contigo se harmoniza, ó mundo; nada pra mim é prematuro ou tardio, se pra ti é tempestivo” (*Meditações*, IV, 23). Como mencionado no subcapítulo anterior, mais uma vez percebemos que o filósofo, aqui o modelo de sábio estoico, é aquele que é dirigido e familiarizado com a razão universal, a relação entre ele e o mundo é indissolúvel. Para Pierre Hadot (2014a, p. 314), a figura do sábio é um ideal inalcançável, porém seguir este ideal é mais um exercício de reinserção no mundo que se torna sempre renovável.

Os filósofos contemporâneos possuem um modelo ideal de sábio? Vivem em busca da verdadeira felicidade<sup>49</sup>? A felicidade comum é um tipo de felicidade relacionada à satisfação dos desejos. Os homens comuns se declaram felizes à medida que experimentam prazeres, possuem riquezas, recebem cargos de prestígios. Ao contrário disso, a felicidade do filósofo tem a ver com viver a vontade dos deuses – Ser feliz, para eles, é ser afortunado no sentido de se dispor à sorte (BERTI, 2010, p. 266). Uma pessoa feliz não tem uma alma adoecida, pois buscar viver exercendo a liberdade, é viver distante das exigências do corpo. Com isto, os filósofos buscam incessantemente transcender o mundo do trabalho e se conectar com o Todo.

---

<sup>48</sup> “Os estoicos dizem ainda que o sábio é imune às paixões porque não pode cair diante delas. Mas, o termo “*apatia*” que designa propriamente a ausência das paixões, pode aplicar-se também ao homem mau, no sentido de que ele é insensível e não se deixa comover. O sábio é igualmente imune à soberba e à vaidade, e é também indiferente à glória e à obscuridade. Entretanto o termo “indiferente” a quem se inclui entre os temerários, ou seja, a um estulto. Esses filósofos dizem que todas as pessoas excelentes são austeras. Porquanto nem elas por si mesmas dão importância ao prazer, nem se deixa levar por outras às seduções do prazer. O termo “austero” aplica-se, entretanto, a outras pessoas, porém sua austeridade assemelhasse à aspereza do vinho próprio para fins medicinais, que não serve para ser bebido novamente” (Cf: D.L. VII. 117).

<sup>49</sup> “Sabe-se que a ética antiga se diferencia da moderna sobretudo por seu caráter eudaimonista, em vez de deontológico. Em outras palavras, à pergunta “Por que o bem deve ser preferido, por que deveria eu agir moralmente?”, a ética dos antigos responde “porque sim, e somente assim serás feliz (*eudaimon*)”, ao passo dos modernos responde com Kant: “Porque é teu dever”. Naturalmente, a promessa de felicidade como objetivo da conduta moral vem paulatinamente assumindo uma reflexão antiga caracteres diferentes e mais complexos” (VEGETTI, 2014, p. 27).

Há uma conversão à sabedoria atualmente? O que o conhecimento oferece à formação filosófica?

O conhecimento que é trazido hoje é através de um programa curricular, do estudo de uma disciplina ou outra sobre alguma perspectiva filosófica, que está distante de uma Maneira de Viver, de um ato de conversão. A filosofia moderna designa uma dedicação pontual diante de uma posição teórica (HADOT, 2014b, p. 148). Por exemplo, não somente a filosofia, mas a matemática e entre outras disciplinas foram fadadas a uma linguagem técnica, reservada para especialistas. Não obstante a disciplina da matemática para os Antigos designava um exercício de elevação espiritual do mundo sensível para o inteligível (HADOT, 2014a, p. 252).

Pobre enquanto riqueza exterior, o filósofo, no sentido Antigo do termo, vive para aquecer o calor vital, vive despreocupado com trabalhos inúteis. Rico enquanto à riqueza interior, o filósofo ama com ardor a sabedoria a ponto de levar uma vida de simplicidade, independência e generosidade. Dessa maneira, filosofar é mais que resolver problemas teóricos, é buscar resolver problemas práticos. O filósofo é aquele que vive sem pressa, que busca lidar com fatos essenciais à vida, enquanto tem o prazer de perceber o Todo (HADOT, 2014a, p. 303).

Uma das características definidoras das escolas filosóficas Antigas é seu traço terapêutico, a relação do cuidado com a sabedoria, embora seja guiada pela Maneira de Viver como fizeram os cínicos – enquanto investigam os falsos prazeres, seja perseguindo o prazer como os epicuristas, ou analisando as falsas opiniões. A filosofia Antiga, então, é um saber que liberta o filósofo das angústias e da miséria humana. É através dos Exercícios Espirituais que se pode encontrar a tranquilidade da alma e atingir a paz interior (HADOT, 2014b, p. 155).

Como bem disse Josef Pieper – a filosofia é inútil, já para Pierre Hadot (2014aa, p. 328), ela é um luxo. Hoje é preciso possuir certas condições econômicas para poder filosofar. Geralmente, os não filósofos consideram a linguagem da filosofia como algo abstrato e reduzido a um grupo específico, muitas vezes de privilegiados que, graças à suas condições econômicas, conseguem viver em meio ao ócio<sup>50</sup> e dedicação para estudar e aprender idiomas. Sendo que hoje somos configurados pela função de rentabilidade e lucro comercial (HADOT, 2014a, p. 328).

---

<sup>50</sup> Na obra *Ócio e Contemplação* de Pieper (2020), o ócio não é apenas uma pausa nas atividades, mas sim uma postura da alma que se abre para novas possibilidades. É importante ressaltar que o ócio não deve ser confundido com meros intervalos de descanso, tempo livre ou férias. Ele é um estado de espírito que se opõe ao modelo tradicional do trabalhador, seja em relação à atividade, esforço ou função social. Portanto, é fundamental compreender que o ócio é uma atitude profunda e transformadora, capaz de nos levar a novos horizontes.

Novamente a filosofia se distancia do mundo material, pois considerá-la um luxo é tê-la como algo afastado da nossa vida cotidiana. As nossas preocupações, angústias e medos relacionados à morte são temas de quê? A filosofia Antiga, a disseminada por Sócrates, é a que fala com todo mundo, que percorre mercados e comércios; é uma filosofia que tem não só conhecimento teórico, mas também ação. Um filósofo não é necessariamente um escritor, ou um professor universitário, é aquele que entrelaça o discurso filosófico a com vida concreta, e outrossim faz com as experiências filosóficas não discursivas, como a do amor em Platão, a da contemplação em Aristóteles, a unitiva de Plotino etc. (HADOT, 2014a, p. 337).

## 5 CONCLUSÃO

É possível sintetizar o pensamento de Pierre Hadot como a apresentação de uma filosofia prática guiada por um ideal de sabedoria, seja ela platônica, aristotélica, estoica etc. Além disso, esse ideal de sabedoria é regido pelo discurso filosófico dessas doutrinas. A percepção de Pierre Hadot diante às contradições expressas a partir das escrituras Antigas justifica a importância do discurso filosófico na formação espiritual, mas ele não era reduzido a si mesmo. No caso das máximas aurelianas, a escrita não cabia a um texto teórico – se trata da expressão de pensamentos, de uma fonte de sabedorias vividas, oriunda das práticas espirituais Antigas.

Pierre Hadot apresenta a filosofia a partir de uma relação viva do filósofo consigo mesmo e com os outros, por isso não se limita à articulação de jogos retóricos abstratos. Ainda mais, Pierre Hadot é um filósofo que se comunica indiretamente com o leitor através dos textos dos filósofos Antigos. Com seu trabalho, percebemos que o papel da filosofia não é necessariamente criar uma tese seminal, pois através de Marco Aurélio compreendemos que reviver ensinamentos, reproduzir os dogmas fundamentais do estoicismo a ponto de transformar a personalidade é um exercício filosófico.

Quando interpretamos o filósofo imperador à luz de Pierre Hadot, percebemos que ele não escreveu com intuito de produzir conceitos, nem resolver problemas metafísicos, e tampouco produzir uma obra para leitores. Marco Aurélio buscava transformar seu ser, buscava reviver os dogmas fundamentais sem necessariamente problematizá-los. O problema filosófico de Marco Aurélio era ele mesmo.

O resgate da expressão “Exercícios Espirituais” e os diversos exemplos aludidos por Pierre Hadot são fundamentalmente chaves de compreensão para o mundo Antigo, são meios para compreender os primórdios da filosofia ocidental, que era um conjunto de ascetes sustentadas pelo amor à sabedoria. Através do filósofo francês atinamos que a escrita de Marco Aurélio é um itinerário para progressão espiritual, que o conjunto de condutas tomadas durante a vida filosófica é um exemplo do exercício da razão que só se faz através da conversão – sobretudo, da filosofia como Modo de Vida.

## REFERÊNCIAS

- ARRIEN, **Manuel d'Épictète**. Introduction, traduction et notes par Pierre Hadot, *Classiques de la Philosophie*. Librairie Générale Française, 2000.
- BERTI, E. No **Princípio Era a Maravilha**: As grandes questões da filosofia antiga. Tradução de Fernando Soares Moreira. Edições Loyola: São Paulo, 2010.
- BUSELLATO, S. A Interpretação Nietzscheana de Pierre Hadot. **Cad. Nietzsche**. Porto Seguro. Vol. 42. N. 1. 2021, p. 253 – 274. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cniet/a/KGGHJsryZZtJkLKTWkqR9kd/#> Acesso em: 22 de novembro, 2021.
- BRANDÃO, B. G. S. L. A Filosofia Como Modo de Vida do Platonismo da Era Imperial e em Plotino. **Mirabilia**: Revista eletrônica de Antiguidade e Idade Média. N° 17, 2013.
- BRANDÃO, B. G. S. L. Filosofia Como Modo de Vida em Plotino. **Revista Diálogos Mediterrânicos**. Dossiê “Literatura e Mediterrâneo”, N° 4, 2013, p. 89 - 96. Disponível em: [Filosofia como modo de vida em Plotino - Dialnet \(unirioja.es\)](#) Acesso em: 05 de novembro, 2021.
- BRANDÃO, B. G. S. L. **Ascensão e Virtude em Plotino**. (Tese) Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2012.
- BRAICOVICH, R. On The Notion of Exercises in Epictetus. **Prometeus**, São Cristóvão, ano 7, n. 15, janeiro-junho, 2014.
- CORDEIRO, N. L. **A Invenção da Filosofia**. Tradução de Eduardo Wolf. São Paulo: Odysseus, 2011.
- DESCARTES, R. **Meditações**. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Nova Cultura, 1996. (Coleção Os Pensadores).
- DIÓGENES, L. **Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres**. 2° Ed. Tradução de: Mário da Gama Cury. Editora UNB: Brasília, 2008.
- FOUCAULT, M. **Ditos Escritos III**: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Organização de Manoel Barros da Motta. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos V**: Ética, sexualidade, política. Organização de Manoel Barros da Motta. Tradução Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.
- FOUCAULT, M. (1981-1982) **Hermenêutica do Sujeito**. Tradução Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade III**: O cuidado de si. Ed. 7° Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

GOURINAT, J. -B.; BARNES, J. **Ler os Estoicos**. Tradução de Paula S. R. C. Silva. São Paulo: Loyola, 2013.

GOLDSMICHMID, V. **A Religião de Platão**. Ed 2°. Difusão Europeia do Livro: São Paulo, 1970.

GRIMAL, P. **Marco Aurélio: O Imperador Filósofo**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

HADOT, P. **A Filosofia Como Maneira de Viver: Entrevistas de Jeannie Carlier e Arnould L. Davidson**. Tradução de Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: ÉRealizações, 2016.

HADOT, P. **Elogio da Filosofia Antiga**. Tradução de Flávio Fontenelle e Loraine Oliveira. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

HADOT, P. **Elogio de Sócrates**. Tradução de Flávio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

HADOT, P. **Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga**. Tradução de Flávio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: ÉRealizações, São Paulo, 2014a.

HADOT, P. **Exercices Spirituels et Philosophie Antique**. Nouvelle edition revue et augmentée. Paris, 2020.

HADOT, P. **La Citadelle Intérieure: Introduction aux Pensées de Marc Aurèle**. Paris: Fayard, 1992.

HADOT, P. **La Philosophie Comme Éducation des Adultes: textes. Persoectives, entretiens**. VRIN. 2019b.

HADOT, P. 1995. **Philosophy as a Way of Life**. Spiritual Exercises from Socrates to Foucault. Oxford: Blackwell Publishers, 2019c.

HADOT, P. **Não se Esqueça de Viver**. Lara Christina de Malimpensa. ÉRealizações: São Paulo, 2019a.

HADOT, P. **O Que é Filosofia Antiga**. 6ª edição. Tradução de Dion Davi Marcelo. Edições Loyola: São Paulo, 2014b.

HADOT, P. **Plotino ou a Simplicidade do Olhar**. Tradução de Flávio Fontenelle e Loraine Oliveira. ÉRealizações: São Paulo, 2019.

HADOT, P. **O Véu de Isis: Ensaio sobre a história da ideia de Natureza**. Tradução de Mariana Sérvulo. Editora Loyola: São Paulo, 2006.

HADOT, P. **Wittgenstein e os Limites da Linguagem**. Tradução de Flávio Fontenelle e Loraine Oliveira. ÉRealizações: São Paulo, 2014c.

HOFFMANN, P. Pierre Hadot (1922-2010), In Memoriam. **Archai**, n° 18, 2016, p. 291 – 316.

JUSTINO. **Dialogus cum Tryphone**. In: GOODSPEED, E. Die ältesten Apologeten. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1915.

MARCO AURÉLIO. **Meditações**. Introdução, tradução e notas de Jaime Bruna. Editora Cultrix, São Paulo, 1989.

MARCO AURÉLIO. **The Meditations of Marcus Aurelius Antoninus**. Translated of Georg Long. New York: The F. M. Lupton Publishinhg Company, 1892. p 5- 41.

NIETZSCHE, F. **Ecce Hommo**. 2º ed. Coleção grandes obras do pensamento universal 57: São Paulo, 2009.

PIEPER, J. **Que é Filosofar?** Tradução de Francisco de Ambrosio Pinheiro Machado. Ed 2º. Editora Loyola: São Paulo, 2014.

PIEPER, J. **Ócio e Contemplação**. Tradução de Alfred J. Keller. Editora: Kirion, São Paulo, 2020.

PINHEIRO, M. R. Ascese Cínica e a Oposição Nómos e Phýsis. PUC- Rio. N° 30. **O que nos faz pensar?** 2011. p. 239 - 251.

PINHEIRO, M. R. O Fedro e a Escrita. **Anais de Filosofia Clássica**. Vol. 2. n° 4, 2008.

PINHEIRO, M. R. O Exercício da Morte (Melète Thanatôu) no Prákitos de Evágrio Pôntico. **Síntese**. V. 48. N° 171. Belo Horizonte, 2021, p. 395 – 414.

PINHEIRO, M. R. BINGEMER, M. C. CAPELLI, M. **Mística e Ascese**. Editora Vozes: Rio de Janeiro, 2020.

PLATÃO. **Fédon**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3º ed. UFPA: Belém, 2011.

PLATÃO. **A República**. Edº 14. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Fundação Calouste Gulbenkia, 2021.

PLATÃO. **Fédon**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3º ed. UFPA: Belém, 2011.

PLUTARCO. **Obras Morales Y De Costumbres** (Moralia). Vol. III. Trad. Rosa María Aguilar. Madrid: ed. Gredos, 2016.

PORPHYRE. **De l'abstinence**. Texte établie et traduit par J. Bouffartigue et M. Patillon. 3 vol. Paris: Les Belles Lettres, 1979.

PUENTE, F. R. **Ensaio Sobre o Tempo na Filosofia Antiga**. Anablume. (Coleção Archai: As origens do pensamento ocidental, 3): São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, F. L. de. **A Tanatologia de Epicteto**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

OLIVEIRA, L. Dossiê Pierre Hadot: a filosofia como modo de vida. **Archai**, n° 18, sept. dec., 2016, p. 285 - 289.

OLIVEIRA, L. Justificativa para Veganismo em Porfirio de Tiro. In: Encuentro Internacional De Estudios Clasicos, XIII, Santiago, 2013. **Actas: Cultura Helenística y Cristianismo Primitivo: Actualidad de un (des) encuentro.** Santiago: Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación, 2013. p. 39 -52.

REALE, G. **Giovanni Reale: Convite ao pensamento antigo.** Org. Vincenzo Cicero. Tradução de Silvana Cobicci Leite. Edições Loyola: São Paulo, 2018.

REALE, G. **Estoicismo, Ceticismo e Ecletismo.** Vol. VI. Tradução de Marcelo Perine. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

REALE, G. **Renascimento do Platonismo e do Pitagorismo.** Vol. VII. 2º edição. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo, Edições Loyola, 2014a.

REALE, G. **Sofistas, Sócrates e Socráticos Menores.** Vol. II. 2º edição. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo, Edições Loyola, 2013.

REALE, G. **Platão.** Vol. III. 2º edição. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo, Edições Loyola, 2014b.

ROBINSON, T. M. **As Origens da Alma:** Os gregos e o conceito de alma de Homero a Aristóteles. São Paulo, Annablume, 2010.

ROBINSON, T. M. **A Psicologia de Platão.** Tradução de Marcelo Marques. Edições Loyola: São Paulo, 2007.

RODRIGUES, A. C. O. **Filosofia do Desapego:** A askesis de desapropriação epictetiana à luz da kathársis do Fédon de Platão. Editora Fi,: São Paulo, 2017.

SANTO INÁCIO DE LOYOLA. **Exercícios Espirituais:** Escritos de Santo Inácio. Tradução de R. Paiva. Edições Loyola: São Paulo, 2000.

SANTOS, M. M. A Tripartição da Filosofia na Idade Média e Antiguidade e suas Fontes em Platão. **Letras Clássicas.** N. 2. São Paulo, 1998, 219 - 249.

SÊNECA. **A Vida Feliz.** Tradução de Luiz Feracine. Editora Escala: São Paulo, 2006.

SÊNECA. **Edificar-se Para a Morte:** Das cartas morais a Lucílio. Tradução de Renata Cazarini de Freitas. Editora Vozes: Rio de Janeiro, 2016.

SÊNECA. **Cartas a Lucílio.** Tradução, prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos. 7º ed. Fundação Calouste Gulbenkia. Lisboa, 2021.

SILVA, S. P. O Sentido de Phrónesis e Moral Filosófica no Fédon. **Prometeus Filosofia,** nº 20. UFS, 2016.

STETTLER; M. J.; SHARPE, M. Of Cartesianism and Spiritual Exercises: Reading Descartes through Hadot, and Hadot through Descartes. **Philosophy Today,** 2020.

STEPHAN, C. L. **O Si Mesmo, Os Outros e o Mundo**: o diálogo interrompido entre Michel Foucault e Pierre Hadot. Ed. Veritas: Rio de Janeiro, 2021.

TESTA, F. FAUSTINO. M. **Filosofia como Modo de Vida**. Editora 70: São Paulo, 2022.

VEGETTI, M. **A Ética dos Antigos**. Editora: Paulus: São Paulo, 2014.